



A Tomada de Decisão Editorial no Fórum TSF

Sara Raquel Lopes

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Jornalismo

Trabalho realizado sob orientação de:

Professora Coordenadora: Doutora Anabela de Sousa Lopes

Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

Lisboa, março de 2021

Declaração

Declaro ser a autora deste relatório de estágio, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer uma das suas partes) a outra instituição de ensino superior para a obtenção de um grau académico ou outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho plena consciência de que o plágio poderá levar à anulação do presente trabalho.

Lisboa, março de 2021

A candidata,

Sara Lopes

Resumo

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito do Mestrado de Jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa. A investigação foi desenvolvida durante um estágio na TSF Rádio Notícias entre os dias 20 de janeiro e 9 de outubro de 2020.

O trabalho pretende ser uma análise à forma como o Fórum TSF – um dos símbolos da estação – decide o tema que vai ser levado a debate em cada dia. O objetivo deste relatório de estágio é identificar os critérios e valores-notícia utilizados pelo Fórum TSF para a tomada de decisão editorial e verificar se os mesmos coincidem com os de vários autores abordados ao longo deste trabalho de pesquisa. Durante os meses de estágio, foi possível acompanhar as várias fases de conceção do programa – desde a procura, a seleção da notícia e o resultado final – e perceber os motivos que levam o editor do Fórum TSF a escolher ou recusar um determinado tema. Além disso, também foi possível verificar a forma como as teorias de *gatekeeping* e *newsmaking* se aplicam nesta estação de rádio e identificar os temas que foram levados a debate mais vezes.

Para tal, foram analisados 137 fóruns entre os meses de janeiro e outubro, pelo que foi possível verificar que os temas de política, economia e sociedade foram os mais discutidos. Ao acompanhar de perto o Fórum TSF, verifiquei que a atualidade, a proximidade, o interesse e a novidade são critérios determinantes para a escolha do tema. No entanto, além de todos estes fatores, é fundamental também perceber se faz sentido discutir um determinado assunto, isto porque nem todas as notícias, por muito interessantes que sejam, têm margem para serem levadas a debate. Assim sendo, há três fatores essenciais para a tomada de decisão editorial do Fórum TSF: ser um tema importante que tenha margem para debate e que acrescente algo à emissão; que suscite o interesse dos ouvintes; e que permita ter vários convidados.

Palavras-chave: Valores-notícia; Rádio; Fórum de Discussão; Newsmaking; Jornalismo Participativo

Abstract

This internship report was carried out within the scope of the Master's degree in Journalism, from the School of Communication and Media Studies of the Polytechnic Institute of Lisbon. The investigation was carried out during an internship at TSF - Rádio Notícias between January 20th and October 9th of 2020.

The work intends to be an analysis of the way the TSF Forum – one of the station's symbols - decides which theme will be debated each day. The purpose of the internship report is to identify the criteria and news values used by the TSF Forum to make an editorial decision and to verify whether they coincide with those of several authors addressed throughout this research work. During the internship, it was possible to follow the various phases of the program's design – from the search, the selection of the news and the final result - and to understand the reasons that lead the editor of the TSF Forum to choose, or not, a certain topic. In addition, it was also possible to verify how the theories of gatekeeping and newsmaking apply to this radio station and identify the topics that were brought up for debate most often.

To this end, 137 forums were analyzed between the months of January and October, in which it was possible to verify that themes about politics, economics and society were the most discussed. When following the TSF Forum closely, I noticed that recency, proximity, interest and novelty are determining criteria for choosing the theme. However, and in addition to all these factors, it is also essential to understand whether it makes sense to discuss a given subject, because not all the news, no matter how interesting they may be, have room for debate. Therefore, there are three essential factors for the TSF Forum's editorial decision-making: being an important topic that has room for debate and that adds something to the TSF's antenna; be a topic that arouses the interest of listeners; be a theme that allows you to have several guests.

Keywords: News values; Radio; Discussion Forum; Newsmaking; Participatory journalism;

Agradecimentos

Antes de mais, um agradecimento especial à minha orientadora Anabela de Sousa Lopes e ao professor Carlos Andrade, por me terem acompanhado desde o primeiro dia, por todo o apoio e ajuda que me deram sempre que lhes foi possível.

Pelo apoio constante, muita gratidão à minha família e amigos que sempre me incentivaram e me fizeram acreditar que tudo é possível. Com eles do meu lado, o caminho para chegar até aqui tornou-se mais fácil.

Tudo isto sem esquecer o que devo à Escola Superior de Comunicação Social, instituição que me acolheu de braços abertos e que contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional e me proporcionou momentos e aprendizagens que levarei comigo para o resto da vida.

Um agradecimento especial à TSF Rádio Notícias, que foi a “casa” que me acolheu durante meses e que sempre se mostrou disponível para me ajudar em tudo o que fosse preciso e, principalmente, por me ter permitido regressar ao estágio mesmo com todas as dificuldades provocadas pela Covid-19.

Aos jornalistas Anselmo Crespo, Pedro Pinheiro e Ricardo Alexandre, uma palavra de gratidão por me terem acompanhado ao longo do estágio; que estendo ao Manuel Acácio, à Fernanda Oliveira e ao Mário Fernando, por toda a disponibilidade e por me acolherem de braços abertos, evidenciando os valores do Fórum TSF.

Sem esquecer a Gabriela Batista, Miguel Fernandes, Teresa Mota, Pedro Soares e todos aqueles que se disponibilizaram para me ajudar e corrigir os meus erros e por todos os ensinamentos que certamente levarei para a vida.

Agradeço ainda às minhas colegas de estágio, Carolina Quaresma e Filipa Murta, pelo apoio incondicional e por terem estado sempre presentes nesta caminhada.

Índice

Declaração anti-plágio.....	1
Resumo.....	2
Abstract.....	3
Agradecimentos.....	4
Introdução.....	11
Metodologias.....	13
1. A inserção do público na prática jornalística	16
1.1. O aparecimento do jornalismo público/cívico.....	17
1.1.1. A crise do jornalismo nos anos 80.....	17
1.1.2. O combate à crise e a renovação do jornalismo.....	18
1.1.3. As principais objeções	20
1.1.4. As respostas às críticas.....	21
1.2 O jornalismo participativo.....	22
1.2.1. Um novo conceito.....	22
1.2.2 O contributo da tecnologia	24
1.2.3 Dos blogues às redes sociais.....	25
1.2.4 Os projetos impulsionadores do jornalismo participativo.....	26
1.2.5 As principais críticas.....	27

1.3 A interatividade na rádio e os fóruns de discussão.....	28
1.3.1 O aparecimento de programas de antena aberta.....	28
1.3.2 Os fóruns de discussão.....	29
2. O processo de decisão editorial.....	32
2.1. A teoria do <i>gatekeeper</i>.....	33
2.1.1. David White e o conceito de <i>gatekeeper</i>	33
2.1.2. O modelo de comunicação de George Gerbner.....	34
2.1.3 O modelo de comunicação de McNelly.....	35
2.1.4. O modelo de “dupla ação” de Bass.....	35
2.1.5. O modelo de Pamela Shoemaker e o processo de <i>gatekeeping</i>	36
2.1.6. As práticas do <i>gatekeeping</i>	36
2.2 Do <i>gatekeeper</i> ao <i>gatewatching</i>.....	37
2.2.1 <i>Gatewatching</i> : um novo conceito.....	37
2.2.2. O papel do <i>gatewatcher</i>	37
2.3 A teoria do <i>newsmaking</i>.....	39
2.3.1. O percurso da notícia.....	39
2.3.2 O modelo de construção noticiosa de Nuno Crato.....	40
2.3.3. O modelo de Maria Dolores Montero.....	40
2.3.4. A construção noticiosa segundo Herreros.....	41

2.4 Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia.....	41
2.4.1. Os critérios de noticiabilidade.....	41
2.4.2. Os valores-notícia.....	42
2.4.3 Os critérios e valores-notícia segundo vários autores... ..	42
i. Tobias Peucer.....	42
ii. Frase Bond.....	42
iii. Galtung e Ruge.....	43
iv. Teun A. van Dijk.....	43
v. Walter Lippmann.....	44
vi. Mariano Herreros.....	44
vii. Carl Warren.....	44
viii. Stella Martini.....	44
vx. Lorenzo Gomis.....	45
x. Mauro Wolf.....	45
xi. Nelson Traquina.....	46
3. Descrição da entidade de acolhimento.....	48
3.1. TSF - Rádio Notícias.....	49
3.1.1. A emissora de radiodifusão: TSF - Rádio Notícias.....	49
3.1.2. TSF <i>Online</i>	54
3.1.3 Fórum TSF.....	55
3.2. TSF - Rádio Notícias, como parte do universo da Global Media Group.....	56

4. Estudo de caso: A tomada de decisão editorial do Fórum TSF.....	58
4.1. Métodos utilizados para a análise.....	59
4.2. Apresentação dos resultados.....	60
4.2.1. Os temas debatidos no Fórum TSF.....	61
4.2.2. As várias etapas.....	64
4.2.3. Os critérios para a escolha do tema.....	66
4.2.4. Considerações finais.....	68
5. O estágio na TSF.....	71
5.1. O início do estágio: Jornal de Desporto.....	72
5.2. Acompanhamento do Fórum TSF e a reportagem “Fotografia Triunfo”.....	73
5.3. A passagem pela TSF <i>Online</i>.....	74
5.4. Do <i>Online</i> para a Antena.....	75
Conclusão.....	78
Bibliografia.....	80
Anexos.....	87

Índice de Anexos

1. Certificado de participação em Estágio Curricular na TSF - Rádio Notícias.....	87
2. Parecer do Responsável de Estágio.....	88
3. Análise do Fórum TSF entre os meses de janeiro e outubro.....	90
4. Entrevista a Manuel Acácio.....	132
5. Entrevista a Mário Fernando.....	143
6. Entrevista a Fernanda Oliveira.....	149
7. Apresentação do tema do dia do Fórum TSF no <i>site online</i>	152
8. Exemplo das perguntas específicas do Fórum TSF.....	153
9. Diário de Bordo: Jornal de Desporto.....	153
10. Alguns trabalhos realizados na secção do desporto.....	156
A. Que “vença o melhor”. Jefferson de coração dividido na meia-final da Taça da Liga.....	156
B. Liderança de Varandas e “decadência prolongada” preocupam ex-dirigente da SAD leonina.....	157
C. Frederico Varandas diz que “havia risco de falência” quando chegou ao Sporting.....	158
11. Reportagem sobre a Fotografia Triunfo.....	161
12. Diário de Bordo: <i>Online</i>	163
13. Alguns trabalhos realizados no <i>Online</i>	170
A. Estudos que valem milhares de milhões. Livro lança reflexão sobre doenças raras.....	170

B. “Varandas tem de saber o que fazer.” Sousa Cintra e a troca de treinador em Alvalade.....	171
C. “É importante que todos sigam as recomendações da OMS.” O apelo de Ronaldo como “pai”.....	173
14. Diário de Bordo: Antena.....	173
15. Alguns trabalhos realizados na Antena.....	176
A. Peça sobre as novas matrículas.....	176
B. Revista de imprensa.....	177
C. Noticiário.....	181
D. Peça sobre debate de Joe Biden e Donald Trump.....	183

Introdução

A rádio, assim como a imprensa e a televisão, recorrem a uma seleção de conteúdos que lhes chegam diariamente. Tendo em conta que o espaço mediático de cada um destes meios é limitado, nem todos os acontecimentos são escolhidos para fazerem parte do conjunto de notícias que vão chegar ao conhecimento do público. Assim, é necessário que um ou mais intervenientes se responsabilizem por esta seleção e decida quais os acontecimentos que devem ser tratadas e transformadas em notícia. Esta escolha é feita segundo critérios de noticiabilidade e valores-notícia.

O presente relatório de estágio resulta de um conjunto de aprendizagens teórico-práticas – adquiridas na Escola Superior de Comunicação Social, no Mestrado em Jornalismo – e aprendizagens práticas proporcionadas pelo estágio curricular na TSF Rádio Notícias, entre os dias 20 de janeiro e 9 de outubro de 2020. O objetivo da investigação foi identificar os critérios utilizados no Fórum TSF para decidir o tema que vai ser levado a debate em cada dia. “O Fórum TSF é uma referência da rádio portuguesa e tem lugar garantido quando se fizer a história da comunicação social: pelo pioneirismo, pelo impacto” (Meneses, 2003, p.193). Sendo um dos programas de rádio mais conhecidos no país e por possibilitar a participação dos ouvintes nas notícias do dia a dia, o que se pretende com este trabalho de pesquisa é perceber o que leva o editor do fórum, Manuel Acácio, a optar por certos temas em vez de outros; e, segundo os critérios utilizados, verificar se os mesmos coincidem com os de vários autores abordados ao longo deste trabalho de pesquisa, como Mariano Herreros, Mauro Wolf, Teun & Van Dijk, Carl Warren, Stella Martini, Nelson Traquina e Pamela Shoemaker. Assim cheguei à questão de partida deste relatório de estágio: quais são os critérios utilizados pelo editor do Fórum TSF para selecionar o tema que vai ser levado a debate?

A escolha da notícia/assunto do Fórum TSF passa por várias etapas. Ao longo do estágio curricular na TSF Rádio Notícias, foi possível acompanhar as várias fases de conceção do programa, desde a procura e a seleção de notícias, até ao resultado final. Tendo em conta que a participação dos ouvintes é um fator essencial do Fórum TSF, torna-se fundamental que o tema escolhido para debate seja de interesse para o público, estimulando a inscrição e participação. Admiti desde o início que há temas que chamam mais a atenção do que outros. Para identificar os temas que vão mais vezes a debate, foram analisados 137 fóruns (30 semanas), desde 20 de janeiro a 9 de outubro, sendo importante sublinhar que o programa

esteve de férias entre 13 de julho a 11 de setembro. Através desta análise e ao acompanhar de perto o Fórum TSF ao longo dos meses de estágio, foi possível verificar os critérios e os motivos que levam o editor do programa a optar por determinadas notícias.

De modo a responder à questão de partida, o presente relatório de estágio está dividido em cinco capítulos.

Os dois primeiros capítulos correspondem à revisão da literatura. O primeiro diz respeito à inserção do público na prática jornalística. O jornalismo passou por várias mudanças ao longo dos anos e começaram a surgir conceitos que antes não existiam. Assim, no primeiro capítulo, são abordados alguns desses conceitos, como o jornalismo público/cívico e o jornalismo participativo. O objetivo é perceber a origem tanto do jornalismo público como do jornalismo participativo, as suas características e os motivos que determinaram a necessidade de incentivar a população a participar ativamente em questões da esfera pública. O terceiro ponto do primeiro capítulo dá especial atenção à forma como a rádio começou também a recorrer a programas de “antena aberta”, possibilitando a inclusão e interação dos cidadãos. Surgiram os fóruns de discussão, como o Fórum TSF, pioneiro em Portugal, que marcaram a evolução da rádio, ao proporcionarem uma comunicação bilateral. O segundo capítulo destaca o processo de decisão editorial, concentrando-se nas teorias de *gatekeeping* e *newsmaking*. No que diz respeito à teoria do *gatekeeping*, é feita uma contextualização deste termo criado por Lewin e que mais tarde foi aplicado ao jornalismo. David White, George Gebner, Westley & MacLean, Bass e Pamela Shoemaker foram alguns dos nomes que estudaram o conceito de *gatekeeper*. A criação de *sites* de notícia fez com que o trabalho dos *gatekeepers* perdesse um pouco o seu valor, pois já não era fulcral a existência de alguém que decidisse quais os acontecimentos que se iam tornar notícia ou não, tendo em conta que na Internet o espaço é ilimitado e, de certa forma, há lugar para tudo. Por isso, surgiu um novo conceito – o de *gatematching* – introduzido por Alex Bruns. O segundo ponto deste capítulo foca-se nesta evolução do conceito de *gatekeeping* para *gatematching*. Para além da teoria do *gatekeeper*, a teoria do *newsmaking* é fundamental para entender todo o processo de construção de uma notícia. Para o presente trabalho, foram estudados os modelos de construção noticiosa de alguns autores, como Nuno Crato, Maria Dolores Montero e Mariano Herreros. O último ponto deste capítulo é dedicado aos critérios de noticiabilidade e aos valores-notícia que levam à seleção noticiosa.

O terceiro capítulo diz respeito à descrição e caracterização da entidade de acolhimento, a TSF Rádio Notícias, atualmente inserida na Global Media Group, um dos maiores grupos de media em Portugal. É feita também uma contextualização da história da TSF, desde a sua criação até à atualidade, incluindo uma descrição dos programas de maior renome na atualidade. Ainda neste ponto, é destacada a TSF *Online*, que marcou a extensão da rádio para a Internet e que acaba por ser um complemento à informação transmitida por radiodifusão. Por último, e dado que o objeto de estudo é o Fórum TSF, uma parte deste capítulo é dedicada ao programa e à sua evolução ao longo do tempo.

O quarto capítulo incide sobre a experiência do estágio na TSF, os conhecimentos que obtive ao longo dos meses, assim como as principais tarefas que me foram propostas. Ao longo do estágio, percorri várias equipas e turnos que me proporcionaram sempre desafios diferentes. Neste capítulo, explico ainda quais foram as minhas maiores dificuldades e os pontos positivos e/ou negativos desta experiência.

O quinto e último capítulo corresponde à análise e aos resultados obtidos após oito meses a acompanhar o Fórum TSF. São mencionadas as várias etapas e os critérios que levam o editor do fórum a determinar qual vai ser o tema de debate em cada dia.

Metodologias

De modo a encontrar respostas para a pergunta de partida, coloquei em prática vários métodos de investigação, desde a análise documental, observação participante e entrevistas. Numa primeira parte, ainda antes de iniciar o estágio na TSF, analisei monografias, teses de doutoramento, textos académicos e outras obras relacionados com os temas que faziam sentido desenvolver neste trabalho, tais como o jornalismo público, o jornalismo participativo, a teoria de *gatekeeping* e a teoria de *newsmaking*. Antes de iniciar o estágio, realizei também uma pesquisa sobre a TSF - Rádio Notícias e o programa objeto de estudo – o Fórum TSF. Assim que entrei na TSF (20 de janeiro) até ao último dia (9 de outubro) o principal método de investigação foi a observação participante, que me permitiu estabelecer contacto com o objeto de pesquisa. Acompanhei de perto o Fórum TSF durante duas semanas (desde o dia 17 de fevereiro até ao dia 28 de fevereiro), tendo tido oportunidade de observar todo o processo que leva à tomada de decisão do tema de cada dia, assim como a escolha dos convidados e dos ouvintes. Durante estes dias, fui desde logo colocando algumas das minhas

questões a Manuel Acácio (editor do programa) e Fernanda Oliveira, (responsável pela produção) que sempre se mostraram disponíveis para me ajudar. Dado que estas questões eram espontâneas e surgiram durante as conversas que tinha com os profissionais, não foi possível gravá-las, mas procurei sempre apontar as respostas num caderno. Foi também nesta altura que percebi que os jornalistas que estavam na redação antes de começar o Fórum TSF tentavam sempre dar uma opinião e/ou sugestões quando o Manuel Acácio tinha dúvidas em relação a um certo tema. Desta forma, foi possível observar a forma como o editor do fórum atua enquanto *gatekeeper* e o modo como a rotina profissional condiciona a seleção do assunto do dia. A observação participante foi um método que permitiu acompanhar as experiências diárias e as dificuldades que o editor do fórum pode ter, assim como os obstáculos que podem surgir e que condicionam o programa.

Quando passei por outras secções e turnos, como o Jornal de Desporto, a Manhã 1, a Manhã 2, a Tarde e a TSF *Online*, nunca deixei de acompanhar o Fórum TSF, mas cessou a minha relação direta com o objetivo de estudo, pelo que recorri a uma observação não participante. Todos os dias ouvia o programa, registava o tema do fórum e as perguntas que eram feitas aos convidados e aos ouvintes. Assim sendo, optei por escrever um “diário de bordo” para registar não só as observações diárias, como também todos os trabalhos que realizei ao longo do estágio. Através desses dados, foi possível realizar um esquema para cada um dos 137 fóruns analisados desde o dia 20 de janeiro a 9 de outubro, com a ressalva de que o programa esteve de férias entre 13 de julho a 11 de setembro. Esta análise permitiu-me perceber que temas eram mais vezes abordados no Fórum TSF. Para perceber a razão pela qual há temas que não são tão debatidos, realizei entrevistas aos três profissionais determinantes para o Fórum TSF enquanto lá estive: Manuel Acácio, Fernanda Oliveira e Mário Fernando (que substituiu Manuel Acácio devido a rotação de jornalistas decorrente da pandemia). As entrevistas, que foram gravadas e depois transcritas, foram fundamentais para compreender os pontos de vista de cada um e perceber melhor as motivações que levam à escolha do tema. Como o estágio esteve suspenso entre março e setembro, colocou-se a hipótese de realizar as entrevistas através do telemóvel ou por videochamada. No entanto, e como tive a possibilidade de regressar ao estágio, optei por uma entrevista presencial, uma vez que tem níveis de resposta mais elevados do que outros tipos de entrevista. Segundo Ghiglione & Matalon (2001) as entrevistas permitem explorar algo que não conhecemos, aprofundar determinados assuntos em que é necessário uma maior explicação, verificar se aquilo que conhecemos e aprendemos está, de facto, correto e validar os resultados que obtivemos. As

entrevistas foram estruturadas, ou seja, realizei previamente um guião com as perguntas que fazia sentido colocar a cada um dos entrevistados para que me fornecessem as informações que eu necessitava para a investigação. Apesar de ter definido previamente as perguntas, na altura da entrevista e à medida que os entrevistados iam respondendo e dando alguns exemplos, surgiam sempre outras questões, em que não pensara previamente e que acabaram por contribuir para a investigação. Resumidamente, os métodos de investigação utilizados foram a análise de conteúdos, a observação participante e não participante e a realização de entrevistas. Todas estas metodologias foram essenciais para atingir o principal objetivo e responder à questão de partida deste trabalho: como é feita a tomada de decisão editorial do Fórum TSF?

Parte I

A Inserção do Público na Prática Jornalística

1.1 O aparecimento do jornalismo público/cívico

1.1.1 A crise do jornalismo nos anos 80

Os anos 80 foram decisivos para ultrapassar a crise no jornalismo que se fazia sentir na época. A diminuição do número de leitores, o aumento da desconfiança face aos media e a indiferença da audiência perante temas de interesse público eram notáveis, o que levou a um maior distanciamento entre os jornalistas e os cidadãos. Com o futuro do jornalismo em risco, começaram a ser colocados em prática princípios do jornalismo moderno, que ficaram conhecidos como jornalismo comunitário (Craig, 1995), jornalismo público (Rosen, 1994; Merritt, 1995) e jornalismo cívico (Lambeth e Craig, 1995). Segundo Mesquita (2000, p. 61 e 62), a teorização deste novo jornalismo deve-se sobretudo a três fatores: 1) a influência das teorias do comunitarismo, no âmbito da filosofia política; 2) a crítica ao comportamento e atitude de ceticismo dos jornalistas perante a política, o que contribuiu para o desinteresse dos cidadãos; a crise de credibilidade da imprensa e dos media, observada através de estudos de opinião.

O conceito de jornalismo cívico ganhou relevo no final da década de 80 após críticas à cobertura da campanha presidencial norte-americana, que ficou marcada pela publicidade negativa e por questões secundárias, abordagens superficiais e a dependência dos jornalistas de fontes oficiais.

“A primeira manifestação do jornalismo cívico nasceu da frustração acerca da cobertura presidencial. Muitos acreditaram que os media foram transformados pelas táticas de campanha negativa, obcecados com a cobertura do tipo corrida de cavalos e esquecidos em relação às questões julgadas importantes pelos leitores” (Shepard, 1994, p. 30).

A campanha eleitoral de 1988 foi considerada o ápice da síndrome pós-Watergate¹, que levou a uma mudança de postura por parte dos jornalistas, uma vez que começaram a tratar todas as figuras políticas como suspeitos. “Bons repórteres seriam aqueles que se enraízam dentro da cobertura de um acontecimento, contam a verdade com bravura, detêm os Joseph McCarthy e os Richard Nixon e expõem a corrupção” (Charity, 1995, p.9). Essa nova norma jornalística, cujo objetivo era “apanhar ladrões” (Traquina, 2015) contribuiu para aumentar a

¹ Escândalo político que aconteceu em 1974 nos Estados Unidos que acabou por culminar com a renúncia do presidente Richard Nixon, do Partido Republicano. Mais informações no *site*: <https://expresso.pt/actualidade/watergate-o-dia-em-que-nixon-se-demitiu=f667167>

desconfiança do público perante os media. As práticas jornalísticas começaram a ser postas em causa e foi necessário procurar outras alternativas.

1.1.2. O combate à crise e a renovação do jornalismo

Davis Merritt – defensor da democracia participativa e considerado um dos pais do jornalismo público – foi um dos jornalistas que, durante as eleições presidenciais, sustentou a necessidade de proporcionar uma discussão mais séria sobre assuntos de interesse público envolvendo os cidadãos. “Duas suposições são fundamentais: a vida pública não vai bem e o jornalismo enquanto profissão está em dificuldade” (Merritt, 2005). Segundo o jornalista, a vida pública necessita do envolvimento de cidadãos conscientes e a missão do jornalismo, para além de informar e dar notícias, também deve ser revitalizar e melhorar a vida pública. Para que tal se tornasse possível, impunham-se necessárias mudanças. Uma delas foi começar a conceber o público não só como leitores e consumidores, mas como participantes ativos na vida democrática, priorizando, desta forma, as ligações com os cidadãos.

O movimento, que foi considerado um sucesso, reafirmou a democracia e incentivou a participação política da população, que começou a ganhar voz e a ter espaço para debater problemáticas como o racismo, crime, imigração, pobreza e desemprego. Desde as eleições presidenciais de 1988, surgiram mais de 200 projetos de jornalismo cívico, cujo objetivo era renovar o jornalismo norte-americano e estimular a participação dos cidadãos. Um deles foi o do Columbus Ledger Enquirer (Geórgia) que, em 1988, assumiu um papel de ativista e procurou perceber quais os problemas que mais inquietavam a população, criando mais tarde um movimento de cidadãos. “Unidos para além de 2000” foi um movimento apoiado pelo jornal que criou estratégias para enfrentar alguns dos problemas mais graves. A partir de então, o Columbus Ledger Enquirer passou a dedicar espaço próprio para colocar cartas e artigos dos leitores sobre a região. Entretanto, o jornal de Davis Merritt – Wichita Eagle (Kansas) – lançou o Voter Project, projeto de jornalismo cívico, em 1990, cujo objetivo era identificar as principais preocupações dos cidadãos através de sondagens de opinião. Ao identificar as questões mais votadas, o jornal – para além de publicar artigos fundamentados sobre as mesmas - colocou a posição dos candidatos sobre cada uma delas. Mais tarde, surgiu o People Project: Solving It Ourselves, que permitia a participação dos cidadãos na resolução de problemas. Em 1992, o jornal Charlotte Observer (Carolina do Norte) deu ênfase ao jornalismo cívico ao criar um projeto focado nas preocupações dos leitores. Os cidadãos sugeriam perguntas e os jornalistas colocavam essas questões aos próprios candidatos. O

jornal San Jose Mercury (Califórnia) começou a distribuir cartas dos leitores por toda a redação com o objetivo de alertar para os temas mais interessantes para o público. Todos estes projetos procuraram estabelecer uma agenda dos cidadãos², reconhecer e valorizar os principais problemas mencionados pela comunidade.

Jay Rosen, um dos fundadores do movimento de jornalismo cívico, partilhava da mesma visão que Davis Merrit no que diz respeito à democracia participativa: “O jornalista pode e deve ter um papel no reforço da cidadania, melhorando o debate público e ressuscitando a vida pública” (Rosen, 1994, p. 373). Na tentativa de “criar um espaço entre prática e pensamento”³, Jay Rosen criou um projeto chamado Public Life and the Press. Segundo Jay Rosen (1994, p. 376), o jornalismo cívico é:

“Quebrar com velhas rotinas, um desejo de ‘estar ligado de novo’ com os cidadãos e as suas preocupações, uma ênfase na discussão séria como atividade principal na vida democrática, e um foco nos cidadãos como atores do drama público em vez de espectadores”.

Para Rosen (1994), o jornalismo público veio em resposta aos “toques do alarme” no jornalismo: 1) alarme económico, devido à queda no número de leitores e dificuldades na publicidade; 2) alarme tecnológico, proveniente das dificuldades na adaptação à mudança para um sistema de comunicações reconfigurado; 3) alarme político, uma vez que a imprensa era vista como parte de uma classe política enfraquecida; 4) alarme ocupacional, devido à necessidade de as redações se transformarem em espaços de inovação, democracia e diversidade; 5) alarme espiritual, que adveio em consequência da ausência de uma visão afirmativa da política e da vida pública por parte dos jornalistas; 6) e alarme intelectual, devido a um fraco vocabulário jornalístico.

Este novo jornalismo seria o mais parecido com uma conversa, mas, ainda assim, deve seguir alguns dos valores defendidos pelo jornalismo tradicional, tais como: liberdade de imprensa, para que possam ser relatados todos os factos; credibilidade, criada através da verificação das informações fornecidas pelas fontes; objetividade, de modo a que as informações não se vinculem a quaisquer interesses pessoais; independência e autonomia, que permitem o jornalista fazer o trabalho sem ceder a pressões; e verdade, pois todas as

² “Agenda menos determinada por definidores primários e mais centrada nas questões de interesse público” (Charity, 1995). É uma das principais ferramentas dos profissionais do jornalismo público, abre espaço para os assuntos que dizem respeito à sociedade

³ Jay Rosen, 1994, p. 370

informações divulgadas devem ser claras, honestas e precisas (Traquina, 2002). Perante estas mudanças no que diz respeito ao jornalismo tradicional, também o papel dos jornalistas sofreu alterações. Os jornalistas, “mais do que simples observadores, estão dispostos a associar-se na criação de uma comunidade bem ligada, acrescentando a capacidade cívica. Nesse sentido, eles próprios são atores políticos” (Rosen, 1994, p. 381). Já não bastaria apenas informar os cidadãos; outra das funções dos jornalistas era também formá-los, de modo a conseguirem desenvolver o espírito crítico dos cidadãos, visto que o objetivo deste novo jornalismo era motivar as pessoas para se começarem a envolver nos assuntos de interesse público. Para que tal fosse possível, era fundamental “aprofundar as matérias relevantes de modo a focar nelas a atenção da comunidade. Só assim os cidadãos poderiam deliberar com conhecimento de causa sobre as principais questões da vida comunitária” (Mesquita, 2000, p. 32). Os defensores do jornalismo cívico acreditavam, portanto, na necessidade de:

“Voltar a ligar os meios de comunicação aos problemas das populações locais para os incentivar a agir em defesa da solução desses problemas. As suas duas premissas são: algo vai mal na sociedade e nos seus valores; algo também vai mal no jornalismo, que declina nas tiragens e no interesse e consideração dos leitores” (Cascais, 2001, p. 120).

1.1.3. As principais objeções

Porém, este novo jornalismo também foi alvo de muitas críticas e objeções. Lippmann, que defende uma concepção liberal e mais individualista, acreditava que o papel da imprensa não deveria ser promover o debate público, mas sim informar os cidadãos de forma objetiva. De acordo com Lippmann, os cidadãos não tinham capacidade nem interesse para discutir e debater assuntos públicos de forma responsável: “O jornalismo de informação devia ser científico e objetivo, ao contrário de uma imprensa de opinião e debate que, segundo Lippmann, só acaba por expressar posições partidárias e ideológicas” (Castillo, 2004, p. 13). A contestação por parte de Lippmann levou a um debate crítico com John Dewey⁴. A visão de Lippman sobre o papel dos cidadãos numa democracia foi criticada por Dewey, que defendia uma posição mais participativa e democrática. Apesar de não menosprezar a importância dos especialistas – algo que Lippmann ressaltou, – Dewey também acreditava que o público podia participar de forma ativa e responsável nos processos de decisão política.

⁴ Escreveu a obra “The Public and its problems” (1927) e as suas ideias inspiraram o jornalismo público. O filósofo defendia que os jornais deviam tornar-se veículos de debate e educação pública

Tanni Haas e Linda Steiner analisam as críticas ao jornalismo público e defendem que um dos maiores problemas de que enfermava é o facto de os “seus partidários terem dado apenas uma noção demasiado vaga e imprecisa de um movimento cujo principal objetivo era promover a participação cívica no processo democrático” (Haas e Steiner, 2006, p. 239), tornando-se difícil a diferenciação com outras formas de jornalismo. Segundo Coleman, a ausência de uma definição consensual pode ter consequências devido a dois motivos:

“(1) Embora o jornalismo público atue no contexto de conceitos teóricos subjacentes, sem um fundamento teórico explícito pode diluir-se e a sua agenda de pesquisa pode ser difícil de formular; e (2) as críticas não podem ser dirigidas com eficácia e várias interpretações da perspectiva do jornalismo público podem distorcer os seus objetivos” (Coleman, 2003, p. 61).

Algumas das principais acusações ao jornalismo público analisadas por Haas e Steiner (2006) são, portanto: falta de uma clara definição conceitual; o facto de ser uma estratégia com fins lucrativos; a inapropriada resolução dos problemas por parte dos jornalistas; carência de uma visão coerente e útil do público; e abdicação das responsabilidades profissionais. A perspectiva de autores como Hard (1999) e Mindich (2006) sobre este novo jornalismo também foi sublinhada por Haas e Steiner. O primeiro considera que o jornalismo público é apenas uma estratégia de marketing, que se preocupa mais em aumentar os lucros das empresas de media do que em servir as necessidades democráticas dos cidadãos. Por outro lado, Mindich rejeita a ideia de que o jornalismo público consiga fazer com que os jovens se voltem a interessar por notícias.

“As principais objeções ao jornalismo cívico respeitam os seguintes aspetos: o desenho de um novo perfil de jornalista-participante, em prejuízo da atitude clássica do jornalista observador; o abandono das concepções tradicionais de ‘distanciamento’ jornalístico, em benefício da defesa de causas comunitárias, correndo-se o risco de alinhamento explícito de jornais e jornalistas ao lado de determinadas correntes política; o aparente desinteresse da corrente por formas de autorregulação, como sejam conselhos de imprensa e ombudsmen, ao contrário da doutrina da responsabilidade social definida nos anos 40.” (Mesquita, 2003, p.26)

1.1.4. As respostas às críticas

No que diz respeito à crítica de que o jornalismo público é apenas uma estratégia de marketing, Haas e Steiner contrariam esta ideia ao dar o exemplo do Wichita Eagle, que,

além de não ter tido um grande aumento no número de leitores, também investiu financeiramente em questões relacionadas com segmentos desfavorecidos. Por esse motivo, a acusação relativamente à estratégia comercial do jornalismo público estaria, assim, refutada, visto que a maior preocupação é a responsabilidade social e não o lucro.

“Poucos defensores têm explicitamente considerado a capacidade do movimento de jornalismo público para defender os seus objetivos dentro dos sistemas de media comercial. Assim, as esperanças podem ser ingénuas. Por outro lado, os impactos dos projetos de jornalismo público têm produzido, na melhor das hipóteses, apenas um ‘modesto’ aumento de leitores/assinantes. Até mesmo o caso do pioneiro do jornalismo público, o jornal Wichita Eagle, de Davis Merritt, perdeu circulação e não há nenhuma evidência que sugira que o jornalismo público aumente os lucros, na verdade os projetos são dispendiosos.” (Haas e Steiner, 2006, p. 243)

De acordo com Jay Rosen (1999, pp. 22 e 23), é possível compreender o jornalismo cívico através de cinco formas: como um experiência, numa tentativa de deixar para trás as rotinas habituais e, ao mesmo tempo, fortalecer a vida pública; como um movimento, que juntou os jornalistas, os académicos e os cidadãos; como um argumento, no que diz respeito à forma como a prática jornalística estava a ser feita nos EUA; como um debate, sobretudo relacionado com a contribuição da imprensa para o fortalecimento da democracia americana; e como uma aventura, que levou a um novo formato de imprensa.

Apesar da falta de uma definição conceptual de jornalismo público, este difere do jornalismo tradicional “por se concentrar nos problemas das pessoas comuns, nas suas preferências quanto aos assuntos, e no fornecimento da informação, que é de importância prática para aqueles que estão interessados em envolver-se ativamente no processo político” (Eksterowics; Roberts e Clark, 2003, p. 98). O jornalismo público, além de cumprir o papel essencial do jornalismo – o de informar os leitores – também seria um instrumento de revitalização da democracia, focado no cidadão, que passa a ocupar um papel primordial no jornalismo e começa a fazer parte das rotinas produtivas dos jornalistas. Se antes eram meramente espectadores, com o advento do jornalismo público, passariam também a ser atores da vida pública.

1.2. O Jornalismo Participativo

1.2.1. Um novo conceito

O jornalismo participativo ou o chamado jornalismo do cidadão é muitas vezes comparado com o jornalismo público/cívico, visto que ambos se focam numa relação mais próxima entre jornalistas e cidadãos, sobretudo através do diálogo e da participação ativa em questões da esfera pública. A diferença entre os dois é que, no primeiro, o conteúdo é produzido pelos próprios cidadãos comuns, por vezes em cooperação com jornalistas, fazendo com que a participação do público seja muito mais intensa do que no jornalismo cívico. O jornalismo participativo tem início, meio e fim no público, ao contrário do jornalismo cívico, onde tudo era feito por editores e repórteres nas salas de redação.

Há diferentes conceitos para este novo tipo de jornalismo: jornalismo participativo (Bowman e Willis, 2003; Thurman e Hermida, 2011; Singer, 2011); jornalismo *open source* (Breier, 2004; Brambilla, 2006); jornalismo cidadão (Gillmor, 2005; Meso, 2005; Rosen, 2008); jornalismo colaborativo (Glaser, 2004); e jornalismo 3.0 (Varela, 2005). Segundo Bowman e Willis (2003, p. 9), “o termo jornalismo participativo define o ato de um cidadão ou um grupo de cidadão, com um papel ativo no processo de recolher, analisar e difundir notícias de informação”. Conforme sublinham Bowman e Willis (2003), há, portanto, um aumento das possibilidades comunicativas devido à intensidade da relação com os media, cujo objetivo é oferecer informação independente, variada, fidedigna, precisa e relevante (Bowman e Willis, 2003, p. 9).

Meso (2005) recorre à expressão “jornalismo do cidadão” quando se refere à intervenção, por parte dos atores sociais, no processamento da informação de interesse público. De acordo com o autor, o chamado jornalismo do cidadão

“é aquele que torna possível a participação ativa dos atores sociais que intervêm em todo o processo de informação de interesse público. Por isso, as suas características essenciais são formar opinião pública mediante a criação de públicos deliberantes e promover a participação dos cidadãos” (Meso, 2005, p. 9)

Segundo Varela (2005), o jornalismo passou por três fases: jornalismo 1.0, que se limitava a transmitir o conteúdo habitual dos meios tradicionais; jornalismo 2.0, um novo estilo jornalístico, mais completo que o anterior, uma vez que contribuía com referências, hipertexto, instantaneidade e interatividade; e jornalismo 3.0, também conhecido como jornalismo participativo, onde o público participa na criação e no processo da notícia, que pode vir a ser discutida e debatida. No jornalismo *open source* – conceito utilizado por Brambilla – “o sujeito que lê é o mesmo que escreve as notícias, compartilhando

responsabilidades e tendo no envolvimento pessoal a sua principal moeda de troca” (Brambilla, 2006, p. 73).

O jornalismo participativo procurava dar resposta às necessidades que se começavam a fazer sentir, como a vontade - por parte daqueles que eram receptores passivos – de intervir ativamente; a procura de informações que vão ao encontro das preferências pessoais, a insatisfação e desconfiança perante os meios de comunicação tradicionais, a independência do espaço e do tempo e o acesso rápido e prático à informação. Distinto do jornalismo tradicional, este novo fenómeno pretendia ser um jornalismo adulto, responsável, interativo, aberto, comunitário e participativo. Ainda assim, segundo Bowman e Willis (2003) os dois tipos de jornalismo complementam-se. Do lado do jornalismo tradicional, os jornalistas seriam rigorosos, objetivos e imparciais e procuravam sempre manter uma distância relativamente ao acontecimento em causa, enquanto que os chamados cidadãos-jornalistas se envolveriam mais com a notícia, seriam mais precipitados e imprudentes mas, por não terem o olhar objetivo que caracterizava os jornalistas, acabariam por ter ideias e perspetivas diferentes. O poder de informar deixaria de ser unicamente dos media, passando a ser também dos leitores, que já não eram vistos apenas como espectadores do processo político e social, mas também como participantes ativos e com um papel democrático e soberano. Os esquemas tradicionais de emissor/receptor foram quebrados e aqueles que antes eram os receptores tradicionais passariam também a ser emissores. Esta participação por parte da audiência poderia ser feita das mais variadas formas, sendo as mais comuns os questionários, a participação através do telefone em programas de rádio e televisão e o envio de fotos, vídeos e textos para jornais.

“É necessário reinventar a informação para dar mais participação ao público, recuperar a geração de informação de valor própria, afastada da orientada e dirigida aos poderes e aos gabinetes de imprensa; contribuir com inteligência e elementos de reflexão aos cidadãos, recuperar uma independência que só pode estar do lado do público e lutar para intensificar os seus valores” (Varela, 2005, p. 32).

1.2.2. O contributo da tecnologia

O avanço da tecnologia e o acesso mais generalizado à Internet foi visto como um contributo decisivo para a participação ativa dos cidadãos no jornalismo e para a criação de novas dinâmicas na relação com os media. Através da Internet – um dos meios de comunicação

mais democráticos da contemporaneidade – os cidadãos começaram a ter acesso a várias ferramentas que permitem a partilha de ideias e informações de forma rápida e interativa. A interatividade é o conceito chave da era digital, o que provocou uma das grandes rupturas nos modelos tradicionais do jornalismo. A possibilidade de interação entre emissores e receptores no jornalismo permitiu o aparecimento de audiências ativas, que procuram conteúdo e informações e que exploram e navegam dentro da Internet. Este novo meio permite “a comunicação de muitos para muitos em tempo escolhido e a uma escala global” (Castells, 2004, p. 16). De acordo com Glaser (2006), as pessoas sem formação profissional em jornalismo podem recorrer à tecnologia para publicar e distribuir notícias, algo que antes fazia parte apenas do domínio do jornalismo. A partilha de uma fotografia *online*, um vídeo no *Youtube* ou a publicação de um texto numa plataforma na Internet são, segundo Glaser, considerados “atos de jornalismo”, que podiam ser feitos, por exemplo, através do telemóvel. Com o aparecimento dos telemóveis com câmara fotográfica, as barreiras temporais e geográficas foram eliminadas e o cidadão transformou-se num “repórter ocasional que pode captar imagens da realidade, em qualquer momento e lugar, permitindo que em determinados contextos, as fotos do utilizador móvel sejam mais úteis desde o ponto de vista comunicativo” (Adelantado, 2008, p. 305). Os próprios meios de comunicação começaram a pedir ao público que enviassem fotografias ou vídeos de acontecimentos de última hora – como cenários de catástrofes – o que facilitava a divulgação de experiências vividas na primeira pessoa. Desta forma, “a informação flui não só através dos jornalistas, mas também de forma contínua em torno deles” (Singer, 2008, p. 64). Segundo Chris Carroll (2006), o chamado jornalismo cidadão pode ser definido em quatro tipos de atores: 1) aquele que fotografa/filma um evento e envia os conteúdos para os meios de comunicação; 2) aquele que produz conteúdo sobre acontecimentos locais; 3) aquele que produz conteúdo político; 4) aquele que participa em discussões e debates com profissionais. Os novos meios digitais deixaram de lado as audiências passivas – sem capacidade de resposta - e o modelo unidirecional dos meios de comunicação.

1.2.3. Dos blogues às redes sociais

Nos finais dos anos 90, nos Estados Unidos da América, começou a aparecer um dos fenómenos comunicativos que mais teve impacto nos novos media: os blogues⁵. Os blogues eram uma forma de ouvir novas vozes sobre diversos assuntos, ao mesmo tempo que se promovia a interação entre utilizadores através da secção de comentários. Esta nova

⁵“Os blogues são páginas atualizadas frequentemente que apontam outros artigos na web – frequentemente com comentários - e artigos no próprio blogue” (Winer, 2002)

ferramenta de comunicação começou a ganhar relevo a nível informativo na altura dos ataques terroristas contra as Torres Gémeas, a 11 de setembro de 2001, quando os cidadãos anónimos utilizaram esses espaços para relatar os acontecimentos que iam vivendo, ao fotografar e filmar. Desde então, os media decidiram integrar blogues nos espaços *online*, como forma de complementar os conteúdos informativos. Pouco depois, surgiram as redes sociais, como o *Twitter* e o *Facebook*, que se tornaram em novas formas de partilhar informação e ainda acompanhar os assuntos do momento. O *Twitter* reúne características dos blogues – como a mobilidade e instantaneidade – e das redes sociais, democratizando “o acesso à informação, à cultura e à notícia, transformando qualquer pessoa num canal emissor potencial” (Santaella e Lemos, 2010, p. 77). Seria das redes sociais que ocorreria grande parte da interação entre os media e a audiência, reunindo um conjunto de possibilidades comunicacionais. Segundo Tiscar Lara (2008), também estes meios precisavam de fortalecer a relação com o público, sendo necessário ter em conta alguns aspetos importantes: prestar um serviço útil; orientar o conhecimento e, ao mesmo tempo, valorizar o trabalho de quem colabora; manter uma relação de proximidade com a audiência, de modo a criar condições para colaborar; promover uma participação aberta; e conhecer as necessidades da audiência e saber orientá-la.

“Face a este panorama, os meios necessitam de criar contextos onde as suas audiências possam interagir com o meio e com outros utilizadores onde as pessoas sintam o espaço como seu, como um lugar de pertença e de referência pessoal e comunitária” (Lara, 2008).

Uma das grandes vantagens da Internet é permitir que qualquer pessoa se possa exprimir sem precisar de passar pelo poder do jornalista. De acordo com Lemos e Lévy (2010, p. 63), “a produção livre e colaborativa aumenta as possibilidades para obter informações a partir das mais diversas fontes, dando ao cidadão a capacidade crítica de escolhas até então impossíveis com as tecnologias analógicas ou os media de função massiva”.

1.2.4. Os projetos impulsionadores do jornalismo participativo

Foram criados vários espaços potencializadores da participação do público, que daria o seu contributo seja através de comentários, de blogues, de fóruns, de notícias ou até mesmo do envio de fotografias e/ou vídeos. Steve Outing (2005) enunciou 11 passos que os media deviam dar para promover a participação nos *sites*. A permissão de comentários, o recrutamento dos cidadãos para contribuir nas histórias escritas pelos jornalistas, a

colaboração entre jornalistas profissionais e cidadãos anónimos, a publicação de notícias, fotografias e vídeos e a disponibilização de espaços para a criação de blogues são algumas das etapas sugeridas pelo autor. O OhMyNews, o Soitu.es e o Agoravox foram algumas das publicações que mais se destacaram no que diz respeito ao jornalismo participativo. O OhMyNews é um jornal sul coreano, criado no início de 2000, que tinha como objetivo incentivar a participação do cidadão e abordar temas que muitas vezes eram esquecidos. Com o lema “*Every Citizen is a Reporter*” (Todo o cidadão é um repórter), o OhMyNews foi o primeiro jornal a partilhar artigos enviados pelos leitores a nível mundial, mas seguindo sempre o código de ética: não divulgar informações falsas, não denegrir nem difamar ninguém; não usar linguagem ofensiva; não distorcer factos; recolher informações através de métodos legítimos. O Soitu.es foi um projeto espanhol que apareceu em 2007, com o intuito de praticar um jornalismo aberto e independente. Desde o início que defendeu que a participação do público era fundamental para enriquecer o conteúdo jornalístico e, por isso, apoiou-se sobretudo nos jornalistas profissionais, nos especialistas e nos cidadãos. O Agoravox, criado em 2005, considerava-se 100% participativo e 100% cidadão. O objetivo era promover a liberdade de expressão e informação, sobretudo no que diz respeito a assuntos que têm pouca ou nenhuma cobertura mediática, ao permitir a publicação de textos, fotografias e vídeos por parte dos utilizadores. Em Portugal, houve vários jornais que criaram secções dedicadas à participação dos cidadãos como o Cidadão Repórter (Jornal de Notícias) e o Jornalismo do Cidadão (Diário de Notícias). Também o jornal Público criou um projeto *online* chamado “A minha rua é notícia”, para o qual convidava os leitores a denunciarem e partilharem informações locais, através de textos e conteúdos multimédia. Promovia assim o jornalismo hiperlocal, que ganhou força com a Internet e, sobretudo, com as redes sociais – o termo jornalismo hiperlocal é usado quando a cobertura de notícias é feita dentro de uma área geográfica restrita e é consumida, na maior parte das vezes, pelas pessoas que vivem nessa área (Singer et al, 2011).

1.2.5. As principais críticas

Como aconteceu com o jornalismo cívico/público, também o jornalismo participativo foi alvo de várias críticas. A principal objeção diz respeito à falta de credibilidade que estes “cidadãos jornalistas” podiam ter, visto que qualquer pessoa poderia publicar o que quisesse na Internet. As publicações eram feitas sem filtros e sem qualquer tipo de controlo. Os jornalistas acreditavam que apenas pessoas com formação específica é que conseguiriam compreender a ética e rigor que rodeia a prática jornalística. Os críticos defendiam que a

participação do público não é fiável, tendo em conta que não são profissionais, não sabem as regras e técnicas jornalísticas, o que coloca em causa a veracidade da informação que partilham. O cenário de que o jornalismo deixou de ser atividade própria da profissão de jornalista era um desafio que, em Portugal, para combater a possibilidade de nem toda a informação ser credível e verdadeira, levou a Entidade Reguladora da Comunicação Social a criar um documento⁶ na qual sistematizava um conjunto de práticas que os meios que utilizam conteúdos gerados pelos utilizadores deviam adotar, sendo algumas delas: confirmar a veracidade (uma das formas de o fazer é validar o conteúdo e identificar o autor); contextualizar a informação e acrescentar valor à mesma (como procurar fontes independentes); divulgação do conteúdo e manter uma relação de transparência com a audiência, ao referenciar sempre quando se trata de um conteúdo gerado por um utilizador; e ter presença positiva nas redes sociais. Perante esta mudança na profissão, o jornalista, enquanto mediador profissional e intérprete, teria “que zelar pelo objetivo prioritário da informação: que seja verídica e esteja ao serviço da sociedade” (López García, 2009, p. 145), pois seria o responsável por selecionar e editar o conteúdo publicado e comentado mais tarde. Para além disso, o papel do jornalista passaria por utilizar uma linguagem precisa, evitar conteúdos sensacionalistas e encaminhar e orientar o cidadão, uma vez que o objetivo da comunicação social se mantém o mesmo: divulgar informações credíveis, verificadas e validadas.

Com o aparecimento do jornalismo participativo e da tecnologia digital, o jornalismo público foi ficando para trás, visto que a generalização do acesso à Internet permitiu aos cidadãos partilharem conteúdos e informações a uma audiência ilimitada, ultrapassando os objetivos do movimento do jornalismo público. Assim, o jornalismo público deu lugar ao jornalismo do público (Witt, 2004, p. 55).

1.3. Os programas de “antena aberta” e a interatividade na rádio

1.3.1. O aparecimento de programas de “antena aberta”

Com a chegada de novos desafios na área da comunicação social, a rádio precisou de arranjar estratégias para não perder audiência. Uma das soluções foi começar a promover a participação dos ouvintes através de opiniões, comentários ou até mesmo sugestões. Surgiram, assim, os programas de “antena aberta”. São programas que promovem o debate e

⁶ Disponível em <http://www.erc.pt/pt/deliberacoes/directivas/2014>

a discussão e que dão voz aos cidadãos para exporem opiniões sobre os mais variados temas, exigindo interatividade entre o público e o apresentador. “A antena aberta potencia as características intrínsecas da rádio, principalmente do radiojornalismo: imediatismo, ubiquidade, mobilidade, simplicidade de meios” (Meneses, 2003, p, 165). De acordo com Mcleish (2001), há quatro tipos de programas de antena aberta: 1) Linha Aberta, na qual o cidadão conversa com o animador presente em estúdio; 2) Fórum de Discussão, programas interativos que dão a possibilidade ao cidadão de dar a sua opinião sobre um tema da atualidade; 3) Defesa do Consumidor, onde o cidadão é orientado sobre como proceder em determinadas situações; 4) Aconselhamento Pessoal, onde se discutem problemas pessoais de um indivíduo. Por sua vez, Crisell (1994) também distingue três tipos de programas de “antena aberta”: *The exhibitionist phone-in*, onde o ouvinte pode colaborar no programa através de anedotas, histórias pessoais e canções; *The confessional phone-ins*, na qual o apresentador assume um papel de conselheiro para os ouvintes que desabafam e contam problemas pessoais; e *The expressive phone-in*, programas que têm como objetivo ouvir os pontos de vista dos cidadãos sobre assuntos públicos, como acontece sobretudo em Fóruns de Discussão⁷.

1.3.2. Os Fóruns de Discussão

O grande objetivo dos Fóruns de Discussão é ser um programa democrático e dar oportunidade ao público de participar nos debates em direto.

“Permitir o acesso dos ouvintes, em directo, sem condicionalismo, é uma forma de exercitar a democracia, embora não seja essa a primeira função direta da comunicação social. O poder dos ouvintes na rádio acaba por se transformar numa espécie de direito da cidadania” (Meneses, 2003, p. 193).

Para além do moderador/apresentador do fórum, o programa tem dois tipos de participantes: os convidados, que tanto podem ser comentadores e políticos, como investigadores ou especialistas sobre o assunto em questão e que são convidados pela própria emissora; e os ouvintes, que se inscrevem no programa e que, caso sejam selecionados, podem expressar as suas opiniões em direto. Apesar deste modelo de programa promover a liberdade de expressão e permitir que todas as pessoas tenham o direito de se fazerem ouvir, quem modera deve interromper o ouvinte sempre que este começa a usar uma linguagem agressiva

⁷“Programas que estabelecem a ligação entre o domínio público e privado e permitem a expressão de vozes dissidentes, que dessa forma conseguem dar o seu contributo sobre assuntos públicos” (Cordeiro, 2006, p. 2)

ou incorreta e/ou a desviar-se do assunto principal. Além disso, o mediador deve manter-se neutro relativamente às opiniões dos ouvintes e procurar promover um diálogo estimulante e interessante (McLeish, 2001).

“O Fórum é considerado um espaço inovador na medida em que terá vindo preencher uma necessidade sentida pelo público, e não correspondida pelos media, de afirmação de cidadania, de expressão dos seus pontos de vista lado a lado com os convidados – as elites. Esta representação, assim traduzida em termos gerais, concretiza-se depois no patamar da gestão do programa: pelo parco recurso à censura ou ao veto; pela intenção de permitir o acesso ao máximo número de pessoas interessadas, sem melindrar os ouvintes que de modo recorrente, quase diariamente, utilizam aquele tempo de antena” (Maria João Taborda, 1998, p. 143).

O aparecimento dos Fóruns de Discussão marcou a transição da rádio – que sempre foi conhecida por utilizar uma comunicação unilateral e receção passiva – para um modelo bilateral⁸ de comunicação com uma receção ativa. Na comunicação unilateral, o emissor não espera qualquer tipo de participação do receptor, enquanto que a comunicação bilateral obriga à reciprocidade do fluxo comunicacional, ou seja, o receptor passa a tomar uma atitude ativa no debate/conversa. A transição de um modelo unilateral para um modelo bilateral veio aumentar as potencialidades comunicativas da rádio, que se vira ameaçada com o aparecimento de novas soluções. Desta forma, procurou revolucionar o modo de fazer comunicação e transformou-se num meio sobretudo interativo, no qual a função do ouvinte não era apenas ouvir, mas também falar.

“Há 70 anos a rádio dava os primeiros passos como meio de difusão de massas e o telefone era ainda uma raridade. O desenvolvimento simultâneo destes dois meios permitiu concretizar a ambição de Brecht, primeiro nos EUA, depois um pouco por todo o mundo onde a democracia se consolidou” (Meneses, 2003, p. 193).

O Fórum TSF é um dos maiores exemplos desta transição por se tratar de um programa que promove a liberdade de expressão e oferecer um espaço que dá voz aos cidadãos ao mesmo tempo que estimula a comunicação política. Segundo João Paulo Meneses (2003, p. 193), “em Portugal foi preciso esperar não só pela democracia, mas também pela consolidação do projeto TSF para se assistir a uma bidirecionalidade da rádio”.

⁸ “Bidirecionalidade significa apenas que na rádio e no programa em concreto existem duas direções: do emissor/rádio para o receptor/ouvinte, mas também do ouvinte/receptor para a rádio/emissor” (Meneses, 2003, p. 193)

Os programas de “antena aberta”, como os fóruns, promovem a participação do público na construção da programação, seja através de opiniões ou ideias ou através de experiências pessoais. A rádio, assim como outros meios de comunicação, passou a preocupar-se cada vez mais em arranjar formas de participação dos ouvintes e incluí-los, seja através do telefone ou da Internet, ferramentas que permitem a comunicação em tempo real entre o emissor e o receptor. “A rádio informativa deixou o formato de noticiário permanente para se converter num meio de comunicação reflexivo sobre a atualidade, proporcionando elementos de valorização e estruturando o seu discurso de forma a conseguir manter-se interessante” (Martí, 1990, p. 22) Os Fóruns de Discussão são, muitas vezes, comparados com os salões e cafés de antigamente, uma vez que eram espaços dedicados ao debate e onde “as elites instruídas podiam interagir entre si e com a nobreza num mesmo plano, mais ou menos, de igualdade” (Thompson, 1996, p. 3). Assim como os salões e cafés, os fóruns são o “ponto de encontro” onde se podem trocar ideias e pontos de vista, contribuindo para a construção de uma identidade cultural.

Parte II

O Processo de Decisão Editorial

2.1. A teoria do *gatekeeper*

As redações recebem diariamente várias informações que podem vir a ser objeto de notícia e, por esse motivo, é necessário gerir o espaço de cada meio de comunicação, sobretudo na televisão e na rádio, onde o espaço limitado obriga a uma seleção das informações a divulgar. Importará portanto averiguar: quem é que tem o “poder” de decisão e com base em que critérios se realiza essa escolha editorial?

Aprendemos no nosso curso de mestrado que, no que diz respeito à tomada de decisão editorial, há um ou mais indivíduos que têm o poder de escolher qual é a informação que é divulgada e qual é posta de lado; e que todas as opções se baseiam em regras, normas e valores que determinam os temas de maior interesse e importância para o público e que mais tarde se vão tornar em notícias. É aqui que entra o conceito de *gatekeeper*; – introduzido por Kurt Lewin em 1947 – uma das teorias mais importantes no que diz respeito à noticiabilidade. O *gatekeeper* é “quem determina o que atravessa o portão de entrada no jornal, o que será visto pelo leitor, (...) é aquele que determina o que será notícia do que não será” (Carla d’Aiola, 2003). Para se perceber melhor este conceito, Lewin utilizou três termos: secções, portões e porteiros. As secções são tudo aquilo que acontece no interior dos canais; os portões, as decisões ou pontos de ação dos sujeitos; e os porteiros, aqueles que decidem o que atravessa ou não o canal. Portanto, tudo aquilo que acontece entre os canais é feito através dos “*gates*” (portões) que são controlados pelos “*gatekeepers*” (porteiros) (Lewin, 1951, p.186). Esta é uma das tarefas mais importantes no que diz respeito à função institucional que o jornalismo tem, como evidenciam, além de Lewin; outros autores estudaram o conceito de *gatekeeping* como David White (1950), George Gerbner (1956), Westley & MacLean (1957), McNelly (1959), Bass (1969) e Pamela Shoemaker (1991).

2.1.1. David White e o conceito de *gatekeeper*

Foi David White quem aplicou o termo de *gatekeeper* ao jornalismo, em 1950, depois de ter estado dentro de uma redação e perceber que nem todas as informações eram escolhidas. Após vários estudos, concluiu que a seleção de notícias era arbitrária e subjetiva e o fator determinante para essas escolhas era a ação pessoal. Ou seja, o modelo de White foca-se no papel do jornalista enquanto pessoa individual.

“Uma notícia é transmitida de um *gatekeeper* para outro na cadeia de comunicações.
Do repórter para o responsável do *rewriting*, do chefe de secção para os redatores

responsáveis pelos «assuntos do estado» de várias associações de imprensa, o processo de escolha e de rejeição não para. E finalmente, chegamos ao nosso último *gatekeeper* (...) Ele tem a carga a seleção das notícias nacionais e internacionais que aparecerão na primeira página e seu posterior desenvolvimento nas páginas interiores, bem como a sua composição” (White, citado em Traquina, 1993, p. 143).

Depois de acompanhar o jornalista a quem deu o nome de Mr Gates⁹, concluiu que ele era um “porteiro” com poder de decisão naquilo que seria ou não notícia. Essas escolhas eram baseadas nos “seus próprios juízos de valor, seu conjunto de experiências, atitudes e expectativas” (Traquina, 2005). Apesar de David White ter sido o primeiro a aplicar este termo ao jornalismo, o seu modelo foi alvo de muitas críticas, uma vez que dá mais importância às questões psicológicas do indivíduo e aos aspetos sociais do que propriamente à questão dos critérios de escolha das notícias. Devido a estas fraquezas, foram criados outros modelos.

2.1.2. O modelo de comunicação de George Gerbner

Pouco tempo depois, George Gerbner (1956) apresentou um modelo que, comparativamente ao de White, tentou evoluir, sobretudo no que diz respeito à construção da notícia. O modelo geral de comunicação de Gerbner relaciona a mensagem com a realidade e aborda as questões da percepção e da significação. Um determinado acontecimento pode ser entendido por um agente, que tanto pode ser uma máquina como uma pessoa. Caso seja uma máquina, a seleção vai depender dos seus mecanismos. Em contrapartida, se o agente for uma pessoa, a seleção é determinada pela adaptação da mensagem ao seu sistema cognitivo (os valores, experiências de vida, etc). No que diz respeito à dimensão comunicativa, um dos grandes desafios é saber qual a melhor forma de transmitir uma mensagem, pois o mesmo conteúdo poderia ser objeto de comunicação por diferentes formas (oralmente, escrita ou até mesmo por código Morse). A questão do controle sobre os meios de comunicação é um fator muito importante no modelo de Gerbner: por fim, a mensagem chega ao receptor, que vai retirar significado da informação e assume, portanto, uma posição ativa no processo; e cada pessoa vê e avalia as coisas de maneira diferente, uma vez que há várias culturas e realidades distintas. Por isso, o significado de uma mensagem é condicionado pela cultura em que se está inserido. Assim,

⁹ Mr Gates é o nome dado por White a um jornalista de meia idade que acompanhou durante uma semana, em 1949, na redação de um jornal para observar as suas decisões no processo noticioso.

este modelo considera que os destinatários das mensagens são também agentes ativos no processo de transmissão de conteúdos.

2.1.3 O modelo de McNelly

O modelo de McNelly (1959), por sua vez, pretende mostrar que o fluxo noticioso é feito através de uma operação noticiosa complexa – desde a fonte noticiosa até à audiência – que inclui a participação de vários *gatekeepers*. O objetivo é identificar os vários comunicadores intermédios que acompanham o acontecimento desde o início até chegar ao receptor final. O modelo foi criado sobretudo a pensar no fluxo internacional de notícias e todo esse processo passa por uma variedade de *gatekeepers*, desde correspondentes no estrangeiro, editor do jornal, editor do setor internacional da agenda e muitos outros. Até chegar à audiência, o produto noticioso teria de “percorrer uma pista de obstáculos, como sejam o erro ou a subjetividade dos jornalistas, critérios editoriais de seleção e de processamento, tradução, dificuldades de transmissão e em alguns casos até a censura” (McNelly, 1959, p.23). Outro aspeto a ter em conta neste modelo é a importância que dá à audiência, que tal como no modelo de Gerbner, tem um papel ativo no processo de seleção. O público, ao comentar oralmente um certo acontecimento com outras pessoas, pode levar a uma alteração da mensagem inicial. Desta forma, também os receptores poderiam intervir nas mensagens recebidas através dos media.

2.1.4. O modelo de “dupla ação” de Bass

Outro modelo importante para o desenvolvimento da teoria do *gatekeeper* é o de “dupla ação” de Bass (1969). Segundo o autor, os *gatekeepers* são os indivíduos que representam as organizações, ao realizar tarefas relacionadas com a produção de conteúdo noticioso. É dentro das organizações noticiosas que o *gatekeeper* tem a sua principal função, susceptível de divisão em duas fases: a da recolha e a do processamento - daí o nome do modelo ser “dupla ação” do *gatekeeper*. A fase da recolha é o primeiro passo do *gatekeeper*, que procura conteúdo através de fontes de informação; e, feita a recolha, vem a seguir o processamento de todas as unidades noticiosas até estarem preparadas para serem divulgadas ao público. Uma das principais críticas foi feita por Chibnall (1977, p. 6):

“Os repórteres não vão para a rua colher notícias, como se elas caíssem das árvores, quais maçãs. Eles constroem ‘estórias’, através da seleção de apenas alguns fragmentos informativos da massa de informação em bruto que recebem e, a partir daí, organizam-nos em formatos jornalísticos”.

2.1.5. O modelo de Pamela Shoemaker e o processo de *gatekeeping*

Pamela Shoemaker foi uma das principais estudiosas do processo de decisão editorial. De acordo com a sua perspectiva, o processo de decisão não é fechado e resulta de várias especificidades cognitivas, afetivas e comportamentais do indivíduo, implicando dois processos: o de *gatekeeping*, que acontece dentro das organizações de media; e o de *gatekeeping* intraindividual, ou seja, aquilo que acontece no interior do indivíduo. De acordo com Pamela Shoemaker, o *gatekeeping* é “um processo complexo, que entrelaça um conjunto de ‘forças’ influenciadoras, provenientes dos mecanismos intraindividuais, das prioridades organizacionais e do sistema social onde todos coexistem” (Cruz, 2014, p. 155).

2.1.6. As práticas do *gatekeeping*

Ao longo do tempo, o conceito de *gatekeeper* foi sofrendo alterações do ponto de vista conceptual, processual e dos seus diferentes níveis de intervenção. Ainda assim, o termo mantém-se o mesmo e refere-se “à pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões” (Traquina, 2005, p.150). É, portanto, toda a forma de controlo de informação dentro das organizações mediáticas e baseia-se sobretudo no conceito de seleção.

“Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido com uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, ‘portões’, que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo ‘portão’; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua ‘morte’ porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação” (Traquina, 2005, p. 150).

No processo jornalístico, as práticas do *gatekeeping* podem ser distinguidas: há a entrada, a produção e a resposta. (Bruns, 2005) Na entrada, os jornalistas fazem uma pré-seleção de matérias que são merecedoras de investigação e que têm uma hipótese de serem escolhidas para, posteriormente, serem publicadas. A produção acontece quando os editores escolhem as matérias que consideram ter mais importância para o seu público e que fazem sentido serem publicados consoante a identidade do meio de comunicação social. Por fim, na etapa da resposta, são escolhidas algumas das reações da audiência para serem incluídas no dia seguinte, caso exista um espaço para esse efeito. Tanto a rádio como os jornais e a televisão têm limites quanto ao número de notícias que podem chegar ao público, o que implica a

eliminação da relevância de algumas informações – o *gatekeeper* é o responsável por selecionar as informações mais importantes para se colocar nesse espaço mediático.

2.2. Do *gatekeeper* ao *gatematching*

2.2.1 *Gatematching*: um novo conceito

Com o aparecimento da Internet, a função do *gatekeeper* perdeu um pouco a sua força, mas foi introduzido um novo termo por Alex Bruns (2014) – o de *gatematching*. Esta mudança de paradigma decorreu de uma adaptação dos jornalistas a novas tecnologias. No que diz respeito ao jornalismo *online*, também ele foi evoluindo no uso de tecnologias e na forma como se utiliza a Internet, sendo possível distinguir três patamares: transpositivo, perceptivo e hipermediático. O transpositivo corresponde à fase inicial, em que o objetivo dos *sites* era apenas uma reprodução dos produtos impressos, não existindo qualquer alteração na construção da notícia. A fase perceptiva aconteceu quando se começaram a explorar as ferramentas da Internet, como a interatividade, os *links* e o email - foi aqui que começaram a aparecer os profissionais que se dedicavam à produção de conteúdo exclusivo para a *web*. Por fim, o terceiro patamar, em que o uso dos recursos multimédia deveriam ser aproveitados ao máximo. Como sublinha Alex Bruns (2014), foi nesta altura que se começou a fazer uma distinção com o modelo tradicional do jornalismo, o que colocava também em causa a teoria do *gatekeeper*. Porém, apesar das mudanças, o papel do jornalista não perdeu importância. Alex Bruns(2014) reconhece que se antes a sua função era a seleção das notícias mais relevantes para divulgação nos media, agora passava por distinguir aquilo que é credível ou não e hierarquizar as notícias segundo os interesses do público.

“O que eles têm condições de fazer é de participar em um esforço distribuído e folgadoamente organizado de observar – de acompanhar – quais as informações que passam por estes canais; quais são os comunicados para imprensa que são feitos pelos atores públicos, quais são os relatórios que são publicados pelos pesquisadores académicos ou pelas organizações da indústria, quais são as intervenções que são feitas pelos lobistas e políticas” (Bruns, A, 2014, p. 230).

2.2.2. O papel do *gatematcher*

Segundo Bruns, há quatro componentes fundamentais do *gatematching*: conhecimento das fontes de notícias para todos os utilizadores; promoção do debate a todos os utilizadores; edição e publicação instantânea ou colaborativa das histórias; e promoção da discussão e comentários abertos a todos os utilizadores. O jornalista deixou de estar diretamente ligado à

posição central do processo comunicacional, mas ganhou lugar na organização deste novo meio mediático, promovendo a interligação de conteúdos já publicados e até mesmo a interação do público no processo noticioso. “A partir do momento em que os leitores se tornam os seus próprios contadores de histórias, o papel de *gatekeeper* passa, em grande parte, do jornalista para eles” (Hall, 2001). Um dos grandes desafios seria, então, estimular a interação com a audiência, de modo a provocar uma maior reflexão do público sobre os assuntos importantes do dia a dia. As audiências começariam a ganhar uma voz dentro dos meios de comunicação, permitindo uma maior interação entre os próprios jornalistas e os destinatários do seu trabalho, sobretudo através de Fóruns de Discussão ou redes sociais. Tudo isto implicaria a aceleração no processo de circulação de notícias e a existência de canais que oferecem um espaço próprio para a troca de opiniões e ideias. Por outras palavras, os próprios cidadãos tornar-se-iam *gatekeepers* ao escolherem a informação que querem, ou não, ler e aprofundar, definindo os seus próprios critérios de noticiabilidade.

Outra consequência: seriam as plataformas dos media sociais a possibilitar um espaço para debate e discussão dos assuntos do dia. O *Twitter* e até mesmo os blogues chegaram a ser considerados como fontes de informação e era lá que os jornalistas iam recolher alguns dos conteúdos para os seus canais – daí, o surgimento do jornalismo “ambiente” que, segundo Bruns, corresponde à prática de um jornalista que obtém informações através de várias perspetivas e fontes. O papel dos jornalistas começou a ser o de “intérpretes credíveis de uma quantidade de informação disponível sem precedentes” (Aroso, 2003, p. 4), contrastando com o do *gatekeeper*, cuja função era mais a de “guardião da informação”. De tudo isto, decorre que o *gatewatcher* é, portanto, responsável pela organização, hierarquização e apresentação dos conteúdos, com base nos interesses de cada pessoa e segundo respetivas necessidades. O seu papel dos jornalistas continuaria a ser relevante, uma vez que os motores de busca dentro da Internet não garantem a credibilidade - caberia ao profissional habilitado (o jornalista) filtrar a organização da informação, continuando, por isso, a ser uma peça fundamental neste domínio. Segundo Bardoel & Deuze (2001), “isto redefine o papel do jornalista como um papel de anotador ou de orientador, uma mudança do cão de guarda para o «cão guia»”. De acordo com Bruns, foram vários os problemas que surgiram para a teoria clássica do *gatekeeper* com o advento dos *sites* de notícia *online*: a rápida circulação das notícias não obriga à necessidade de esperar que o *gatekeeper* recolha a informação para esta ser construída mais tarde; as histórias podem ser mais aprofundadas e permitem que os leitores explorem de forma mais completa e direta a informação; os preconceitos pessoais do

jornalista podem afetar a construção da informação e, nesses casos, é possível para os leitores verificarem as fontes noticiosas de modo a ficarem mais informados. Os *gatewatchers* seriam aqueles que divulgam as notícias que o público procura e não quem as cria. Deixariam de existir também apenas uma relação entre emissor e receptor e agora também os receptores podem fazer parte deste processo noticioso através de modelos de notícias abertos. Com o advento da Internet e das redes sociais, as audiências não precisariam de estar tão dependentes dos jornalistas, começando a ter acesso às informações em primeira mão e fazendo com que os media principais deixassem de ser os espaços centrais para a cobertura de notícias.

2.3. A teoria do *Newsmaking*

2.3.1. O percurso da notícia

Antes de ser divulgada ao público, uma notícia/artigo passa por várias fases de concepção. O *newsmaking* é todo o percurso de concepção noticiosa, desde a procura e a seleção até à redação e ao tratamento final. Segundo Wolf, a grande diferença do *newsmaking* em relação ao *gatekeeping* – no que diz respeito à construção de notícias – é que o primeiro não se refere apenas “à cobertura de um acontecimento particular, mas ao andamento normal da cobertura informativa por períodos prolongados” (Wolf, 1995, p. 186).

Nelson Traquina (2005), Mauro Wolf (1995) e Gaye Tuchman (1983) contribuíram para a difusão da teoria de *newsmaking*, defendendo que a notícia é um instrumento de construção social e, por isso, influenciada por diversos fatores. Nelson Traquina (2005, p. 180) definiu a notícia como “resultado de um processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. Em oposição à teoria do espelho¹⁰, onde “o jornalista é um comunicador desinteressado, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam de sua missão de informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu” (Traquina, 2001, p. 65), a socióloga Gaye Tuchman (1983) viria a considerar que a notícia não é um espelho da sociedade, ajudando sim a construí-la como fenómeno social.

“Em toda a sociedade a definição da notícia depende da sua estrutura social. A estrutura social produz normas, incluindo atitudes que definem aspetos da vida

¹⁰ A teoria do espelho é a tentativa mais antiga de explicar a natureza das notícias. Argumenta que as notícias são como são por serem um reflexo da realidade. O jornalista era apenas um observador imparcial e que descrevia os factos de forma objetiva.

social que são de interesse para os cidadãos (...) Socializados nessas atitudes sociais e nas normas profissionais, os informadores cobrem, selecionam e divulgam histórias sobre itens identificados como interessantes ou importantes. Por meio do cumprimento dessa função pelos informantes, a notícia reflete a sociedade: a notícia apresenta à sociedade um espelho dos seus negócios e interesses” (Tuchman, 1983, p. 196-197).

Ainda segundo Bonixe (2012, p. 18),

“A visão das notícias como construção social pressupõe a existência de um ator, socialmente reconhecido, para transmitir um certo conhecimento que se supõe de interesse público. Significa dizer que o jornalista, enquanto indivíduo e ator social, desempenha a sua ação, orientada para a mediação simbólica, no seio dos media, que por sua vez são considerados aparelhos sociais institucionalizados”.

2.3.2 O modelo de construção noticiosa de Nuno Crato

O modelo de construção noticiosa, objeto, como já se viu, de muitas divergências, pode ter fases diferentes. Nuno Crato (1995), por exemplo, enunciou quatro fases principais que separam o acontecimento da notícia: recolha, seleção, redação e tratamento final. Ainda segundo Nuno Crato, o acontecimento cria a notícia, mas esta também constrói o acontecimento, uma vez que sem a notícia, o acontecimento acaba por não “existir”. As notícias são vistas também como produto de um processo de interação social, que, para chegar ao tratamento final, tem de passar por várias fases no processo de produção (como os constrangimentos organizacionais, as narrativas dos jornalistas, as rotinas e as fontes informativas).

2.3.3. O modelo de Maria Dolores Montero

Maria Dolores Montero (1993) criou um modelo de construção noticiosa – diferente do de Nuno Crato – que se baseia em três momentos: produção; circulação; objetivação. A produção envolveria todo o processo de seleção e elaboração dos acontecimentos para se tornarem em notícia, ou seja, todas as fases do processo de Crato (recolha, seleção, redação e tratamento final). A circulação aconteceria quando a informação começa a ter efeito e os temas do dia fazem parte do debate público. Quanto à objetivação, seria concretizada quando a informação se torna parte da realidade social e persiste no pensamento coletivo.

2.3.4. A construção noticiosa segundo Herreros

Outro modelo de construção noticiosa é a de Herreros, (1998) que enunciou quatro fases do processo produtivo de um jornal televisivo: pré-produção, produção, pós-produção e integração na emissão. A pré-produção é a fase onde se decidem todos os aspetos técnicos e editoriais (como os acontecimentos que vão ser transformados em notícias, a distribuição de cada função, a organização da redação, o plano de trabalho, as fontes, etc). Na produção já existiriam várias informações sobre o acontecimento, como a documental e/ou registo de voz, imagens ou vídeos. A fase da pós-produção corresponde à seleção dos dados informativos, concretizada com a edição e a montagem da peça (duração dos planos, sincronização sonora, efeitos especiais). Por fim, a integração na emissão determina a decisão do lugar que cada notícia vai ter no programa e como vai ser apresentada.

2.4. Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia

2.4.1. Os critérios de noticiabilidade

Como aprendemos no nosso curso, o objetivo dos meios de comunicação social é divulgar acontecimentos que sejam importantes e significativos para o público, o que implica escolher, entre os vários acontecimentos que chegam às redações, aqueles que consideram ser mais relevantes e com características particulares para, posteriormente, se tornarem notícia. Essas escolhas são feitas segundo um conjunto de critérios de noticiabilidade que variam de jornalista para jornalista, permitindo eliminar a quantidade de informação. Neste processo, existem critérios profissionais e pessoais de quem está a informar e a sua intenção (Herreros, 1995:108). Segundo Wolf (1995, p. 195), estes critérios são “um conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias”. O objetivo é selecionar os factos mais interessantes, através de um conjunto de regras (Robinson, 1981).

As rotinas produtivas “permitem aos jornalistas organizarem-se no sentido de captarem os principais acontecimentos relevantes dos quais farão notícia” (Bonixé, 2012, p. 24). São uma forma de atenuar a quantidade de acontecimentos que chegam às redações, isto porque são um conjunto de práticas e formas de trabalho padronizadas que os jornalistas utilizam repetidamente para completar o seu trabalho (Shoemaker & Reese, 1996). Daqui decorre que temas como a discriminação, violência, drama, o antagonismo, rivalidade, conflito e situações de crise são, muitas vezes, os que obtêm mais interesse noticioso, embora tudo dependa do

órgão de comunicação social em questão e da sua linha editorial. Por outras palavras, há órgãos de comunicação mais focados para a política, outros para o desporto, cultura ou sociedade – por exemplo, uma notícia sobre o Orçamento do Estado, apesar de ser importante para a vida pública, pode não fazer sentido para um jornal de desporto, uma vez que não é esse o principal foco. Assim sendo, os temas de maior relevância, assim como os critérios escolhidos, variam conforme o órgão de comunicação social.

4.2. Os valores-notícia

Segundo os critérios de noticiabilidade e através da rotina profissional dos jornalistas, é possível distinguir três processos: a inclusão da informação; a exclusão de informação; e a hierarquização da informação. Neste processo de seleção, entram os valores de notícia¹¹, que são componentes da noticiabilidade e respondem a duas perguntas fundamentais no jornalismo: quais os acontecimentos considerados interessantes, significativos e relevantes para serem notícia?; e que factos obedecem aos mesmos requisitos? (Wolf, 1995, p. 195)

A resposta às perguntas, como já foi referido anteriormente, depende de vários fatores, desde as rotinas produtivas, o contexto socioeconómico, cultural e político, o tipo de público-alvo, a estrutura da cobertura informativa, os interesses da própria organização e a autonomia desta e/ou do jornalista (Shoemaker & Reese, 1991). Daqui decorre que os valores-notícias não são iguais em todo o lado e aquilo que pode ser mais importante para uns, não é tanto para outros. A seguir se indicam alguns exemplos de autores que enunciaram os principais critérios e/ou valores-notícias para a seleção noticiosa.

2.4.3. Os critérios e valores-notícia segundo vários autores

_____ i) Tobias Peucer

Para Tobias Peucer (1690) – autor da primeira tese de jornalismo –, os temas de maior destaque seriam: prodígios estranhos; monstruosidades; obras ou produtos maravilhosos da natureza; inundações ou tempestades e terremotos; aparições no céu; novos descobrimentos; vários tipos de estado; mudanças no governo; causas da guerra; batalhas; igreja e assuntos religiosos; e acidentes e mortes (Kunczic, 2002, p. 241).

ii) Frase Bond

¹¹ São as suposições intuitivas dos jornalistas em relação àquilo que interessa a um público e ao que chama à atenção (Kunczic, 2002, p. 243).

Os valores-notícia, segundo Frase Bond (1962), são: oportunidade; proximidade; tamanho; importância; interesse onde destaca; interesse próprio; dinheiro; sexo; conflito; incomum; culto do herói e da fama; expectativa; interesse humano; afetação a grupos organizados; disputa; descoberta e invenção; e crime. Relativamente ao elemento da proximidade, tal significa que geralmente as notícias nacionais têm um maior interesse do que as internacionais, a não ser que seja algo que afete e comprometa a nação, como catástrofes ou guerras. Já no que diz respeito às notícias locais, caso afetem um grande número de pessoas e tenham consequências sobre o futuro de uma comunidade (como eleições ou epidemias), então estas seriam mais importantes que as notícias nacionais. A proximidade refere-se sobretudo ao aspecto geográfico mas também à quantidade de pessoas que pode afetar.

iii) Galtung & Ruge

Galtung & Ruge (1965) dividem os valores-notícias de acordo com o impacto, com a empatia com a audiência e com o pragmatismo da cobertura mediática. Quanto ao impacto, os valores-notícias são a amplitude (quanto maior o número de pessoas envolvidas, a probabilidade de ser notícia é maior), a proximidade, a frequência, – “significa que um acontecimento terá mais probabilidade para ser noticiado quanto mais a sua frequência se assemelhar à frequência do meio de comunicação” (Bonixe, 2012, pp 26 e 27) - a negatividade, o carácter inesperado ou fora do comum e a clareza. No que diz respeito à empatia com a audiência, destaca-se a personalização (as ações de indivíduos atraem mais interesse), a significatividade (relacionado com a proximidade e o interesse) e os valores socioculturais (assim como referência a pessoas e nações de elite). Por último, os critérios de pragmatismo da cobertura mediática são a consonância, – “significa que a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido do recetor correspondendo às suas expectativas” (Bonixe, 2012, p. 32) – a continuidade (ou seja, a continuação de algo que já tinha ganho noticiabilidade) e a composição (equilíbrio entre os vários assuntos).

iv) Teun A. van Dijk

Segundo Teun A. van Dijk (1990), os valores jornalísticos são a novidade, a atualidade, a pressuposição (uma vez que a avaliação da novidade e da atualidade pressupõe conhecimentos prévios), a consonância com valores, normas e atitudes, a relevância para o público, a proximidade geográfica, social e psico-afetiva e a negatividade (como crimes e acidentes).

v) Walter Lippmann

Outro autor que importa referir é Walter Lippmann (1922), que não utilizava a expressão valores-notícia, mas sim valores informativos, a saber: clareza do facto; elemento de surpresa; proximidade geográfica; impacto; e conflito pessoal.

vi) Mariano Herreros

Os critérios de seleção, de acordo com Mariano Herreros (1995), são: importância do acontecimento; entidade e notoriedade do sujeito; atualidade e novidade; sensibilidade social e interesse pelo tema; conflito; exclusividade; quantidade de pessoas envolvidas e afetadas; desenvolvimento, continuidade e consequências futuras; disponibilidade e acessibilidade; adequação ao meio e interesse ; e curiosidade humana.

vii) Carl Warren

Os elementos básicos da notícia, segundo Carl Warren (citado em Fontcuberta, 1999), são: atualidade; proximidade; protagonistas; curiosidade; conflito; suspense; emoção; e consequências. Assim como o autor, também Mar de Fontcuberta (1993) refere estes oito valores-notícia no que diz respeito ao interesse do público.

viii) Stella Martini

Stella Martini (2000) divide os valores-notícia em duas variáveis básicas: o efeito do acontecimento sobre a sociedade e outros meios e a evolução futura dos acontecimentos. Na primeira variável, a autora acredita que os valores-notícia mais importantes são a novidade, a originalidade (aquilo que é mais original acaba por ser mais notícia pela novidade), a imprevisibilidade e o ineditismo. Na segunda variável, que diz respeito à evolução dos acontecimentos e às expectativas da sociedade, os valores-notícia destacados pela autora são: catástrofes; conflitos sociais; corrupção; julgamentos públicos e crimes; impacto sobre a nação; e interesse nacional ou local. Outros critérios são: proximidade; hierarquia das personagens (ou seja, a presença de personagens conhecidas que chamam à atenção do público); deslocamentos (caso haja manifestações ou procissões religiosas); compreensão (para que o leitor perceba o que está a ser transmitido); credibilidade (caso contrário, viola o código deontológico do jornalista); brevidade (ser notícia simples, curta e direta); periodicidade (ou seja, aquilo que é habitual e que aparece periodicamente nos meios);

exclusividade (lançar a novidade antes da concorrência); e notícia decorrente de uma visão ideológica da informação.

viii) Lorenzo Gomis

Para Lorenzo Gomis, “o novo, o insólito, o impacto, o conflito, a relevância dos protagonistas podem ser considerados valores-notícia, mas o certo é que, nas redações, não existe muito tempo para análises tão minuciosas e acadêmicas” (Gomis, 2002, p. 225). Ainda assim, os dois grandes valores-notícias para o autor são a importância e o interesse. O que é importante tem em conta tudo aquilo que tem consequência e que se deve saber. Já o interessante refere-se ao que causa comentários e é agradável conhecer.

ix) Mauro Wolf

Mauro Wolf (1995) organiza os valores-notícia segundo quatro critérios: critérios substantivos relativos ao conteúdo das notícias; critérios relativos à disponibilidade de material e ao produto informativo; critérios relativos ao meio de comunicação e ao público; critérios relativos à concorrência. Os critérios substantivos relativos ao conteúdo das notícias dizem respeito ao acontecimento que posteriormente é transformado em notícia, sendo os fatores mais relevantes a importância e o interesse. Dentro do fator importância, há quatro variáveis: grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento; impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional (associado a este está também a proximidade); quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento; e relevância e significatividade no que diz respeito às consequências e ao futuro de uma determinada situação. Relativamente ao fator interesse, este está ligado à imagem que os jornalistas têm do público e aquilo que consideram que pode vir a atrair a atenção desse mesmo público. Alguns exemplos de notícias com interesse são histórias de figuras públicas, feitos incríveis e heroicos e casos onde há inversão de papéis. Os critérios relativos à disponibilidade de material e ao produto informativo referem-se aos processos de produção e realização. Dentro destes, distinguem-se quatro valores-notícia: disponibilidade (se é acessível para o jornalista ou se é dispendioso); atualidade; qualidade (é importante que seja bem retratada e com linguagem clara); e equilíbrio. Os critérios relativos ao meio de comunicação dizem respeito à possibilidade de material visual de qualidade; e os relativos ao público referem-se à visão que o jornalista tem do público. Estão ligados à estrutura narrativa (a notícia tem de ser capaz de chamar a atenção) e também à proteção (evitar notícias que causam desconforto e traumas). Dentro deste critério, Wolf distinguiu três classes de notícias: notícias que permitem uma

identificação por parte do público; notícias de serviço; e notícias ligeiras, que não têm demasiados pormenores nem sejam histórias deprimentes. Por último, os critérios relativos à concorrência dizem respeito às relações entre os órgãos de comunicação e é possível distinguir três tendências: a primeira é a competição na obtenção de conteúdos exclusivos, na qual os meios de comunicação procuram sobressair-se da restante concorrência; a segunda, a geração de expectativas recíprocas, ou seja, a seleção de notícias porque se espera que a concorrência faça o mesmo; e a terceira, a utilização do mesmo padrão que os restantes meios por ter grande credibilidade.

x) Nelson Traquina

Nelson Traquina (2002) faz uma distinção entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Segundo este autor, os valores-notícia de seleção dizem respeito à escolha dos acontecimentos mais importantes e estão divididos em critérios substantivos e critérios contextuais. Começando pelos critérios substantivos, eles referem-se ao facto em si, à sua importância e interesse. Os critérios enunciados por Traquina são, portanto, a morte, notoriedade do agente principal, proximidade geográfica e cultural, relevância, novidade, notabilidade, conflito, controvérsia e infração. Os critérios contextuais estão ligados à produção e são a disponibilidade, equilíbrio, visualidade (qualidade de imagem), concorrência, exclusividade e as notícias do dia (verificar se houve outros acontecimentos importantes). Os valores-notícia de construção dizem respeito à edição, àquilo que deve ser priorizado, realçado e/ou omitido. Segundo Traquina, os valores-notícia de construção são a simplificação, amplificação (que permite dar mais destaque à notícia para que esta seja notada), relevância, personalização, dramatização (reforçar o lado emocional) e consonância (encaixar a notícia numa narrativa já conhecida).

Após estudo dos autores mencionados e a reflexão/aprendizagem no meu curso de Mestrado, tendo a concluir que os valores-notícia costumam funcionar em conjunto. No entanto, haverá acontecimentos que não precisam de passar por toda esta pré-seleção para se transformar em notícia: um exemplo seriam as decisões e atos governamentais, que não passam por esta etapa de seleção propriamente, uma vez que já está implícito nas rotinas de trabalho dos jornalistas que são acontecimentos que devem e têm de ser noticiados, pela novidade e valor informativo, por afetarem a sociedade e pela existência de uma hierarquização de personagens. Assim, os critérios de noticiabilidade não seriam universais e, como referido

anteriormente, cada meio de comunicação social acaba por decidir quais os critérios mais importantes de acordo com a sua política editorial.

Parte III

Descrição da Entidade de Acolhimento

Como referido na introdução, o estágio realizado tendo em vista a obtenção do grau académico de Mestre, decorreu entre os dias 20 de janeiro e 9 de outubro de 2020, na TSF - Rádio Notícias, empresa que integra o universo da Global Media Group.

3.1. TSF - Rádio Notícias¹²

3.1.1. A emissora de radiodifusão: TSF - Rádio Notícias

O aparecimento da TSF em 1988 revolucionou a informação radiofónica em Portugal. Como sublinhou o então diretor editorial Carlos Andrade em 2003, no prefácio de “Tudo o que se Passa na TSF... Para um «Livro de Estilo»” (Meneses, 2003), “Sob a Liderança de Emídio Rangel uma equipa muito jovem, escolhida entre quem frequentou os cursos preparatórios da concretização do projeto, mais um punhado de profissionais experientes, acelerou o tempo da informação”, ideia sintetizada no *jingle* “rádio que mudou a rádio”. A TSF é, como refere Luís Bonixe (2012), “a principal rádio de informação portuguesa”. Mas, afinal, como é que tudo começou?

Foi a 29 de fevereiro de 1988, às 7 da manhã, que se ouviu a primeira emissão da TSF. Apenas em Lisboa e em 102.7 FM, surgiu a notícia de abertura do primeiro noticiário da estação – ainda sem autorização legal – na voz de Francisco Sena Santos: “Paz no fisco durante três meses”. Foi neste dia que a TSF, apesar de só ouvida em Lisboa, começou a deixar a sua marca no país e, 33 anos depois, o “estilo TSF” continua a ser marcante para os media nacionais (Cordeiro, 2005). Está em todo lado, a toda a hora e vai “até ao fim do mundo, até ao fim da rua”.

“Apesar de não podermos classificar apenas um estilo para o jornalismo radiofónico, o que é facto que existem, na TSF, recortes sonoros e de linguagem que têm distinguido esta estação, bem como uma reconhecida capacidade para contar «estórias» e estruturas as notícias, marcando, em alguns casos, a agenda política e jornalística do país” (Cordeiro, 2005).

Apesar da primeira emissão da TSF ter sido em 1988, a história começou muito antes disso e remonta a março de 1981, quando vários profissionais – a maior parte dos quadros da então Emissora Nacional – se uniram com o objetivo de criar uma rádio livre, diferente e original. Numa altura em que o novo governo falava em reprivatizar a rádio, criaram a TSF-Cooperativa de Profissionais de Rádio, na altura constituída por Adelino Gomes, Albertino Antunes, António Jorge Branco, António Rego, Armando Pires, David Borges, Duarte Soares, Emídio Rangel, Fernando Alves, Jaime Fernandes, Joaquim Furtado, João

¹² Descrição da entidade com base nas notas sobre a TSF na obra de João Paulo Meneses, “Tudo o Que Se Passa na TSF”(2003)

Canedo, José Videira, Mário Pereira e Teresa Moutinho.

Anos mais tarde, em junho de 1984, com emissores num prédio no Lumiar e noutra em S. João da Caparica, difundiram a primeira emissão "pirata"¹³. Haviam sido instalados em segredo nos dois edifícios, mas apenas um deles viria a ser encontrado pelas autoridades. Durante quatro horas, perto de 60 personalidades portuguesas – entre elas o Presidente da República Ramalho Eanes – deixaram depoimentos e mensagens de apoio ao movimento das rádios livres, um ato que ficou marcado para sempre na história da TSF. Personalidades do mundo do cinema, teatro, televisão, economia, desporto e política defenderam a abertura das rádios à iniciativa privada. Segundo Emídio Rangel, primeiro diretor da TSF, “era preciso mostrar que havia consenso na sociedade portuguesa”. A operação foi considerada um sucesso, uma vez que conseguiu cumprir com o objetivo de “agitar as águas”.¹⁴

Pouco depois, em maio de 1987, iniciou-se o primeiro dos cursos de formação da TSF, orientado por Adelino Gomes. O processo inicial de seleção e formação daqueles que viriam a fazer parte da equipa contribuiu, em muito, para a afirmação do projeto. Anos depois, alguns dos profissionais que foram selecionados ainda se encontram hoje a trabalhar na TSF. Também nesse ano, duas empresas entram no capital do projeto – a FNAC (Fábrica Nacional de Ar Condicionado) com 10% de participação e a Prodiário com 34%. A cooperativa manteve os 34%; quatro dos cooperantes detinham 16% do capital; mais 5% da Renascença Gráfica/Diário de Lisboa; e os restantes 1% da Repórteres Associados/Tal e qual/Rocha Vieira.

No entanto, em julho de 1988, começou uma longa batalha judicial no interior da cooperativa, com Teresa Moutinho e Albertino Antunes contra o presidente Emídio Rangel, o que causou uma ruptura com reflexos na vida interna da estação.

A 25 de agosto de 1988, Lisboa assistiu a um dos maiores incêndios urbanos de sempre, que destruiu vários edifícios na zona do Chiado. Pela cobertura jornalística da catástrofe, a TSF acabou por receber o prémio Clube de Jornalistas, o primeiro de muitos. Ainda no mesmo ano, a TSF entrou no primeiro concurso para atribuição de alvarás de radiodifusão, com o objetivo de obter licenças de emissão em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro. No final, só

¹³ Informações retiradas de um artigo do jornal PÚBLICO, sobre a história da primeira emissão pirata.

Disponível em:

<https://www.publico.pt/2003/03/02/portugal/noticia/tsf-a-historia-da-primeira-emissao-pirata-282671>

¹⁴ Expressão usada por Mário Pereira, sócio fundador da Cooperativa TSF, quando falou sobre a operação da primeira emissão pirata.

conseguiu ganhar em Lisboa e em Coimbra. Em setembro de 1989, aliou-se à Rádio Nova e, a partir de então, os noticiários conseguiram chegar ao Porto.

Depois do incêndio do Chiado, a redação da TSF foi responsável por outra cobertura histórica, desta vez relacionada com a Guerra do Golfo, no início dos anos 90. A estação foi um dos primeiros órgãos de comunicação social de todo o mundo a entrar no Kuwait libertado, após o fim da guerra.

Em abril de 1992, Emídio Rangel abandonou a direção da TSF e assumiu a liderança da SIC. Quem o substituiu foi David Borges, que se manteve no cargo de diretor da estação até 1995. Neste período, a TSF juntou-se ao projeto Lusomundo, empresa que detinha a Rádio Press¹⁵. Nasceu assim uma nova sociedade em que a responsabilidade pela gestão da TSF - Rádio Jornal era assumida em partes iguais pela Lusomundo e a cooperativa. A FNAC e a Projornal acabariam por vender, em 1993, as posições ao empresário Gonçalves Pereira do grupo Interpress.

Em 1995, Carlos Andrade assumiu a liderança da estação até 2003, após David Borges ter abandonado o cargo de diretor. No entanto, foi ainda com David Borges como diretor que surgiu um dos programas com maior destaque na estação, por permitir a participação dos ouvintes em direto para o debate de temas da atualidade: o Espaço Interativo, rapidamente rebatizado como Fórum TSF. A TSF dava assim o primeiro passo para a criação de programas de “antena aberta” em Portugal.

Em setembro de 1999, a TSF voltou a fazer uma cobertura histórica, ao realizar uma emissão especial, durante 10 dias e sem interrupções, dedicada ao ambiente de violência em Timor. Esta cobertura valeu a medalha dos Direitos Humanos da Assembleia da República. O “*ranking* JN” das empresas mais rentáveis de Portugal em 2000 indicava a estação como líder, como destacou João Paulo Meneses.

Ao longo dos anos, a estação foi passando por várias mudanças. Depois de Carlos Andrade, foi o jornalista Paulo Baldaia que assumiu a liderança entre 2008 e 2016, tendo sido substituído por David Dinis. A 1 de agosto de 2016, Arsénio Reis tornou-se o diretor da TSF até final de 2019, altura em que saiu da direção da rádio para exercer novas funções relacionadas com a internacionalização da Global Media. Pedro Pinheiro, na altura

¹⁵ Rede regional de emissores no norte e centro do país

subdiretor, assumiu as funções de diretor interino. Durante o estágio, a direção editorial da TSF era ainda constituída por Ricardo Alexandre, diretor-adjunto, e Anselmo Crespo, subdiretor.

A TSF é uma estação de rádio de cariz informativo, considerada por grande parte dos portugueses como uma estação fidedigna e credível, com noticiários de hora a hora (em boa parte do horário de meia em meia hora) e capaz de informar os ouvintes sobre todos os acontecimentos do dia. Os noticiários são divididos em cinco turnos: turno da Madrugada (das 00h00 às 06h00); turno da Manhã 1 (das 04h00 às 11h00); turno da Manhã 2 (das 09h00 às 16h00); turno da Tarde (das 14h00 às 21h00); e turno da Noite (das 19h00 às 02h00).

Os *jingles*¹⁶ que se ouvem ao longo do dia são também uma das marcas de identidade e imagem externa da estação. O primeiro foi “A Paixão da Rádio”, criado por Emídio Rangel. Outro bastante conhecido é “A rádio que mudou a rádio”, que dá a entender que a TSF não é como todas as outras rádios, afirmando-se como uma estação diferente e original. “Até ao fim do mundo, até ao fim da rua” e “Tudo o que se passa, passa na TSF” são outros dois exemplos de *jingles* que mostram que o objetivo da estação é informar sobre todos os acontecimentos importantes do dia, em todos os pontos do mundo. A atualização constante ao longo do dia é uma das regras da TSF.

Como diz Paula Cordeiro (2005), a estação reúne vários princípios e valores, tais como a simplicidade, clareza, rigor e transparência. Ao longo de toda a semana oferece aos ouvintes, seja em espaço de entrevista ou reportagem, conteúdos com temáticas variadas, desde política e economia, à cultura e ao desporto. Foi a primeira estação a criar programas de “antena aberta” em Portugal, privilegiando assim a opinião não só dos especialistas, como também dos ouvintes, dando-lhes tempo de antena diariamente.

“O estilo jornalístico da TSF, caracterizado acima de tudo pela criatividade e liberdade de escolha, é notório nos directos e nos espaços da programação de entrevista, pela forma directa e pelo debate de ideias entre o jornalista e o seu convidado, deixando, sempre, evidenciar o entrevistado e perseguindo a ideia de que é a ele, que os ouvintes querem ouvir. Da entrevista informativa à entrevista de personalidade o género ocupa um importante espaço na programação da estação, bem como a reportagem” (Cordeiro, 2005, p. 5)

¹⁶ *Jingles* - “Mensagem publicitária/promocional curta, musicada ou não, em espaço identificado. Na TSF, está associado a autopromoção fixa.” (Meneses, 2005, p. 322).

São muitos os programas de informação, debate, reflexão e entrevista que nasceram na TSF e que a distinguem de outras estações de rádio. Eis alguns exemplos¹⁷:

Fórum TSF – Dele trataremos mais adiante, em 3.1.3.

Circulatura do Quadrado – É o mais antigo programa de debate político em Portugal, tendo nascido na TSF como Flashback, sucessivamente batizado com o nome de Quadratura do Círculo (hoje, Circulatura do Quadrado, com a passagem da SIC Notícias para a TVI 24). É um programa emblemático, moderado por Carlos Andrade e com comentários de Pacheco Pereira, Jorge Coelho (entretanto substituído por Ana Catarina Mendes) e António Lobo Xavier. A TSF transmite uma versão editada à quinta-feira, às 13h15, 23h10 e 03h00.

Governo Sombra – “Eles querem, podem, mas não mandam” é o *slogan* do programa que conta com a participação de Ricardo Araújo Pereira, Pedro Mexia e João Miguel Tavares e é moderado por Carlos Vaz Marques. Todos os domingos, depois das 11h00 e às segundas-feiras, por volta das 13h00 (em versão compacto) os três protagonistas debatem os principais temas da atualidade, seja política ou sociedade, sempre com um registo humorístico ou irónico. É emitido na TSF desde 2008 e na SIC desde 2020. Antes disso, entre 2012 e 2019, o programa de debate foi transmitido também pelo canal de informação TVI24.

A Opinião – “Pensar o país e o mundo com marca própria”. Todas as semanas, de segunda a sexta-feira, depois do noticiário das 09h00, ouve-se a opinião de Pedro Tadeu (à segunda-feira), Daniel Oliveira (à terça-feira), Inês Cardoso (à quarta-feira), Adolfo Mesquita Nunes (à quinta-feira) e Paulo Baldaia (à sexta-feira) sobre temas de política e atualidade.

Almoços Grátis – Programa de debate político semanal que marca a atualidade entre David Justino (PSD) e Carlos César (PS). É emitido às quartas-feiras, às 13h15.

Bloco Central – O jornalista Anselmo Crespo é o moderador da conversa entre Pedro Adão e Silva e Pedro Marques Lopes que, “sem medo das palavras”, fazem a análise semanal da política e dos políticos, durante uma hora. O programa é emitido à sexta-feira, depois das 19h, com repetição ao sábado, à 01h00 e às 11h00.

Tubo de Ensaio – Os humoristas Bruno Nogueira e João Quadros regressaram à TSF com noticiários de três minutos sobre temas “quentes” do quotidiano, em jeito de *stand-up*. É

¹⁷ Informações retiradas do *website*: <https://www.tsf.pt/>

emitido de segunda a sexta, às 08h35 e 18h20.

TSF Pais e Filhos – Programa em parceria com a revista Pais e Filhos, tem como objetivo aconselhar e responder às dúvidas dos pais sobre eventuais dificuldades com os mais novos. Conta com a participação de profissionais, como psicólogos e pedopsiquiatras, que esclarecem os pais inquietos. É emitido de segunda a sexta-feira, às 08h40 e 16h40.

3.1.2. TSF *Online*

Com o advento da Internet, a rádio foi obrigada a adaptar-se a estas novas tecnologias e a TSF não foi exceção. Em setembro de 1996, a TSF lançou o primeiro projeto na Internet: a TSF *Online*. Ali, podia-se aceder a crónicas, jornais especiais, reportagens, imagens e até mesmo às previsões do tempo. A TSF *Online* publicava fotografias da equipa e dos respectivos cargos e foi assim que os elementos da estação deixaram de ser só uma voz.

“Depois de uma homepage provisória, a funcionar desde Abril, «a rádio em directo» estreava uma «nova sonoridade», disponibilizando em menus com ligações a diversas rubricas: crónicas, magazines, jornais especiais, reportagens, imagens, ficha técnica e utilidades, com mapas de Portugal e previsões de tempo [muito idêntico ao que ainda se verifica]. Apareciam também as fotografias dos elementos da estação e respectivos cargos. Bastava então clicar no nome deles para surgir no ecrã um formulário para o envio de correio electrónico, de modo a facilitar o contacto entre os leitores/ ouvintes e os jornalistas” (Bastos, 2010, p.37).

No entanto, com o *boom* da Internet, por volta do ano 2000, tudo isto foi repensado e, à semelhança de outros órgãos de comunicação social, a TSF apostou numa plataforma *online*. O *site* começou por ser em formato de *breaking news* (notícias de última hora), com um pequeno texto e uma imagem, numa altura em que todos os órgãos de comunicação social queriam ser os primeiros a dar uma determinada notícia. Com o passar dos anos e com a evolução da tecnologia, a TSF começou a aproveitar todas as potencialidades da Internet e, sendo um *site* de rádio, apostava sobretudo no áudio.

O som continuava a ser sempre o pilar da estação, mas a ele juntaram-se os textos, as imagens, os gráficos e os vídeos. “Se a rádio é a expressão sonora, a ciber-rádio é, simultaneamente, expressão sonora, multimédia e interativa” (Herreros, 2008, p.63). Surgiu a TSF *Online*, como extensão da rádio para a Internet. Tanto a TSF *Online* como a emissora de rádio partilham hoje a mesma sala de redação e, apesar de serem autónomas e terem critérios

diferentes, ajudam-se mutuamente. O *site* é uma forma de complementar a informação transmitida na rádio, ao mesmo tempo que promove a própria estação. Uma das grandes vantagens do *site* é ainda a possibilidade de ouvir a rádio em direto ou consultar emissões anteriores, algo que durante muito tempo fora impossível para os ouvintes. Com a TSF *Online* passou a haver tempo para tratar entrevistas ou partes de entrevistas com personalidades públicas, acrescentando dados úteis que somam aos valores-notícia. O *site* está em constante atualização e é organizado em várias secções: Portugal (que está subdividido em política, economia, sociedade e cultura); Mundo (subdividido em Europa, Lusofonia, América, África, Ásia e Oceânia); Desporto; Futuro (subdividido em tecnologia, ciência, astronomia e inovação); Programas; e Lifestyle.

3.1.3 Fórum TSF

“O Fórum TSF é hoje uma referência da rádio portuguesa e tem lugar garantido quando se fizer a história da comunicação social nestas décadas, pelo pioneirismo, pelo impacto, pelo consenso, pelo percurso intocável ao longo dos anos. A ponto de hoje, não ser possível considerá-la como um mero programa de debate ou de entrevistas, sendo, antes, um novo género jornalístico. (Meneses, 2003, p. 193)

Criado em 1995, o Fórum TSF é uma referência na rádio portuguesa e um dos símbolos da estação. Todos os dias, de segunda a sexta-feira, depois do noticiário das 10h00, o jornalista Manuel Acácio, com a produção de Fernanda Oliveira, conduz o debate entre convidados e ouvintes sobre um tema da atualidade, escolhido na própria manhã. O *site* da TSF descreve-o como um programa de informação diária, com estilo próprio e interativo e duração de cerca de hora e meia.

Inicialmente, o programa era conhecido por Espaço Interativo, mas logo nas primeiras emissões o então moderador do programa, Carlos Andrade, que viria a ser diretor da estação, insistiu que se tratava do “Fórum TSF”, por considerar a designação original pouco apelativa e até inapropriada, pois “a rádio lida com tempo e não com espaço” (Carlos Andrade, em depoimento não gravado a 19 de fevereiro de 2020). Foi assim que, aos poucos, aquele que era conhecido como Espaço Interativo na grelha de programação da TSF, viu reconhecida a identidade como “Fórum TSF”. Visto que era a primeira vez que se fazia algo do género em Portugal, havia o receio de não aparecerem muitos ouvintes e, por isso, havia um conjunto reduzido de comentadores que acompanhavam o *pivot*, como uma rede de segurança (Carlos Andrade, em depoimento não gravado a 19 de fevereiro de 2020). Esses receios

desapareceram quando se chegou à conclusão que não faltavam ouvintes para opinar sobre tudo, alguns deles até com bastante conhecimento em certas áreas, e outros que participavam quase todos os dias. As participações diárias dos mesmos ouvintes levaram às primeiras dificuldades do programa, que procurava descobrir como ter vozes novas e perceber se essas vozes tinham ou não uma agenda ou um interesse próprio (Carlos Andrade, em depoimento não gravado a 19 de fevereiro de 2020).

Como pude observar durante o estágio na TSF, atualmente os ouvintes identificam-se com o nome, local de onde liga e profissão, sendo a seleção feita pela ordem de chegada, mas também de modo a evitar ligar para as mesmas pessoas todos os dias. No que diz respeito aos convidados, estes são escolhidos após a decisão do tema, geralmente personalidades que têm conhecimento sobre o assunto que vai ser debatido, como políticos, representantes institucionais ou investigadores, ou ainda comentadores. Testemunhei ainda que, ao longo do programa, se procura uma fusão equilibrada entre ouvintes e convidados, apesar de não existir um número certo de participantes. Adicionalmente, além da opinião dos ouvintes em direto, também são lidos alguns dos comentários que o público deixa na página do *facebook* da TSF e do próprio *site*, caso sejam pertinentes.

O Fórum TSF tornou-se matriz dos debates públicos interativos e foi a primeira experiência portuguesa com sucesso no que diz respeito ao acesso dos cidadãos à oportunidade de emitirem opinião sobre assuntos relevantes – deixaram a posição passiva de ouvintes, assumindo o direito ativo de intervir. Em síntese, pude perceber pela investigação e com o meu estágio que a TSF encontrou um modelo inovador que dava voz ao cidadão anónimo para partilhar e debater pontos de vista, preenchendo necessidades de afirmação de cidadania sentidas pelo público e potenciando a liberdade de expressão.

3.2. TSF - Rádio Notícias, como parte do universo da Global Media Group

O Global Media Group¹⁸ é um dos maiores grupos de media em Portugal e marca presença nos setores da rádio, imprensa, multimédia e internet.

Para a compreensão da realidade atual, importará ter em conta o facto de o empresário Luís Silva ter conseguido, em 1990, vencer as privatizações do Diário de Notícias e do Jornal de Notícias, dando origem à Lusomundo Média; e a criação anos antes da Olivedesportos, fundada em 1984 por Joaquim Oliveira.

¹⁸ Informações retiradas do *website* www.globalmedia.pt.

No início dos anos 2000, a então Portugal Telecom chegou a acordo com o Luís Silva para a compra da Lusomundo Serviços, que integrava o universo de media do empresário, o qual acabaria por ser vendida novamente cinco anos mais tarde à Controlinveste, de Joaquim Oliveira.

Em 2013, o grupo Controlinveste vendeu 72,5% do capital aos investidores Banco Comercial Português (15%), Banco Espírito Santo (15%), António Mosquito Mbakassie (27,5%) e Luís Montez (15%). Pouco depois, em dezembro de 2014, a Controlinveste mudou de nome para Global Media Group.

Ao tempo do meu estágio e desde outubro de 2017, o Global Media Group tinha como acionistas: KNJ Global Holding Limited, que detém 30% do capital; SGPS, S.A, com 19,25%; José Pedro Carvalho Reis Soeiro (19,25%); Banco Comercial Portugal e Novo Banco, ambos com 10%; e Grandes Notícias, Lda, com 10,5%. Daniel Proença de Carvalho era o presidente do Conselho da Administração.

No que diz respeito à imprensa regional, o grupo marcava presença no Diário de Notícias da Madeira e no Açoriano Oriental – o jornal mais antigo de Portugal. Além de deter os direitos de transmissão televisiva de competições de futebol profissional em Portugal e de participar na estrutura acionista da Lusa, também era proprietário de muitas outras marcas de referência, como o Diário de Notícias, o Jornal de Notícias, o jornal desportivo O Jogo, as revistas Evasões e Volta ao Mundo, as publicações digitais Dinheiro Vivo e Delas, além da rádio TSF (o último órgão de comunicação social a juntar-se ao grupo Lusomundo, em 1994).

Parte IV

Estudo de Caso:

A Tomada de Decisão Editorial do Fórum TSF

4.1. Métodos utilizados para a análise

O Fórum TSF é um dos grandes símbolos da estação de rádio e foi a primeira experiência portuguesa com sucesso que permitiu dar voz aos cidadãos. O programa vai ao ar todos os dias, de segunda a sexta-feira (com exceção dos feriados), entre as 10h e as 12h. O debate é conduzido por Manuel Acácio, que modera o Fórum TSF desde 1999, com produção de Fernanda Oliveira. Há uma escolha diária do tema para debate, sendo possível ouvir a opinião e os pontos de vista dos convidados (especialistas, comentadores ou políticos) e ouvintes. A decisão final é tomada por Manuel Acácio, que apresenta o tema do programa às 9h (altura em que os ouvintes se podem começar a inscrever). A escolha do tema nem sempre se revela fácil e depende de vários critérios. Elegemos como principal objetivo deste trabalho perceber quais são esses critérios, no processo de escolha do tema.

Ao longo dos meses de estágio (desde 20 de janeiro a 9 de outubro, com um período de suspensão de 6 meses devido ao novo coronavírus) acompanhei o Fórum TSF todos os dias dando especial atenção, desde logo, aos temas que mais vezes eram levados a debate. Durante duas semanas, tive a oportunidade de acompanhar de perto todo o processo de escolha do tema, bem como os mecanismos de escolha de convidados e ouvintes, ao lado de Manuel Acácio e Fernanda Oliveira. Nessas duas semanas, através de entrevistas a Manuel Acácio, Fernanda Oliveira e, também, Mário Fernando (que conduziu o programa quando Manuel Acácio esteve em isolamento profilático por causa da pandemia) foi possível perceber melhor quais os critérios para a tomada de decisão editorial do Fórum TSF. No total, foram analisadas 137 edições (ver anexo 3), desde 20 de janeiro a 9 de outubro (30 semanas). No anexo 3, é possível ver que adotei um esquema dividido em três categorias: o tema, as perguntas e a editoria. O tema refere-se ao “título” do programa do dia mencionado e é o que aparece com mais destaque no *site* para dar a conhecer ao público o que vai ser debatido (ver anexo 7). Geralmente são frases curtas, que podem estar em formato de pergunta, ou apenas uma frase simples que vai diretamente ao que se pretende discutir. Eis alguns exemplos: “Temos um problema de racismo nas polícias?” (Fórum do dia 23 de janeiro); “Governo escolhe independente para planear o relançamento da economia” (Fórum do dia 2 de junho); “Os aterros, as fábricas poluentes e a qualidade de vida das populações” (Fórum do dia 2 de março). Nos casos de debate de mais do que um tema específico, um dos formatos utilizados é separar os vários assuntos por vírgulas. O tema é, portanto, aquilo que aparece mais destacado no *site*, seguindo-se as perguntas mais específicas (ver anexo 8). Estas perguntas são feitas por Manuel Acácio logo no início do Fórum TSF e, por serem mais detalhadas e

diretas, permitem desencadear imediatamente o debate. O objetivo destas perguntas é encaminhar os ouvintes e os convidados para os pontos principais daquilo que constitui o objeto da discussão nesse dia. Por norma, costumam ser colocadas duas a três questões, mas nunca perguntas de “sim” ou “não”, que dão abertura aos ouvintes para exprimirem as suas opiniões e pontos de vista. Por exemplo, dia 30 de março, o tema do fórum foi “a primeira semana do Estado de Emergência” — se o fórum não tivesse as perguntas mais específicas, este tema acabaria por ser muito geral, podendo levar à discussão assuntos que, apesar de caberem na primeira semana do Estado de Emergência, não estavam interligados. As perguntas que abriram o Fórum TSF nesse dia foram as seguintes: “Como avalia a forma como os portugueses estão a cumprir o isolamento social? É necessário reforçar as medidas de controlo? O Governo deve obrigar um documento para justificar as deslocações?”. Com estas questões, Manuel Acácio foi diretamente ao que pretendia ver debatido, tudo relacionado com a primeira semana do Estado de Emergência, mas evitando, deste modo, que os ouvintes divagassem sobre o tema. Tal como aprendi nas aulas do Ateliê de Reportagem, Entrevista e Edição Radiofônica, a voz é o elemento principal para chamar a atenção do ouvinte e fazer com que ele se interesse, logo nos primeiros segundos, pelo objeto da mensagem. Importa ter em conta que a linguagem radiofônica¹⁹ deve “ser capaz de se aproximar social e culturalmente dos códigos do receptor” (Portela, 2006, p.26) e que esse objetivo só é cumprido se a mensagem for transmitida de forma clara, simples e sem qualquer tipo de “ruído²⁰”, como o uso do futuro (o tempo verbal adequado é o presente, uma vez que pressupõe a atualidade e proximidade), as siglas (podem não ser conhecidas para o público), a inversão do sujeito, ignorância, linguagem incorreta e sensacionalismo. Em cada Fórum TSF, Manuel Acácio procura dirigir-se aos ouvintes de forma natural, calma e pausada, como se estivesse frente a frente a conversar com eles. Em último lugar nas tabelas que elaborei está a categoria da editoria. Nesta categoria, o tema do fórum, assim como as perguntas, são associadas a editorias da TSF para perceber quais os temas mais debatidos ao longo dos meses de estágio. Com esse objetivo, foram escolhidas as seis editorias que estão no *site* online da TSF: política, economia, sociedade, cultura, mundo e desporto.

¹⁹ A linguagem radiofônica é o “conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos, da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto de fatores que caracterizam o processo de perceção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes” (Balsebre, 1996, p.27).

²⁰ “Tudo aquilo que é dito pelo jornalista e que pode fazer com que o ouvinte interrompa (nem que seja por alguns segundos, mas quase sempre temporário) a escuta da rádio” (Meneses, J. 2016, p. 71)

4.2. Apresentação dos resultados

4.2.1. Os temas debatidos no Fórum TSF

Tendo em conta que a Covid-19 chegou a Portugal dia 3 de março, estabeleceu-se neste trabalho uma divisão entre os temas debatidos antes desse dia e após a chegada do novo coronavírus ao país. Isto porque, desde o dia 3 de março, os temas do Fórum TSF passaram a ser maioritariamente relacionados com a pandemia, pelo que faz sentido perceber as temáticas abordadas antes do novo coronavírus ter chegado a Portugal.

Para isso, foram elaborados três gráficos: o primeiro revela quais os temas mais abordados antes da chegada da Covid-19 a Portugal, ou seja, até ao dia 2 de março (29 fóruns); o segundo mostra quais os assuntos discutidos após a chegada do novo coronavírus ao país (108 fóruns); e o último indica quais foram os temas mais debatidos ao longo dos 137 fóruns que acompanhei.

Gráfico 1

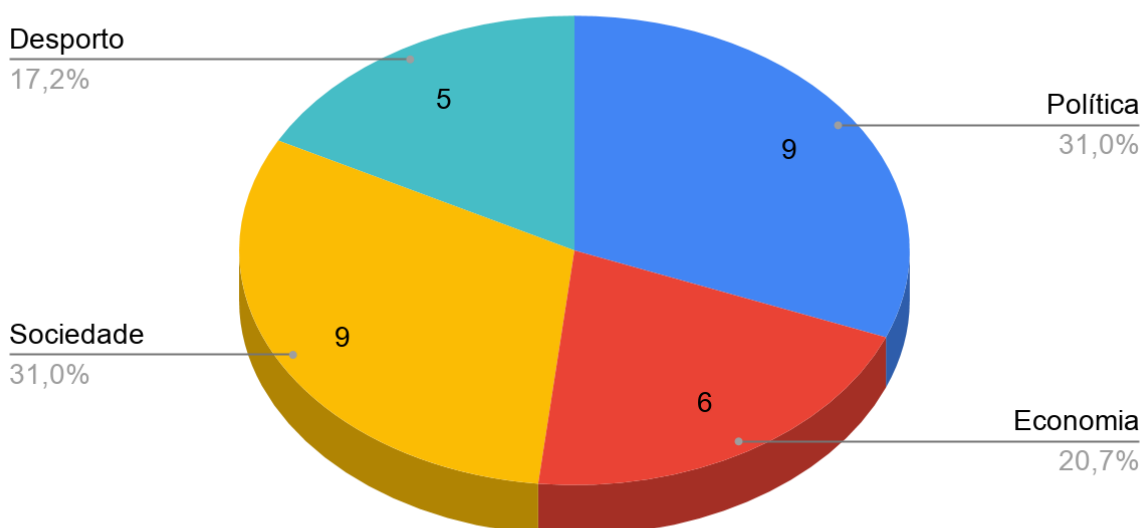


Gráfico 1: Percentagem dos temas debatidos no Fórum TSF desde o dia 20 de janeiro até ao dia 2 de março.

Segundo o gráfico 1, os assuntos relacionados com as editorias política e sociedade foram os mais debatidos. Dos 29 fóruns analisados (os anteriores à chegada do novo coronavírus), nove foram sobre questões políticas (31%) e outros nove sobre questões sociais (31%). Também podemos verificar que os assuntos relacionados com a economia do país foram importantes, merecendo destaque em seis fóruns (20,7%). Questões relacionadas com desporto surgiram como tema do dia de cinco fóruns (17,2%). Constatou-se, por fim, que temas internacionais ou da área da cultura não foram debatidos entre o dia 20 de janeiro e o dia 2 de março.

Gráfico 2

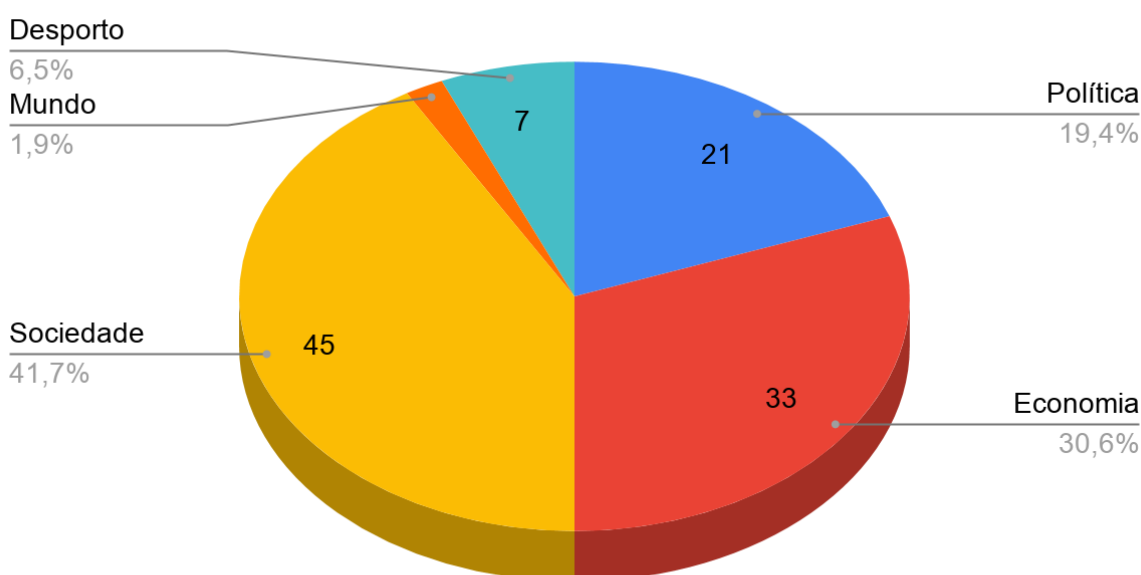


Gráfico 2: Percentagem dos temas debatidos no Fórum TSF desde o dia 3 de março até ao dia 9 de outubro

No gráfico 2 (após a chegada da Covid-19), podemos ver que houve um aumento de fóruns relacionados com a economia, que superou as da política. Os temas da sociedade continuaram a ser os mais debatidos no Fórum TSF. Para chegar aos dados do gráfico, analisamos 108 fóruns, dos quais 45 (41,7%) foram sobre questões sociais. A chegada do novo coronavírus a Portugal afetou a economia do país e 33 dos fóruns (30,6%) foram precisamente sobre questões económicas. Os temas de política, apesar de terem tido uma menor percentagem que

no gráfico anterior, mereceram abordagem ao longo de 21 fóruns (19,4%). O desporto continuou a ser um dos menos debatidos, mas, ainda assim, foi sete vezes (6,5%) o assunto do dia. Ainda neste gráfico, podemos ver que os temas internacionais ganharam destaque e foram discutidos duas vezes (1,9%) no Fórum TSF, ao contrário do que se verificou no primeiro gráfico, onde não encontramos temas da editoria do mundo. Assim como se verificou no primeiro gráfico, também questões relacionadas com cultura não foram discutidas no programa.

Gráfico 3

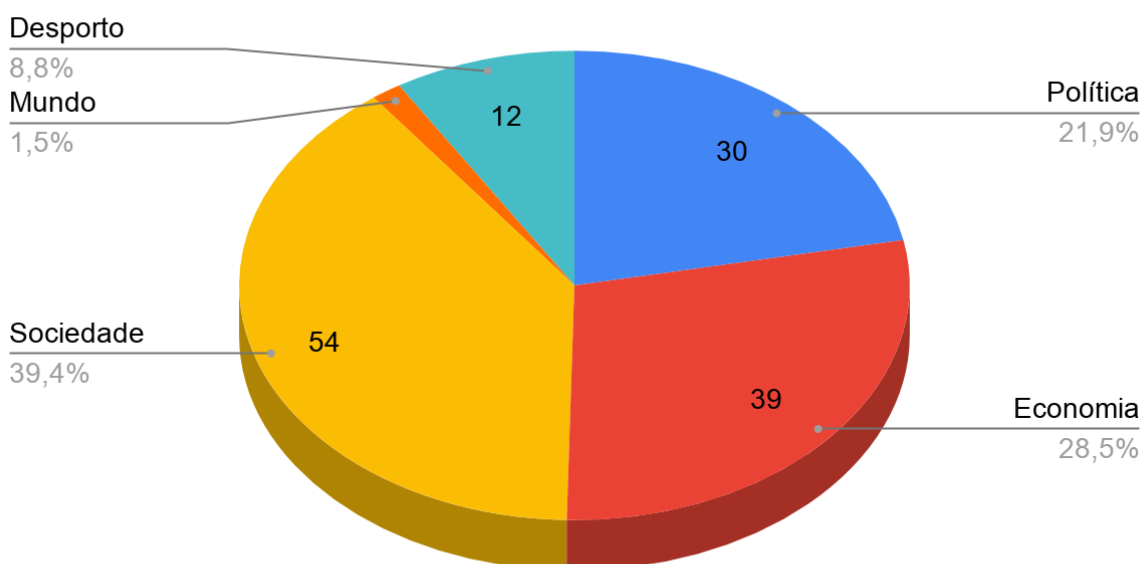


Gráfico 3: percentagem dos temas debatidos no Fórum TSF desde o dia 20 de janeiro até ao dia 9 de outubro

O gráfico 3 mostra que, ao longo dos 137 fóruns que acompanhei, os temas relacionados com sociedade (39,4%), economia (28,5%) e política (21,9%) foram mais vezes assunto de debate. O desporto, apesar de ter uma percentagem menor (8,8%), também mereceu escolha para discussão por 12 vezes. A chegada da Covid-19 a Portugal pode ter influenciado este número, uma vez que campeonatos e eventos desportivos foram suspensos ou cancelados durante algum tempo, pelo que não existia tanta para debater como seria normal. Os temas

internacionais e relacionados com o mundo mereceram escolha por duas vezes (1,5%) ao longo destes nove meses, enquanto que a cultura não foi tema de debate em qualquer fórum.

Além da análise dos 137 fóruns, o acompanhamento direto durante duas semanas do programa, assim como as entrevistas feitas a Manuel Acácio (Anexo 4), Fernanda Oliveira (Anexo 5) e Mário Fernando (Anexo 6) permitiram perceber todo o processo para a seleção dos temas, quais os critérios de escolha e as razões de alguns serem mais debatidos do que outros.

4.2.2. As várias etapas

Há várias etapas que Manuel Acácio ultrapassa para decidir o tema do Fórum TSF. Uma vez que o foco do programa são temas da atualidade, a primeira etapa começa a ser concretizada assim que termina cada programa, pois pude constatar que Manuel Acácio começa desde logo a pensar no tema do dia seguinte. Para tal, pesquisa em *sites* de informação, noticiários de rádios e televisões e outros meios, tudo para ter uma ideia do que são assuntos de maior destaque que podem eventualmente ser colocados em debate no Fórum TSF. Essa etapa prossegue no dia seguinte, desde logo percorrendo as manchetes dos jornais em casa, ou seja, muito antes de chegar à redação, em busca de um tema forte. Pude partilhar viagens com ele até chegarmos à TSF e constatei que, ainda a caminho, vai pensando em possíveis escolhas, suscetíveis de proporcionar um bom debate e possíveis convidados. A etapa seguinte concretiza-se já dentro da redação.

“Chego à rádio e começo logo a ler os jornais, até porque tenho que fazer a revista de imprensa. Portanto, ler os jornais, ler com atenção o recado da equipa da noite, reler o recado da tarde, ver o que a Manhã 1 está a fazer e que temas estão a desenvolver, são todos ingredientes que me ajudam a decidir” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020²¹).

Nesse exercício, e como foi possível observar ao longo das duas semanas em que acompanhei de perto o Fórum TSF, Manuel Acácio ia apontando num papel vários temas que poderiam ser opção para o debate do dia. Por exemplo, no dia 10 de fevereiro, anotou duas possíveis opções: o PSD e a reforma do sistema político e da justiça; e a eutanásia. Uma vez que, no dia seguinte, a questão da eutanásia teria de ser discutida na reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal, Manuel Acácio optou por deixar para o dia seguinte o tema

²¹ Citação retirada de uma entrevista com Manuel Acácio, que se encontra disponível para leitura completa no Anexo 4.

“eutanásia e eventual referendo”, escolhendo, portanto, opções equacionáveis pelo PSD sobre grandes reformas no país. Assim, no dia seguinte, 11 de fevereiro, o tema acabaria por ser “a eutanásia, o referendo e a legitimidade dos deputados”, na sequência da decisão já admitida anteriormente. Este exemplo vale para mostrar que o tema do Fórum TSF pode começar a ser decidido com antecedência, a partir de uma agenda de acontecimentos, como sejam reuniões ou entrevistas importantes. “Se hoje há autárquicas, já sei que amanhã vou fazer fórum sobre isso. Se o Governo, na sexta-feira, anuncia o Plano de Contingência face ao Covid-19, já sei que previsivelmente o tema do fórum será esse” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020). Ainda assim, raramente o tema é decidido por antecipação e, quando o é, pode estar sujeito a alterações, caso a atualidade imponha um tema ainda mais forte. Por exemplo, nesse mesmo dia 11 de fevereiro, apesar de ter previsto discutir a questão da eutanásia e do referendo, Manuel Acácio não deixou de anotar possíveis alternativas, como a mudança no trânsito da Baixa de Lisboa ou aterros sem condições ligados a fábricas poluentes.

Um tema preterido num dia pode vir a ser considerado admissível noutra. Foi o que aconteceu a 18 de fevereiro, dia em que a escolha acabou por ser o “racismo no futebol”, pois na véspera um jogador do Futebol Clube do Porto havia sido alvo de comportamentos racistas. Esse tema mereceu a preferência em relação a outros como o aeroporto do Montijo (e o argumento do secretário de Estado Alberto Souto de Miranda de que “os pássaros não são estúpidos”); as comissões bancárias; os maus-tratos a animais; e os aterros relacionados com fábricas poluentes (que, como vimos, já tinha sido possível opção no dia 11 de fevereiro). Como se pode observar no Anexo 3, muitos dos temas equacionados, tanto no dia 11 de fevereiro como a 18 de fevereiro, acabariam por chegar a debate no Fórum TSF mais tarde – como é o caso das mudanças na Baixa de Lisboa (14 de fevereiro); os aterros e as fábricas poluentes (2 de março); o aeroporto do Montijo, sem esquecer o argumento de que “os pássaros não são estúpidos” (19 de fevereiro); a redução das comissões bancárias (27 de fevereiro); e os maus-tratos a animais (26 de fevereiro). A conclusão óbvia é a de que certos temas, apesar de não terem sido eleitos no mecanismo decisório anterior, podem merecer escolha mais tarde. A última etapa antes da decisão definitiva para o que chega ao Fórum TSF implica, portanto, uma avaliação das notícias mais importantes do dia, momento da escolha da que faz mais sentido ser levada a debate. Tal decisão depende de vários critérios que vão ser abordados mais adiante.

Registei, portanto, as principais etapas rotineiras de dias em que, havendo várias notícias a considerar, acaba por ser escolhida uma. Todavia, em tempos de pandemia, apesar do

raciocínio e da gestão do programa ser igual, a lista de possíveis temas diminuiu consideravelmente, limitando as alternativas de “saltar de área para área”²² (Mário Fernando, 16 de setembro de 2020). Aliás, a chegada da Covid-19 a Portugal obrigou a medidas de prevenção dentro da própria TSF e uma delas foi obrigar os profissionais a períodos de isolamento durante duas semanas. No impedimento de Manuel Acácio, quem o substituiu foi Mário Fernando (editor de futebol da TSF) que já tinha conduzido o programa anteriormente, também em situações excepcionais, como as decorrentes do ataque às Torres Gêmeas em Nova Iorque, a 11 de Setembro de 2001, que obrigaram a sucessivos fóruns com o mesmo tema. Assim sendo, facilmente se percebe que, com a pandemia, o leque de escolhas reduziu-se drasticamente perante uma situação completamente nova, desconhecida e imprevisível. Quando Mário Fernando teve de substituir Manuel Acácio, era um tempo em que a questão que se colocava obrigava a refletir sobre “a partir da Covid-19, o que temos de importante hoje?” (Mário Fernando, 16 de setembro de 2020) e já não “qual o tema mais importante do dia?”.

“Em função do dia a dia, escolher o tema que se enquadra naquele que era o assunto prioritário ou primordial em função do que estava a acontecer (...) A partir da Covid, o que temos hoje? A minha gestão foi feita estritamente nessa perspetiva. Há aqui outro dado também importante. Como nós estamos a lidar com uma coisa completamente nova, era impossível adivinhar, perspetivar ou planear alguma coisa a prazo, com dois ou três dias, porque como lembramos naquela altura e no período do Estado de Emergência tudo mudava de dia para dia” (Mário Fernando, 16 de setembro de 2020).

4.2.3. Os critérios para a escolha do tema

Tanto em tempos “normais” como nos de pandemia, a escolha do tema está sempre limitada por uma série de critérios. Antes de os identificar, será importante perceber os principais objetivos do Fórum TSF. De acordo com Manuel Acácio (23 de setembro de 2020), o objetivo é “criar notícia nova, pura e dura” e “fazer um debate sério, um debate profundo, onde o objetivo é, de facto, dar aos nossos ouvintes dados para eles terem opinião”, assumindo que o grande papel do jornalismo passa por dar instrumentos às pessoas para que tenham uma opinião informada.

O primeiro critério essencial para a escolha do tema que vai ser levado a debate obriga a responder à seguinte pergunta: qual o assunto mais importante do dia? Na verdade, há dias

²² Citação retirada de uma entrevista com Mário Fernando, que se encontra disponível no Anexo 6.

em que não parece haver um e outros em que surgem dois ou mais temas dominantes. É nestes casos que a situação se complica e levantam-se outras perguntas.

“Se eu tenho dois temas importantes, de quais destes temas eu consigo sacar notícias? O que é que eu consigo acrescentar? Com qual é que consigo produzir mais alguma coisa para a antena da TSF? Destes temas, o que é que a Manhã 1 está a tratar? (...) Penso sempre na importância do tema, onde é que eu crio notícia, o que está a fazer a Manhã 1 e há quanto tempo eu já debati aquilo” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020).

Como se pode constatar, a questão relacionada com o número de vezes em que um assunto já foi debatido no Fórum TSF também é um dos fatores que influencia a escolha final. Segundo Manuel Acácio, não é desejável levar a debate um tema em que os convidados seriam os mesmos do dia anterior, sem nada de novo a acrescentar. Porém, isto não impede, por se tratar de situação diferente, que volte a ser abordado um mesmo tema, mas com um novo ângulo e mais informações. Foi o que aconteceu, por exemplo, nos dias 20 e 21 de fevereiro, em que a eutanásia mereceu dois programas consecutivos. O Fórum TSF do dia 20 de fevereiro (“a despenalização da eutanásia e do suicídio assistido”) foi feito antes do debate na Assembleia da República sobre os cinco projetos de lei para a despenalização da morte assistida. Neste sentido, o objetivo era explicar em concreto o que estava em causa e, para isso, foram convidados os cinco partidos que iam apresentar os projetos de lei para que pudessem explicar as suas propostas – participaram José Manuel Pureza, deputado do Bloco de Esquerda; Maria Antónia Almeida Santos, deputada do Partido Socialista; André Silva, deputado e líder do PAN; José Luís Ferreira, deputado do PEV; e João Cotrim Figueiredo, deputado da Iniciativa Liberal. No dia seguinte, 21 de fevereiro, já com a novidade da aprovação da despenalização da eutanásia, o foco incidiu nas consequências do que aconteceu no Parlamento (“a eutanásia, o referendo e o papel do Presidente da República). Ao contrário do que acontecera no dia anterior, em que haviam sido discutidos os cinco projetos de lei apresentados na Assembleia da República, o debate no Fórum TSF do dia 21 centrou-se nas expectativas das pessoas após a aprovação da despenalização do suicídio assistido, tendo sido convidados opositores desta decisão, como Isilda Pegado, presidente da Federação Portuguesa pela Vida, e o padre Manuel Barbosa, porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa. Segundo Mário Fernando (16 de setembro de 2020), repetir temáticas em dias seguidos faz sentido caso surjam dados que alterem a discussão, “dados novos que são dados relevantes e que inclusivamente podem fazer uma pessoa que ontem tinha uma

opinião, perante estes novos factos, mudar a opinião”. Apesar de terem sido dois dias com a mesma temática, os ângulos do programa foram diferentes, assim como os convidados – neste caso, acolher convidados repetidos em dias seguidos “não é bom para eles, nem é bom para os ouvintes” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020). Daqui resulta que a possibilidade de alternar convidados é, portanto, um dos critérios para a seleção do tema que vai ao Fórum TSF.

Quanto a convidados, por norma, o programa costuma ter entre quatro a oito, dependendo do número de inscritos que surgem quando o tema é previamente anunciado na emissão da TSF. “Há temas em que temos tantos ouvintes inscritos logo no início que pensamos em ter 4 ou 5. Quando percebemos que não se estão a inscrever muitos ouvintes, temos 7 ou 8” (Fernanda Oliveira, 8 de outubro de 2020²³). Como pode constatar, assim que o tema é decidido, o próximo passo implica pensar nos convidados que fazem mais sentido, planeando-se o alinhamento das respetivas intervenções conforme a disponibilidade de cada um. Ao longo dos 137 fóruns que analisei, percebi que, na grande maioria das vezes, o debate começa sempre com um convidado e não com um ouvinte. Isto acontece porque “o objetivo é dar aos ouvintes instrumentos, opiniões e dar dados para formarem a sua própria opinião” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020). Desta forma, o Fórum TSF costuma começar com um convidado (frequentemente um comentador) para uma visão panorâmica do assunto que estimula a discussão, seguindo-se outros geralmente com opinião mais especializada.

Uma vez que os ouvintes são decisivos para a identidade do Fórum TSF, daí decorre que a escolha final deve interessar as pessoas, levando-as a inscrever-se no programa. Todavia, como referiu Manuel Acácio, há dias em que a decisão tem de ser tomada “por intuição e outras vezes é o tema possível”, por ser o único admissível. Apesar da inscrição e contributo dos ouvintes ser tida como fundamental para o programa, tanto Manuel Acácio como Mário Fernando admitem que um certo tema, podendo não suscitar grande interesse nos ouvintes, merece o risco de ser levado a debate, devido à importância na agenda editorial.

“O fórum não se rege por aquele critério um bocadinho básico de termos que ter não sei quantos ouvintes, porque se fosse por aí era muito fácil. Porque todos os dias arranjávamos temas que arrastavam multidões, mas grande parte deles podiam ser também completamente inúteis. A linha editorial da TSF não se rege por isso. É

²³ Citação retirada de uma entrevista a Fernanda Oliveira, que se encontra disponível no Anexo 3

evidente que pagas uma fatura por isso, mas é a tua responsabilidade enquanto jornalista” (Mário Fernando, 16 de setembro de 2020).

Conforme me explicaram, tal implica que, por exemplo, em fóruns sobre justiça, se abdique deliberadamente de perguntas como “acha que ele é culpado ou inocente?” ou, no caso do futebol, de questões como “quem acham que vai ganhar hoje?”, pela convicção de que o debate nada vai acrescentar. Com efeito, consideram que, apesar de potenciais elevadas audiências, há assuntos ou ângulos de abordagens que não fazem sentido, à luz da linha editorial do Fórum TSF.

Por outro lado, quanto ao que diz respeito às pessoas que se inscrevem para intervir, não será possível ter certezas absolutas sobre a popularidade dos temas, pela relevância do momento da escolha – veja-se o caso de fóruns sobre futebol, uns com muitos ouvintes, mas outros nem por isso, e o mesmo acontece com política, economia e sociedade. Não há um tema que se possa dizer, com toda a certeza, que vai render muitos inscritos. Como é possível verificar no Gráfico 3, os temas internacionais e relacionados com cultura são os que vão menos vezes a debate no Fórum TSF. No que diz respeito à cultura, escasseiam os ouvintes, o que dificulta a gestão do programa.

“O fórum tem esta característica que é que tem de ter ouvintes: são uma parte essencial, mesmo que consiga ter muitos comentadores. Se há um tema em que sei que não vou ter muitos ouvintes, sou eu próprio que começo a jogar à defesa. A cultura é o caso mais exemplar, onde é difícil ter um Fórum que corra bem em todas as alíneas” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020).

Como pude perceber na entrevista a Manuel Acácio, se há poucos ouvintes que se inscrevem para debater temas relacionados com cultura, o mesmo acontece com assuntos da área da educação ou saúde, isto porque, muitas vezes, as pessoas não têm uma opinião formada e preferem não falar sobre a questão. No entanto, isto não implica que se abdique de fóruns sobre esses temas, caso surja um assunto importante e que faça sentido ser discutido, mesmo sem muitos inscritos.

Uma das regras básicas do jornalismo é a da proximidade – daí não se debater tantas vezes temas internacionais (comparativamente aos de política, economia, sociedade e desporto). “A regra da proximidade funciona muito no Fórum TSF; funciona no sentido de que se nota que ela existe e que as pessoas lidam com as coisas quando estão próximas delas” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020).

Esta regra também se aplica no próprio país, o que significa que aquilo que acontece em Lisboa e no Porto é noticiado mais vezes na TSF do que o que ocorre, por exemplo, noutros distritos. Além da questão da proximidade, há outras dimensões: onde é que a TSF é ouvida?; e onde está o auditório da TSF? A TSF tem estúdios em Lisboa e no Porto, o que ajuda a que seja muito ouvida nessas cidades. Portanto, não será de estranhar que as notícias tenham um maior impacto, visto que afetam mais pessoas.

“As áreas metropolitanas de Lisboa e Porto são as que têm maior concentração – portanto, necessariamente, estamos a pegar em assuntos que interessam à maioria das pessoas. Agora, nós também podemos pegar em assuntos que interessam às minorias? Claro, se o tema é importante e se é relevante para a sociedade, nós vamos falar disso, mesmo sabendo que aquilo diretamente diz respeito a uma faixa muito concreta da população (...). Nós temos de tentar perceber que, de facto, aquilo é importante, não apenas para aquelas pessoas em concreto, mas que tem repercussão na sociedade toda – e, portanto, vai ao fórum” (Mário Fernando, 16 de setembro de 2020).

Tendo acompanhado o Fórum TSF durante a pandemia, percebi que a Covid-19 só foi tema de debate a 3 de março, no dia em que surgiu o primeiro infetado pelo novo coronavírus em Portugal. Contudo, já se falava da Covid-19 em todo o mundo: a cidade de Wuhan, na China, estava em quarentena desde janeiro; e Itália e Espanha (países vizinhos) começaram a ter muitos casos positivos de Covid-19. Ainda assim, a questão só foi abordada quando chegou a Portugal. Isto deveu-se não só à regra da proximidade (há assuntos que suscitam mais interesse quando estão próximos de nós), mas também pela delicadeza do assunto e o receio de gerar o pânico antes sequer de ter chegado ao país, tendo em conta a escassez de informações sólidas e conhecimentos profundos sobre o vírus que permitissem um debate sério e construtivo.

“Vamos falar da Covid-19 na China e vou perguntar o quê? Tem medo que chegue cá? O que vou perguntar? O que vou debater? Que conhecimentos temos para ter um debate não sensacionalista sobre isto? É aqui que entra o editor que faz o fórum. Tem um papel determinante naquilo que é o programa, para o bom ou para o mau. As características jornalísticas do editor condicionam a análise que faz dos temas e da sua importância” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020).

Portanto, debater a Covid-19 antes de chegar a Portugal era considerado “premature e até precipitado” (Mário Fernando, 16 de setembro de 2020), pelo receio de discutir algo que as

pessoas ainda não sabiam bem o que era. Como constatei na minha experiência de estágio, a partir do momento em que surgiu o primeiro caso no país, passou a fazer sentido discutir e debater o assunto, por se ter tornado algo com que a sociedade tinha de lidar todos os dias.

4.2.4. Considerações finais

De acordo com Fernanda Oliveira (8 de outubro de 2020), os critérios mais importantes são “a atualidade, aquilo que interessa aos ouvintes, o que pode dar mais discussão, dar mais informação, até mesmo a nível de convidados”. Na parte II do trabalho, procurei dar conta do resultado do estudo de vários autores (Frase Bond, Galtung & Ruge, Mariano Herreros, Carl Warren, Mauro Wolf e Nelson Traquina) que indicaram valores-notícia para a seleção noticiosa, sendo certo que a atualidade, a novidade, a importância, o interesse e a proximidade foram critérios destacados. No que diz respeito ao Fórum TSF, “a atualidade acaba por prevalecer em relação aos outros. Mas a partir daí, tudo o resto vai depender da perspectiva e do enquadramento” (Mário Fernando, 16 de setembro de 2020). Tratando-se de um programa cujo objetivo é realizar um debate sério e profundo, com critérios semelhantes ao que acontece *online* (no *site*) ou noutros canais de informação, existirá um critério adicional que não foi referido por nenhum dos autores acima mencionados e que parece fundamental nestes programas que envolvem a participação de convidados e ouvintes. Se a atualidade, a proximidade, o interesse, a novidade e a importância são fatores determinantes para a escolha do tema, no entanto, depois de se responder à primeira questão (“qual o tema mais importante do dia?”), surge a necessidade de responder a uma outra pergunta: “faz sentido discutir isto?”, pois pode existir uma notícia muito importante num certo dia, mas sem margem para ser levada a debate. Isto porque uma das características do fórum implica quase obrigatoriamente perguntas aos ouvintes/convidados formuladas nestes termos: “Concorda com isto? Não concorda com isto? O que é necessário corrigir? O que é necessário incentivar?” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020). Desta constatação decorre que nem todas as notícias, por muito interessantes que sejam, podem ser elegíveis para debate no Fórum TSF. É uma diferença relevante quanto ao que acontece no *site* ou noutros canais que não têm como objetivo principal o debate, mas sim a partilha de informação credível, atual e importante. Desta forma, perceber se faz sentido discutir um determinado assunto, com base na linha editorial da TSF e das características do próprio fórum, acaba por se tornar um dos critérios mais importantes para a seleção de um tema. Segundo Mário Fernando (16 de setembro de 2020), faz sentido levar um assunto a debate quando “estamos perante algo

que é determinante para a sociedade e para nós todos” e que permita aos ouvintes concordar ou discordar com as implicações diretas que possa ter nas suas vidas.

Em síntese, há três fatores essenciais para a tomada de decisão editorial do Fórum TSF: ser um tema que suscita o interesse dos ouvintes para que se inscrevam e participem no debate; que seja importante e traga valor acrescentado à emissão da TSF; e que potencie uma boa escolha de convidados. Podem acontecer dias sem todos estes fatores, mas é inadmissível a ausência de todos eles. “Se há um tema que eu acho que não suscita o interesse dos ouvintes, que não é assim tão importante como tudo isso e não existe uma grande panóplia de convidados para eu ter, aí é suicídio – são três fatores maus” (Manuel Acácio, 23 de setembro de 2020). Por outras palavras, um programa de debate como o Fórum TSF depende tanto dos ouvintes como dos convidados, pelo que é fundamental que estes se interessem pelo tema que está a ser discutido. Assim, depois de aceder às variadas fontes de informação e de selecionar as notícias mais relevantes, a função do editor do fórum é escolher aquela que considera mais importante nesse dia, que possa suscitar o interesse dos ouvintes e torne possível convencer convidados interessantes para participarem no debate do assunto. Concluí, por isso, que é a conjugação de todos estes fatores que determina a escolha do editor do fórum quanto ao tema para ser levado a debate.

Parte V

O Estágio na TSF

5.1. O início do estágio: Jornal de Desporto

O estágio teve início dia 20 de janeiro de 2020 e, por volta das 10 horas, entrei pelas portas da TSF. O subdiretor da estação, Anselmo Crespo, apresentou-me às várias equipas e mostrou-me a redação e os estúdios. Perguntou-me se eu tinha preferência por alguma área, ao qual respondi que gostava da área de desporto. Por essa razão, a minha primeira passagem foi pelo Jornal de Desporto, onde fiquei durante três semanas. No primeiro dia, comecei desde logo a aprender a mexer no *backoffice* e a colocar uma notícia no *site*. Ainda no primeiro dia, tive a oportunidade de assistir a uma conferência de imprensa do Sporting Clube de Portugal, acompanhando o jornalista António Botelho, que me mostrou como se fazem os diretos e as peças para o Jornal de Desporto. Voltei a ir a uma conferência de imprensa, desta vez do Sport Lisboa e Benfica, no dia 30 de janeiro, também com o jornalista António Botelho. Foi das experiências que mais gostei ao longo do estágio, porque me deu oportunidade de sair da redação e ter um contacto mais direto com aquilo que estava a acontecer. Ainda no Jornal de Desporto, cheguei a realizar algumas entrevistas por telefone a comentadores de ténis e futsal e escolher as declarações mais adequadas para serem difundidas na emissão. Para tal, ensinaram-me a fazer cortes de áudio na Team News e a gravar as entrevistas no estúdio. Outra das tarefas que mais gostei enquanto estava no Jornal de Desporto foi atualizar o *liveblog* do último dia do mercado de transferências. Uma das tarefas mais recorrentes quando eu estava no Jornal de Desporto era pegar nas entrevistas telefónicas feitas pelos jornalistas (Miguel Fernandes, Bruno Sousa Ribeiro e Tiago Santos) e transformá-las em notícias para o *site online* da TSF. Assim que chegava à redação, lia todos os jornais e *sites* de desporto para perceber os assuntos que estavam a ser mais falados em cada dia e, a partir daí, se achasse pertinente, podia escrever uma notícia sobre o assunto em questão. No anexo 9, está disponível o diário de bordo com todas as tarefas realizadas no Jornal de Desporto e, no anexo 10, algumas das notícias que foram publicadas no *site*. De um modo geral, considero que foi bom ter iniciado o estágio na secção do Desporto, uma vez que acompanhei de perto não só a rádio, como também o *online*. Todavia, gostava de ter feito mais peças de rádio ou até mesmo experimentar escrever e gravar um Jornal de Desporto. Ainda assim, foi aqui que aprendi a realizar e gravar entrevistas telefónicas, assim como a escrever para o *site*, seguindo a linha editorial da TSF.

5.2. Acompanhamento do Fórum TSF e a reportagem “Fotografia Triunfo”

As duas semanas seguintes foram passadas na companhia de Manuel Acácio e Fernanda Oliveira. Chegava à redação por volta das 8h30, quando se começava a decidir o tema do Fórum TSF. Foi através destas duas semanas (de dia 10 de fevereiro a dia 21 de fevereiro) que consegui perceber melhor como funciona o fórum: como é feita a escolha do tema e dos convidados; como é que os ouvintes se inscrevem; como é que se liga aos ouvintes; e como é que Fernanda Oliveira e Manuel Acácio comunicam durante o programa. Antes de se decidir o tema oficial, Manuel Acácio apontava sempre num papel à parte várias opções e eu tentava sempre perceber porque é que, naquele dia, ele optava por uma e não outra. Apontava tudo num caderno, desde os convidados, o número de ouvintes que se inscreveram em cada dia e quantos ouvintes participavam no fórum. À medida que tudo se desenrolava, coloquei as questões que, na altura, achei que seriam pertinentes para o desenvolvimento do relatório de estágio. Tudo isto ajudou-me a perceber como era feita a tomada de decisão editorial do Fórum TSF, juntamente com as entrevistas que fiz individualmente aos responsáveis pelo programa. Apesar de não ter participado diretamente no Fórum TSF, estas duas semanas foram essenciais para obter as respostas que procurava. Depois de acompanhar o Fórum TSF, a partir do meio-dia - hora a que terminava o programa - estava disponível para ajudar em qualquer outra secção. Entretanto, a 5 de fevereiro, eu e as minhas colegas de estágio tínhamos apresentado uma proposta de reportagem *online*, que começou a concretizar-se nas duas semanas em que estive a acompanhar o Fórum TSF. Por esse motivo, a parte da tarde era dedicada unicamente às reportagens que estávamos a realizar. Uma vez que éramos três, decidimos que cada uma ia fazer a sua própria reportagem, mas dentro do mesmo tema, que era “Lojas Com História”. O objetivo seria encontrarmos lojas em Lisboa, abertas já há muitos anos, para contarmos histórias que lhes deram vida. Após pesquisa, optámos pelas seguintes lojas: Primeira Casa das Bandeiras, Fotografia Triunfo e Au Petit Peintre. Depois de escolhidas as lojas, começámos a contactar os proprietários para marcação de entrevista e tratámos de todas as questões relativamente aos equipamentos que eram necessários (microfone e gravador) e, por causa do *online*, também de garantir um fotógrafo, para realizar a reportagem. Eu fiquei responsável pela “Fotografia Triunfo”, um estúdio de fotografia que está aberto desde 1952. No dia 17 de fevereiro, fui ao estúdio de fotografia e entrevistei o proprietário, Adriano Filipe. Nos dias seguintes e até ao dia 21 de fevereiro, dediquei-me a escrever a reportagem (que está disponível no anexo 11) para o *site* e a escolher os áudios e as fotografias que iam acompanhar a parte escrita. Infelizmente, nenhuma das reportagens foi

publicada, uma vez que, devido à situação da pandemia, os editores do *online* acabaram por não ter tempo de a corrigir e, posteriormente, publicar. No entanto, foi uma das melhores experiências enquanto estagiária na TSF, visto que foi algo que nós (estagiárias) fizemos do início ao fim, desde a procura das lojas, aos contactos e entrevistas com os proprietários e, por fim, a parte escrita.

5.3 A passagem pela TSF *Online*

Apesar de já ter tido algum contacto com a TSF *Online* e com o *backoffice* do *site* quando estava na secção de Desporto, foi entre o dia 24 de fevereiro e o dia 13 de março que fiquei a 100% nesta editoria. No anexo 12, está disponível o diário de bordo com todas as tarefas realizadas na TSF *Online*. Muito do trabalho feito na secção baseava-se em artigos da Lusa. Tínhamos que estar sempre atentos ao Team News, que é o sistema da TSF onde caem todas as notícias de última da hora da Lusa e da AFP (Agence France-Presse). Algumas delas eram mais importantes e por isso tinham que ser vistas no momento; outras podíamos guardar para as trabalhar com mais calma. Antes de se colocar no *site*, as notícias da Lusa eram revistas e reescritas segundo as normas da TSF. Por exemplo, em vez de “hoje”, “ontem” ou “amanhã”, - como se costuma ler nas notícias da Lusa - a TSF *Online* altera sempre para “esta quinta-feira” ou “na quarta-feira”. Outra alteração que se costuma fazer diz respeito ao título da notícia. A TSF procura sempre arranjar um título diferente e mais chamativo. Ainda em relação aos artigos da Lusa, cabe-nos a nós procurar as fotografias para o *site*, que têm de estar devidamente creditadas. Na minha passagem pela TSF *Online*, uma das principais tarefas era, portanto, estar atenta ao Team News e, assim que aparecesse uma notícia que eu achava interessante e importante, perguntar aos editores se podia ficar com aquele assunto para posterior publicação no *site*. Caso a notícia pudesse ser mais trabalhada, deveria sempre procurar informação relevante que acrescentasse valor. Além do acompanhamento das notícias de agência, também tínhamos liberdade para sugerir temas e escrever sobre eles. No anexo 13, estão algumas das notícias que escrevi e que foram publicadas no *site*. Outra das tarefas da TSF *Online* é acompanhar com atenção a emissão radiofónica, em especial declarações de políticos, empresários, comentadores ou especialistas de um assunto e, em tempos de pandemia, inevitavelmente personalidades da área da saúde. Com mais calma e menos pressão, face ao que acontece com os jornalistas da estação de rádio, a tarefa típica é a escuta em diferido tendo em vista a redação de textos relacionados com o assunto. Na altura em que estive na TSF *Online*, a Covid-19 era o assunto do momento e, todos os dias, havia

um *liveblog* em constante atualização, onde se colocavam todas as notícias relacionadas com o novo coronavírus. Ao longo das três semanas, existiram dias em que me dediquei unicamente à atualização desse *liveblog*. Fiquei com a equipa da TSF *Online* até 12 de março, dia em que o estágio ficou suspenso devido à Covid-19. Ainda assim, foram três semanas que considero bem aproveitadas, pela aquisição de conhecimentos relativamente ao estilo de jornalismo da TSF e, em especial, pelo aperfeiçoamento da minha escrita, uma vez que a equipa da TSF *Online* sempre se disponibilizou para me ajudar e corrigir os meus erros.

5.4 Da TSF *Online* para a TSF Rádio Notícias

Depois de seis meses com o estágio suspenso devido ao novo coronavírus, finalmente chegou o dia de regressar à TSF Rádio Notícias. Já tinha passado pelo Jornal de Desporto, pelo Fórum TSF e pela TSF *Online* e faltava-me, portanto, a experiência de imersão nos turnos que asseguram os noticiários. Durante o último mês de estágio, tive a oportunidade de acompanhar três deles: turno da Manhã 1 (das 04h às 11h); turno da Manhã 2 (das 09h às 16h); e turno da Tarde (das 14h às 21h). Apesar do objetivo ser o mesmo - dar notícias de última hora - cada turno, assegurado por equipas diferentes, tinha hábitos de trabalho também diversos. Comecei na Manhã 2, onde fiquei durante duas semanas. Todos os dias, a equipa reunia-se às nove horas e era nesta altura que se discutia tudo aquilo que poderia ter interesse para o noticiário, assim como assuntos que estavam pré-definidos. As reuniões duravam cerca de uma hora, seguindo imediatamente os jornalistas para os respectivos lugares e só interrompendo o trabalho no final do turno.

“A existência de reuniões formais ou informais entre os jornalistas do mesmo turno, entre editores ou entre chefias permite antecipar o trabalho e evitar o risco de estar dependente dos acontecimentos ocorridos durante a faixa horária de trabalho de determinada equipa. Por outro lado, esses contactos informais servem de discussão e propostas de trabalho que permitem às redações emitirem notícias que escapam à concorrência” (Bonixe, 2012, p. 93).

Quem me acompanhou mais de perto foi a jornalista Gabriela Batista que me orientou, apesar de estar em teletrabalho, e se manteve sempre em contacto comigo. Logo no primeiro dia, pediu-me para fazer uma pesquisa aprofundada sobre a questão das novas matrículas dos carros; e, feita essa pesquisa, desafiou-me para fazer uma peça de rádio com as informações

que encontrei. Nas duas semanas de estágio com a Manhã 2, foram muitos desafios que a minha orientadora me propôs. Sempre que eu terminava uma peça, enviava-a para Gabriela Batista para que a pudesse corrigir; e feita a correção, o passo seguinte era ir para uma das salas de estúdio e gravá-la. Além de pequenas peças de rádio, como a que fiz logo no primeiro dia, também escrevi revistas de imprensa e noticiários. Na Manhã 2, tive ocasião de repetir o que já havia feito nas três semanas de estágio no Jornal de Desporto, nomeadamente quando contactei José Coutinho, diretor técnico da Federação Portuguesa de Golfe, sobre a suspensão do Open de Portugal. As declarações do diretor técnico passaram depois no noticiário. Estas duas primeiras semanas na Manhã 2 foram essenciais para eu perceber as tarefas de um turno da estação e para confrontar os ensinamentos do curso de Mestrado em Jornalismo com a prática da escrita para rádio e as técnicas de leitura ao microfone. Beneficiei em especial da orientação da jornalista Gabriela Batista, que sempre se disponibilizou para me ajudar e corrigir. Tal como na Manhã 2, a minha rotina, tanto no turno da Manhã 1 como no turno da Tarde, era sempre a mesma: pesquisar, escrever, gravar. A maior diferença que senti face aos outros dois turnos foi que não tive tanto acompanhamento como o que me proporcionou a Manhã 2, o que me obrigou a ser mais autónoma e a ser eu a decidir o que ia fazer. Depois de duas semanas na Manhã 2, chegou a altura de madrugar e viver a experiência do turno da Manhã 1. Chegava à redação por volta das cinco horas e uma hora depois começava a reunião de equipa. Desta vez, a reunião era feita por chamada de voz, porque alguns jornalistas estavam em teletrabalho, dois ou três, conforme os dias. Na reunião debatiam-se temas com mais destaque nos jornais e decidia-se quais deles deviam ser trabalhados. No meu caso, sempre que chegava à redação, a primeira coisa que fazia era ler todos os jornais e escolher os temas que mais me chamavam à atenção para, depois, escrever uma peça ou um noticiário. Durante a semana que passei na Manhã 1, escrevi peças e alguns noticiários e, no final do turno, gravava no estúdio tudo aquilo que havia feito nas horas anteriores. Quando terminava o último noticiário do turno, a equipa voltava a reunir-se para discutir os temas do dia seguinte. Relativamente à experiência que tive na Manhã 1, pude perceber que, sendo o turno que abre o dia e que tem de estar sempre a fazer atualizações, nem sempre houvesse a disponibilidade para me acompanhar, por comparação com a Manhã 2. Ainda assim, no último dia, foram de proveito observações e correções feitas a algumas das peças que escrevi.

A última semana de estágio foi passada no turno da Tarde. Ao contrário do que acontecia nos outros turnos, desta vez não houve reuniões, pelo menos durante a semana em que lá estive.

Percebi que este turno era quase como se fosse uma “corrida contra o tempo”: durante a tarde surgem mais novidades e há sempre muita coisa para noticiar em tão pouco tempo. Relativamente às minhas tarefas, continuei a persistir nas peças de rádio e noticiários, para melhorar e corrigir os erros que tinha feito anteriormente. Ainda assim, tive outros desafios: um deles foi escrever um noticiário especialmente curto; e o outro foi ouvir o programa da TSF América 2000 sobre as eleições nos Estados Unidos e, a partir daí, cortar registos que considerasse mais importantes e escrever uma peça. A novidade do meu estágio com a Tarde foi a de que, embora quase tudo resultasse de iniciativa minha, no final do dia o jornalista António Pinto Rodrigues corrigia tudo aquilo que eu havia feito. Durante estas quatro semanas com os turnos, aprendi sobretudo a escrever peças, revistas de imprensa, noticiários e sínteses mais breves de notícias (ver anexos 14 e 15). De um modo geral, apesar da pandemia, creio que foi uma boa experiência e saí do estágio com conhecimento reforçado das especificidades quer do jornalismo de rádio quer também do *online*. Tratou-se, como se costuma dizer, de “dois em um”; e tudo aquilo que aprendi, continuará presente se, como espero, um dia me tornar jornalista profissional.

Conclusão

Após os meses de estágio na TSF Rádio Notícias e depois de ter acompanhado de perto o Fórum TSF, foram encontradas respostas para as várias perguntas de partida: quais os critérios e valores-notícia utilizados para selecionar o tema que vai ser levado a debate no programa?; os critérios utilizados coincidem com os de vários autores abordados ao longo do trabalho de pesquisa, como Mariano Herreros, Mauro Wolf, Teun & Van Dijk, Carl Warren, Stella Martini, Nelson Traquina e Pamela Shoemaker?; e que temas foram levados a debate mais vezes?

No que diz respeito à primeira pergunta e como foi possível verificar após as entrevistas com três dos responsáveis pelo Fórum TSF, a atualidade, a proximidade, o interesse e a novidade são critérios determinantes para a escolha do tema. Contudo, estes não são os únicos para a tomada de decisão editorial. Além dos critérios mencionados, como referiu o editor Manuel Acácio, é fundamental levar a debate um tema importante, que tenha margem para discussão, que acrescente algo à emissão da TSF e que faça sentido discutir num momento concreto. Esse tema tem de suscitar o interesse dos ouvintes, caso contrário diminuem as inscrições e consequentemente há prejuízo do debate, como também reconheceu Manuel Acácio. Por último, ainda na esteira dos critérios do editor do programa, tem de ser um tema que permita vários convidados e opiniões. Não sendo sempre possível juntar todos, parece fundamental ter, no mínimo, um desses critérios. Como assumiu o editor do programa, não se faz um debate no Fórum TSF se o assunto não for pertinente, se não interessar aos ouvintes e se não for possível conseguir muitos convidados para o discutir.

Após analisar os valores-notícias para a seleção noticiosa de autores como Frase Bond, Galtung & Ruge, Mariano Herreros, Carl Warren, Mauro Wolf e Nelson Traquina, foi possível concluir que a atualidade, a novidade, a importância, o interesse e a proximidade foram os critérios mais destacados. No que diz respeito ao Fórum TSF, Manuel Acácio confessa que tem sempre em conta todos estes critérios, mas é o da atualidade que prevalece em relação aos outros. Foi possível também assumir a existência de um critério não abordado por nenhum dos autores mencionados e que tem por objetivo evitar posições de sim ou não e acrescentar valor noticioso à emissão. Por outras palavras, sendo o Fórum TSF um programa que valoriza a participação de convidados, tem que ter atenção outros detalhes, um deles o sentido que tem discutir algo ou não: se a resposta for negativa, tal não significa a desvalorização do interesse da notícia, mas apenas que pode não ter potencial para ser levada

a debate. Por esse motivo, os critérios para a tomada de decisão editorial do Fórum TSF partilham os de autores estudados, com a diferença de que, neste programa, é fundamental perceber a eventual adição de valor para a emissão da TSF com a discussão de certos temas, à luz da linha editorial da TSF e do próprio fórum.

Para responder à terceira questão e após a análise de 137 fóruns, entre os meses de janeiro e outubro de 2020, foi possível concluir que os temas levados a debates mais vezes se relacionavam com os tópicos sociedade (39,4%), economia (28,5%) e política (21,9%). A cultura e o que interessa à editoria de Mundo acabaram por ter temas menos abordados, o que permitirá concluir que o menor interesse para o debate no Fórum TSF parece estar ligado à quantidade de ouvintes potencialmente mobilizáveis. Ainda assim, tanto Manuel Acácio como Mário Fernando, garantiram que se considerarem muito importante levar a debate um tema da área da cultura ou que implique um olhar sobre o que se passa no mundo, o editor não deixará de o fazer apenas por receio de poucas inscrições de ouvintes. Isto por considerarem valores decisivos a produção de informação adicional e a missão de informar o público.

Como resulta claro deste meu trabalho, considero muito valioso o estágio na TSF Rádio Notícias, pelo acréscimo de conhecimentos que me proporcionou e por ter sido uma experiência que levarei para o resto da vida. Esta vertente prática proporcionada pela ESCS permitiu-me aproveitar e dar novo sentido ao que aprendi no Mestrado em Jornalismo. Os meus orientadores de estágio, assim como todos os jornalistas que conheci na redação da TSF, mostraram-se sempre disponíveis para esclarecer qualquer dúvida e foram uma ajuda imprescindível para concluir este relatório.

Bibliografia

Aroso, I. (2003). A Internet e o Novo Papel do Jornalista. Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação (BOCC), UBI-Labcom, Covilhã.

Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.html> [Consultado a 18 de setembro de 2020]

Bass, A. (1969). Refining the Gatekeeping Concept: A UN Radio Case Study. In *Journalism Quaterly*. Vol 46. Disponível em

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/107769906904600110> [consultado a 5 de março de 2020]

Bond, F. (1962). *Introdução ao Jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir Editora.

Bonixe, L. (2012). *A informação radiofónica. Rotinas e valores notícia da reprodução da realidade na rádio portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte

Bowman, S., & Willis, C. (2003). *Nosotros, el médio - Cómo las Audiencias Están Modelando el Futuro de las Noticias y la Información*. Disponível em:

www.hypergene.net/wemedia/download/we_media_espanol.pdf [consultado a 20 de março de 2020].

Brambilla, A. M. (2006). *Jornalismo Open Source: Discussão e Experimentação do*

OhmyNews International. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8457> [consultado a 13 de fevereiro de 2020].

Breier, L. (2004). *Slashdot e os Filtros do Open Source Journalism*. Disponível em

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/breier-lucilene-slashdot.html> [consultado a 20 de fevereiro de 2020]

Bruns, A. (2014). Gatewatching, not Gatekeeping: Collaborative Online News. Creative Industries Faculty, Queensland University of Technology, Brisbane, Austrália. Disponível em <http://snurb.info/files/Gatewatching,%20Not%20Gatekeeping.pdf>. [consultado a 19 de janeiro de 2020]

Carroll, C. (2006). - From Citizen Journalism Myth to Citizen Journalism Realities. Reinventing College Media. Disponível em: <http://reinventing.collegemedia.org/index.php?id=57>. [consultado a 3 de abril de 2020]

Castells, M. (2004). A Galáxia Internet - Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em <http://sossirb.jigsy.com/files/documents/castells%202004.pdf> [consultado a 19 de janeiro de 2020]

Castillo, R. (2004). Érase una vez en América. John Dewey y la Crisis de la Democracia. In Dewey, J. La Opinión Pública y sus Problemas, Madrid. Ediciones Morata.

Charity, A. (1995). Doing Public Journalism. New York. Guilford Publications.

Coleman, R. (2003). Os Antecedentes Intelectuais do Jornalismo Público. In Traquina, N., & Mesquita, M. (Orgs). Jornalismo Cívico. Lisboa: Livros Horizonte.

Cordeiro, P. (2003). A Rádio em Portugal: Um Pouco de História e Perspectivas de Evolução. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf> [consultado a 29 de novembro de 2019]

Cordeiro, P. (2004). Rádio e Internet: Novas Perspectivas para um Velho Meio. II Congresso Ibérico de Comunicação, Covilhã. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf> [consultado a 23 de novembro de 2019]

Cordeiro, P. (2005). Rádios Temáticas: Perfil da Informação Radiofónica em Portugal: O caso da TSF. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-o-caso-tsf.pdf> [consultado a 28 de outubro de 2019]

Cordeiro, P. (2006). O Ouvinte em Linha e a Interatividade na Rádio de Público Jovem: O Programa “Prova Oral” na Antena 3. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9766/1/6533_14012.pdf [consultado a 23 de novembro de 2019]

Craig, D. (1995). Communitarian Journalism(s): Clearing the Conceptual Landscape. Congresso da Association for Education in Journalism and Mass Communication.

Crato, N. (1995). Comunicação Social. A Imprensa, Editorial Presença, Lisboa

Crisell, A. (1994). Understanding Radio. London: Routledge.

D’Aiola, C. (2003). A Função do Gatekeeper na Imprensa. Núcleo de Pesquisa Jornalística, Limeira, São Paulo. Disponível em: http://www.iscafaculdades.com.br/estacaojornalismo/artigo_14.html [consultado a 30 de março de 2020]

Dewey, J. (2004). La Opinión Pública y sus Problemas. Madrid: Ediciones Morata.

Eksterowicz, A. J., Roberts, R., & Clark, A. (2003). Jornalismo Público e Conhecimento Público. In Traquina, N., & Mesquita, M. (2003). Jornalismo Cívico. Coleção Media e Jornalismo, Lisboa: Livros Horizonte.

Fontcuberta, M. (1993). La Noticia - Pistas para Percibir el Mundo. Barcelona: Paidós. Disponível em <https://profesorsergiogarcia.files.wordpress.com/2017/05/fontcuberta-mar-la-noticia-pistas-para-descubrir-el-mundo.pdf> [consultado a 13 de março de 2020]

Galtung, J. & Ruge, M. (1965). The Structure of Foreign News. In Journal of Peace Research. Vol 2. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002234336500200104> [consultado a 5 de abril de 2020]

Gerbner, G. (1956). Toward a General Model of Communication. In Audio Visual Communication Review. Vol 4.

Gillmor, D. (2005). Nós os Media. Lisboa: Editorial Presença.

Glaser, M. (2006). Your Guide to Citizen Journalism. Disponível em <http://mediashift.org/2006/09/your-guide-to-citizen-journalism270/> [consultado a 5 de abril de 2020]

Gomis, L. (2002). Do Importante ao Interessante. Ensaio sobre os Critérios para a Noticiabilidade no Jornalismo. Revista de Jornalismo. Salvador: Calandra.

Haas, T. (2007). The Pursuit of Public Journalism: Theory, Practice and Criticis. New York: Routledge.

Haas T., & Steiner, L. (2006). Public Journalism: A Reply to Critics in Journalism vol.7, No.2.

Herreros, M. (1995). Información Audiovisual: Concepto, Técnica, Expresión y Aplicaciones. Editorial Síntesis, Madrid.

Herreros, M. (1998). Información Televisiva. Mediaciones, Contenidos, Expresión y Programación, Editorial Síntesis, Madrid.

Hermida, A. (2011). Fluid Space, Fluid Journalism: The Role of the “Active Recipient” in Participatory Journalism. In Singer, J.B et atl., Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers, New York: Wiley-Blackwell.

Kunczik, M. (2002). Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul. São Paulo: Edusp.

Lambeth, E., & Craig, D. (1995) Civic Journalism as Research. *Newspaper Research Journal*, Vol 16, No 2.

Lara, T. (2008). La Nueva Esfera Pública. Los Medios de Comunicación como Redes Sociales. In *Telos – Cuadernos de Comunicación y Innovación*, No 76. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/28230655_La_nueva_esfera_publica_los_medios_de_comunicacion_como_redes_sociales [consultado a 10 de fevereiro de 2020]

Lemos, A., & Lévy, Pierre (2010). O futuro da Internet – Em Direção a uma Ciberdemocracia Planetária. São Paulo: Paulus. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/304519075_O_futuro_da_internet_em_direcao_a_uma_ciberdemocracia_planetaria [consultado a 29 de abril de 2020]

Lewin, K. (1947). *Frontiers in Group Dynamics. II. Channels of Group Life: Social Planning and Action Research*, in *Human Relations*. Vol. 1, No 2.

Lewin, K. (1951). *Field Theory in Social Sciences: Selected Theoretical Papers*. New York: Harper.

Lippmann, W. (2008). *Opinião Pública. Coleção Clássicos da Comunicação Social*. Petrópolis: Editora Vozes.

López García, J. (2009). A Participación Cidada no Jornalismo: ¿reclamo ou diálogo? In *Observatorio (OBS*)*, No 8.

Martí, M. (1990). *Modelos de Programación Radiofónica*, Barcelona: Feedback Ediciones.

Martini, S. (2000). *Periodismo, Noticia y Noticiabilidad*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma. Disponível em https://www.u-cursos.cl/icei/2009/2/PER22/3/material_docente/bajar?id_material=492632 [consultado a 19 de maio de 2020]

McLeish, R. (2001). *Produção de Rádio: Um Guia Abrangente da Produção Radiofônica*. São Paulo: Summus.

- McNelly, J. (1959). Intermediary Communicators in the International Flow of News, in *Journalism Quarterly*.
- Meneses, J. (2003) Tudo o que se passa na TSF... para um 'Livro de estilo', Porto: Edição *Jornal de Notícias*.
- Meneses, J. (2016). *Jornalismo radiofónico*. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho.
- Merritt, D. (1995). *Public Journalism and Public Life: Why Telling the News Is Not Enough*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ncr.4100840312> [consultado a 27 de março de 2020]
- Meso, K. (2005). Periodismo Ciudadano: Voces Paralelas a la Profesión Periodística. In *Chasqui*, No 90. Disponível em <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/234/242> [consultado a 10 de março de 2020]
- Mesquita, M. (2000). As Tendências Comunitaristas no Jornalismo Cívico. Comunicação apresentada no colóquio “Os desafios da Imprensa Regional”.
- Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco - o poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Outing, S. (2005). The 11 Layers of Citizen Journalism. Disponível em: <https://www.poynter.org/archive/2005/the-11-layers-of-citizen-journalism/> [consultado a 18 de abril de 2020].
- Robinson, G. (1981). *News Agencies and World News*, Fribourg: University Press of Fribourg.

Rosen, J. (1994), "Making Things More Public: On the Intellectual Responsibility of the Media Intellectual. *Critical Studies in Mass Communication*, Vol 11.

Rosen, J. (1991). Making Journalism More Public. *Communication*, Vol.12, No.4.

Rosen, J. (1999). *What are Journalists For?* New Haven, CT, Yale University Press.

Rosen, J. (2008). A Most Useful Definition of Citizen Journalism. Disponível em http://archive.pressthink.org/2008/07/14/a_most_useful_d.html [consultado a 4 de maio de 2020]

Shepard, A. (1994). The Gospel of Public Journalism. *American Journalism Review*.

Shoemaker, P. (1991). *Gatekeeping*. Newbury Park, CA: Sage.

Shoemaker, P. & Reese, S. D. (1996). *Mediating the Message: Theories of Influences on Mass Media Content*, White Plains, 2nd edition, New York: Longman.

Singer, J. B. (2008). The Journalist in the Network. A Shifting Rationale for the Gatekeeping Role and the Objectivity Norm. *Trípodos*, No. 23, Barcelona.

Singer, J. B. et al. (2011). *Participatory journalism. Guarding Open Gates at Online Newspapers*. New York: Wiley-Blackwell.

Taborda, M. J. (1998). *Mass Media e Cidadania. A Rádio como Esfera Pública*, op. Cit. Meneses (2003).

Thompson, J. B. (1996). La Teoría de la Esfera Pública. In *Voces y Culturas*, No. 10, Barcelona. Disponível em: <https://www.periodismo.uchile.cl/talleres/teoriacomunicacion/archivos/thompson.pdf> [consultado a 28 de janeiro de 2020]

Traquina, N. (1993). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*, Vega, Lisboa.

Traquina, N. (2001). *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos.

Traquina, N. (2002). *Jornalismo*, Coleção “O que é?”, Lisboa: Quimera.

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo. Porque é que as Notícias são como são*, Florianópolis: Insular.

Traquina, N., & Mesquita, M. (2003). *Jornalismo Cívico*. Lisboa: Livros Horizonte.

Tuchman, G. (1983). *La Producción de la Noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad*, Barcelona: Gustavo Gili

Varela, J. (2005). Blogs vs. MSM. *Periodismo 3.0, la Socialización de la Información*. Revista Telos, No 65.

Westley, B. & MacLean, M. (1957). A Conceptual Model for Communication Research, in *Journalism Quarterly*.

White, D. (1993). O Gatekeeper: Uma Análise de Caso na Seleção de Notícias. In N. Traquina, *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias* (pp. 142-151). Lisboa: Vega.

Witt, L. (2004). Is Public Journalism Morphing into the Public’s Journalism? in *National Civic Review*.

Wolf, M. (1995). *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença.

Anexos

Anexo 1 - Certificado de participação em Estágio Curricular na TSF - Rádio Notícias

rádionotícias

DECLARAÇÃO

RÁDIO NOTÍCIAS – PRODUÇÕES E PUBLICIDADE, S.A., com sede na Rua Tomás da Fonseca, Torre E – 3º Piso, 1600-209 Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número único de matrícula e identificação fiscal nº 503024554, declara para os devidos efeitos, que Sara Raquel Gouveia Heneni Lopes, realizou entre 20 de janeiro de 2020 e 9 de outubro de 2020, num total de 420 horas, um estágio curricular na Direção Editorial TSF.

Mais declaramos que, entre o dia 14 de março de 2020 e o dia 12 de setembro de 2020, o estágio esteve suspenso devido à situação pandémica do Covid19.

Lisboa, 10 de novembro de 2020

Domingos Gonçalves

DOMINGOS GONÇALVES
DRH - Direção Recursos Humanos
Director



www.globalmediagroup.pt
RÁDIO NOTÍCIAS – Produções e Publicidade, SA
Sede: Rua Tomás da Fonseca, Torre E – 3º Piso, 1600-209 Lisboa
Tel. (+351) 218 612 100
Fax (+351) 218 612 100
Capital Social: 2.000.000,00 euros | Matrícula CRC Lisboa | NIPC 503024554

Anexo 2 - Parecer do Responsável de Estágio



Parecer do responsável do Estágio

Referente ao período de estágio da aluna **Sara Raquel Gouveia Heneni Lopes**, estabelecido pelo Protocolo de Cooperação entre a **Escola Superior de Comunicação Social (ESCS)** e a **Rádio Notícias - Produções e Publicidade, SA**, no ano letivo 2019/2020, o responsável de estágio Ricardo Alexandre, designado por esta empresa, informa e emite parecer sobre o seguinte:

1. Descrição sumária das tarefas executadas pelo estagiário:

A estagiária Sara Lopes realizou gravações de voz, peças, edições de noticiários em modo simulador, tendo sido introduzida ao sistemas Team News e ao backoffice do site da TSF, tarefas determinantes para uma rádio com forte componente digital.

2. Apreciação qualitativa do desempenho do estagiário, tendo em conta os seguintes aspetos:

- a) Autonomia
- b) Iniciativa
- c) Capacidade de resposta às tarefas propostas
- d) Integração na equipa
- e) Outros aspetos considerados de relevo

A Sara Lopes, no contacto diário que foi tendo com a equipa da Manhã 2, revelou uma grande capacidade de responder a todas as tarefas que lhe foram propostas. Demonstrou espírito de iniciativa, fez propostas de trabalho e de apresentações. A equipa tentou que fizesse um pouco de tudo o que, habitualmente, faz uma jornalista que integra uma equipa de continuidade, na rádio:

- Pesquisa e contactos;
- Peças que são incluídas num noticiário e que resumem um documento ou artigo;
- Peças que incluem registos gravados;
- Edição de noticiários e sínteses informativas;
- Revista de títulos de imprensa;
- Gravações de entrevistas.


Em todas as tarefas, refere a editora Gabriela Batista, "a Sara revelou vontade de aprender, um grande empenho e uma grande capacidade de evoluir corrigindo os erros que foi cometendo. Em rádio, é fundamental a presença ao microfone, e também aí se registaram melhorias significativas ao longo das duas semanas de estágio que eu acompanhei".

No contacto que teve com o Fórum TSF, equipa onde não estagiou mas pela qual também passou, "acompanhou de perto todo o processo de planeamento e realização do programa para fazer o trabalho final de estágio sobre o Fórum TSF", refere o editor Manuel Acácio, que acrescenta: "a Sara teve uma assiduidade e empenho irrepreensíveis, sempre atenta e interessada em compreender os critérios de escolha dos temas e dos convidados, e em perceber como se faz o programa dentro e fora do estúdio de emissão".

Por tudo isto, consideramos o estágio da Sara Lopes extremamente positivo e é alguém que seguiremos com interesse, se o caminho dela continuar a ser o do jornalismo.

Lisboa, 10 de novembro de 2020.

Assinatura do Responsável de Estágio,



Ricardo Alexandre
Diretor Adjunto da TSF

Anexo 3 - Análise do Fórum TSF entre os meses de janeiro e outubro

20 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
As denúncias do Luanda Leaks	<ul style="list-style-type: none">- Como é que as autoridades portuguesas devem lidar com as denúncias feitas?- Fazem sentido as acusações?	Economia

21 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
O Governo, a Liga dos Clubes e o problema das claques	<ul style="list-style-type: none">- O que está a falhar para se repetirem os problemas?- Os clubes fizeram o necessário antes de pedirem intervenção do governo?- É um problema só dos clubes?	Desporto

22 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
Luanda Leaks relança debate sobre o caso Rui Pinto	<ul style="list-style-type: none">- Porque é que certas fugas de informação podem ser usadas e outras não?- Está a ser seguido um critério diferente com Rui Pinto?- A Justiça deve utilizar dados que foram obtidos ilicitamente?	Economia

23 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
-------------	------------------	-----------------

Temos um problema de racismo nas polícias?	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia a forma como o Governo e a PSP reagiram à denúncia das agressões a uma mulher negra, na Amadora? - A instalação de mini câmeras nos uniformes dos agentes poderia ajudar a esclarecer estas situações? 	Sociedade
--	---	-----------

24 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
As ondas de choque do caso Luanda Leaks	<ul style="list-style-type: none"> - Há lições a tirar deste caso? - O processo Luanda Leaks indicia a existência de falhas dos reguladores e auditores? - É compreensível que só agora surjam tantas interrogações? 	Economia

27 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
A mudança de rumo do CDS	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia a eleição de Francisco Rodrigues dos Santos? - Com que expectativa encara a nova direita que agora se anuncia? - Como é que a mudança de rumo do CDS pode mexer com o xadrez partidário? 	Política

28 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
Rui Pinto, o caso Luanda Leaks e a justiça portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - O Luanda Leaks deve mudar a forma como a justiça portuguesa olha para Rui Pinto? - É compreensível o argumento de que Rui Pinto não 	Economia

	<p>pode ser considerado denunciante?</p> <ul style="list-style-type: none"> - A justiça tem dois pesos e duas medidas? 	
--	---	--

29 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
O IVA da luz deve descer para a taxa mínima?	<ul style="list-style-type: none"> - O IVA da luz deve voltar aos 6%, permitindo às famílias poupar 90 euros por ano? - O PS tem razão ao acusar os outros partidos de irresponsabilidade? - Como avalia o alerta contra as coligações negativas? 	Economia

30 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
O discurso xenófobo chegou ao Parlamento?	<ul style="list-style-type: none"> - Temos motivos para estar preocupados? - Como avaliam as palavras da Ministra da Justiça? - As declarações merecem condenação? 	Política

31 de janeiro

Tema	Perguntas	Editoria
Que impacto está a ter a greve da Função Pública?	<ul style="list-style-type: none"> - O protesto na administração pública afetou o seu dia? - Aderiu à greve que junta sindicatos da CGTP e da UGT? - O Governo deve ceder às exigências dos sindicatos ou deve manter os aumentos de 0,3%? 	Sociedade

3 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
Estamos preparados para lidar com o coronavírus?	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia o alerta dos técnicos do INEM e dos bombeiros sobre a falta de equipamentos e de formação adequada? - A Constituição devia permitir o internamento obrigatório por motivos de saúde pública? 	Sociedade

4 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
Devemos antecipar a data das eleições legislativas?	<ul style="list-style-type: none"> - As legislativas devem passar a realizar-se em maio ou junho, como propõe o Presidente? - É preocupante que, de cada vez que há legislativas em outubro, o país fique seis meses sem Orçamento do Estado? 	Política

5 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
Há motivos para destituir Frederico Varandas?	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende a demora na resposta aos sócios que pediram uma Assembleia Geral destituitiva? - Os sócios devem ser chamados a dizer se querem manter Frederico Varandas? - Como avalia o trabalho da direção dos leões? 	Desporto

6 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
O Orçamento do Estado e as ameaças da crise política	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia a atuação dos partidos e do Governo no debate do Orçamento de Estado? - O PS tem razão quando acusa os outros partidos 	Política

	<p>de irresponsabilidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - António Costa pode ficar sem condições para governar? 	
--	---	--

7 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
A independência do Ministério Público está em risco?	<ul style="list-style-type: none"> - É aceitável que a hierarquia do Ministério Público possa intervir nos processos-crime, e que isso fique em segredo? - A diretiva da PGR, que está a causar polémica, abre a porta à interferência do poder político na Justiça? 	Política

10 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
O PSD insiste na reforma do sistema político e da justiça	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com as críticas de Rui Rio ao Governo? - Faz sentido dar prioridade à reforma da justiça e do sistema político? - O PSD deve aceitar a proposta do CDS para um entendimento político nas autárquicas? 	Política

11 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
A eutanásia, o referendo e a legitimidade dos deputados	<ul style="list-style-type: none"> - Aceita o argumento de que os deputados não têm legitimidade moral para decidir? - Portugal deve realizar um referendo? - A Igreja, que defende que a vida não é referendável, tem margem para apoiar esta 	Sociedade

	iniciativa?	
--	-------------	--

12 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
O aumento das baixas médicas indicia práticas abusivas?	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende o alerta dos patrões, que denunciam a existência de indícios de baixas fraudulentas? - É preciso aumentar a fiscalização da Segurança Social? - Há falta de rigor dos médicos na passagem dos atestados? 	Sociedade

13 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
O debate sobre a eutanásia e os cuidados paliativos	<ul style="list-style-type: none"> - Faz sentido misturar a despenalização da eutanásia com os cuidados paliativos? - Como avalia a forma como está a decorrer o debate? - Que importância atribui à entrada de Cavaco e Passos Coelho no debate público? 	Política

14 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
É preciso tirar os carros do centro das cidades?	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia a estratégia da Câmara de Lisboa para tirar 40% dos carros da zona da Baixa-Chiado? - Que virtudes e defeitos encontra nesta decisão? - Este caminho devia ser seguido pelas principais cidades do país? 	Sociedade

17 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
Os insultos racistas no futebol português	<ul style="list-style-type: none">- Depois das palavras de condenação aos insultos racistas a Marega, o que é preciso fazer para evitar a repetição destes casos?- O que espera do Governo, das autoridades desportivas e dos clubes de futebol?	Desporto

18 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
A luta contra o racismo pode ter atenuantes?	<ul style="list-style-type: none">- Há atenuantes que ajudem a desculpabilizar as ofensas a Marega?- Como avalia a forma como está a decorrer o debate sobre o racismo no futebol?- Depois deste sobressalto, corre-se o risco de ficar tudo na mesma?	Desporto

19 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
A polémica dos pássaros e a lei que trava o aeroporto do Montijo	<ul style="list-style-type: none">- É aceitável que se possam criar regras específicas para contornar a lei que impede este argumento?- Como avalia o argumento sobre os pássaros?	Sociedade

20 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
A despenalização da eutanásia e do suicídio	<ul style="list-style-type: none">- O que espera da votação desta tarde na Assembleia da República?	Política

assistido	- Os deputados devem manter a lei tal como está ou despenalizar a eutanásia?	
-----------	--	--

21 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
A eutanásia, o referendo e o papel do Presidente da República	<ul style="list-style-type: none"> - Os opositores da despenalização devem manter a luta pelo referendo? - Com que expectativa aguarda a intervenção do Presidente? 	Política

26 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
O caso dos galgos de João Moura e os maus-tratos a animais	<ul style="list-style-type: none"> - As sanções para quem maltrata e abandona animais devem ser agravadas, como defendem PAN, PS, PSD e BE? - As corridas de cães devem ser proibidas, como pede a S.O.S Animal? 	Sociedade

27 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
O Parlamento e a redução das comissões bancárias	<ul style="list-style-type: none"> - Os valores que os bancos nos cobram são aceitáveis ou exagerados? - O Parlamento deve forçar a banca a baixar as comissões? - Como avalia o aviso da banca que já fala em despedimentos e encerramento de balcões? 	Economia

28 de fevereiro

Tema	Perguntas	Editoria
Clubes portugueses fora da Liga Europa	<ul style="list-style-type: none"> - Como é que se explica o fracasso das equipas portuguesas? - O futebol português está a perder qualidade? - O que é que os clubes têm de alterar para voltarem a ter uma palavra a dizer nas competições europeias? 	Desporto

2 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Os aterros, as fábricas poluentes e a qualidade de vida das populações	<ul style="list-style-type: none"> - O Estado garante a proteção das populações afetadas por aterros e fábricas poluentes? - Os interesses económicos acabam por falar mais alto? - Faz sentido que Portugal importe milhares de toneladas de lixo da Europa? 	Sociedade

3 de março

Tema	Perguntas	Editoria
A chegada do coronavírus a Portugal fez aumentar a sua preocupação?	<ul style="list-style-type: none"> - O Governo e a DGS têm sabido gerir esta situação? - Têm dado informação eficaz? - E a linha de saúde, está a dar uma ajuda eficaz quando se liga para lá? 	Sociedade

4 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Juízes do tribunal da	<ul style="list-style-type: none"> - Este caso coloca em causa a credibilidade da 	Sociedade

relação de Lisboa suspeitos de abusos do poder	justiça? - Ou mostra que os mecanismos de controlo funcionam e podemos ter confiança nos tribunais? - É aceitável que os juízes não tenham sido suspensos?	
--	--	--

5 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Cai o terminal do barreiro, incompatível com o aeroporto do Montijo	<ul style="list-style-type: none"> - Faz sentido planear grandes obras públicas que não são compatíveis? - O Governo tem gerido bem a questão do Montijo? - Faz sentido defender que é preciso mudar a lei para ultrapassar a oposição das autarquias? 	Sociedade

6 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Os avisos do Presidente Marcelo ao Governo e aos partidos da oposição	<ul style="list-style-type: none"> - Em termos políticos, precisamos de mudar de vida enquanto é tempo? - O Presidente tem razão quando diz que a democracia tem de integrar todas as sensibilidades? - Como interpreta o aviso feito aos partidos de que não vale a pena travar na secretaria os debates propostos pelos novos atores políticos? 	Política

9 de março

Tema	Perguntas	Editoria
O reforço das medidas para travar o avanço do coronavírus	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia as medidas que foram tomadas? - Sente-se esclarecido sobre a melhor forma de agir? - Confia na capacidade da SNS? - Estamos preparados para resistir ao medo e acatar medidas de contenção social? 	Sociedade

10 de março

Tema	Perguntas	Editoria
As medidas para fazer frente ao coronavírus e as ameaças à economia	<ul style="list-style-type: none"> - Está preocupado com os problemas que a epidemia vai causar à economia? - As medidas do governo para apoiar as empresas vão no sentido certo? - Os jogos de futebol devem ser adiados ou realizados à porta fechada? 	Sociedade

11 de março

Tema	Perguntas	Editoria
As escolas e o reforço das medidas de luta contra a epidemia	<ul style="list-style-type: none"> - Devemos antecipar as férias da Páscoa e fechar as escolas como medida de prevenção ou é preciso manter a normalidade possível? - O que está a correr melhor e pior na luta para travar o avanço da epidemia? 	Sociedade

12 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Estamos a fazer o	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com a decisão de não fechar todas as 	Sociedade

suficiente para travar a epidemia?	<p>escolhas como medida de prevenção?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreende a decisão das autarquias e universidades que fecham serviços apesar da opinião contrária das autoridades de saúde? 	
------------------------------------	---	--

13 de março

Tema	Perguntas	Editoria
A luta contra o avanço da pandemia	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia as medidas anunciadas ontem pelo Governo? - Devemos encarar este momento como uma luta pela nossa sobrevivência, como afirma o primeiro-ministro? 	Política

16 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Estado de emergência? Fecho de fronteiras?	<ul style="list-style-type: none"> - Faz sentido agravar ainda mais as medidas restritivas? - Como avalia os apelos para o fecho das fronteiras? - Os voos para os Açores e para a Madeira devem ser suspensos, como pedem os governos regionais? 	Mundo

17 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Ordem dos Médicos alerta para elevado número de profissionais afetados	<ul style="list-style-type: none"> - A falta de equipamento de proteção individual para os profissionais de saúde é aceitável? - O Governo está a fazer de tudo o que é possível para reforçar o SNS? 	Sociedade

	- O funcionamento da linha SNS24 melhorou?	
--	--	--

18 de março

Tema	Perguntas	Editoria
As medidas de apoio à economia em “tempos de guerra”	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia estas medidas? - Considera que vão no caminho certo? - A que áreas é necessário dar mais atenção? 	Economia

19 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Concorda com a declaração do Estado de Emergência?	<ul style="list-style-type: none"> - Que virtudes e defeitos vê nesta medida que limita direitos, liberdades e garantias? - Como avalia a mensagem do Presidente da República? - O medo coletivo pode levar-nos a abrir a porta a medidas de carácter mais autoritário? 	Sociedade

20 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Isolamento social, teletrabalho e escola à distância	<ul style="list-style-type: none"> - Que balanço faz desta primeira semana de isolamento social? - Está a ser complicado conciliar o teletrabalho com a atenção reforçada que está a ser exigida pelos filhos? - Como está a funcionar a escola à distância? 	Sociedade

23 de março

Tema	Perguntas	Editoria

Os direitos dos trabalhadores em tempos de pandemia	<ul style="list-style-type: none"> - Estão a aumentar as situações de abuso nas empresas? - É possível proibir os despedimentos, como pedem vários partidos e sindicatos? - Os doentes de risco estão a ser protegidos ou são forçados a ir trabalhar? 	Economia
---	---	----------

24 de março

Tema	Perguntas	Editoria
O que está a correr melhor e pior na luta contra o pandemia	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia a forma como se está a lidar com os desafios desta pandemia? - O que está a correr melhor, o que está a correr pior e o que devia ser corrigido? - Está a ser feito o suficiente para tentar reforçar o SNS e para dar condições aos médicos? 	Sociedade

25 de março

Tema	Perguntas	Editoria
Só estamos a utilizar metade da capacidade para fazer testes à Covid-19	<ul style="list-style-type: none"> - Faz sentido que o país só esteja a fazer metade dos testes à Covid-19? - Compreende o argumento do governo que estamos a racionalizar estes testes? - É aceitável que vários profissionais de serviço nacional de saúde que contactaram com doentes tenham de pagar para ver se estão infetados? 	Sociedade

26 de março

Tema	Perguntas	Editoria
O Governo devia prolongar	<ul style="list-style-type: none"> - O Governo devia prolongar o apoio a um dos 	Economia

o apoio aos pais nas férias da Páscoa	<p>pais durante as duas semanas de férias da Páscoa?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quem tiver de ficar com os filhos devia continuar a ter as faltas ao trabalho justificadas sem sofrer cortes no salário? 	
---------------------------------------	---	--

27 de março

Tema	Perguntas	Editoria
O isolamento social e as medidas para proteger famílias e empresas	<ul style="list-style-type: none"> - O que está a correr melhor e pior nesta luta para travar o avanço da epidemia? - Está a ser feito o suficiente para garantir o direito e os rendimentos dos trabalhadores, pais e alunos? - Que avaliação global faz destas duas semanas? 	Sociedade

30 de março

Tema	Perguntas	Editoria
A primeira semana do Estado de Emergência	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia a forma como os portugueses estão a cumprir o isolamento social? - É necessário reforçar as medidas de controlo? - O Governo deve obrigar um documento para justificar as deslocações? 	Sociedade

31 de março

Tema	Perguntas	Editoria
A entrevista a Pedro Siza Vieira e as medidas de apoio à economia	<ul style="list-style-type: none"> - O Governo está a tomar as medidas necessárias para nos ajudar a enfrentar a crise económica que aí vem? - A que áreas é preciso dar mais atenção para 	Economia

	proteger as empresas e as famílias?	
--	-------------------------------------	--

1 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
A União Europeia e a resposta aos desafios da Covid-19	<ul style="list-style-type: none"> - Existe solidariedade e vontade em encontrar uma resposta conjunta? - A União Europeia corre o risco de fragmentação? 	Mundo

2 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Concorda com o reforço do Estado de Emergência?	<ul style="list-style-type: none"> - O Governo deve limitar os despedimentos e controlar os preços? - Devemos impôr regras mais restritivas à circulação? - Com que expectativas encara o ensino à distância e a possível mudança do calendário escolar? 	Sociedade

3 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
A segunda fase do Estado de Emergência	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com as medidas tomadas pelo Governo? - São proporcionais ao que enfrentamos ou pecam por excesso? - O país está preparado para enfrentar as próximas semanas? 	Sociedade

6 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Afinal, devemos ou não usar máscara?	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia o apelo do Conselho de Escolas Médicas Portuguesas para o uso generalizado de máscaras? - A DGS tem sabido explicar a estratégia que estamos a seguir? - É preocupante a falta de uma orientação clara? 	Sociedade

7 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Marcelo alerta que os apoios à economia não podem durar meses	<ul style="list-style-type: none"> - As medidas anunciadas pelo Governo são suficientes ou precisam de ser reforçadas? - A que áreas é necessário dar mais atenção? - Com que expectativas encara o papel da banca? 	Economia

8 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Concorda com a proposta do Governo para libertar cerca de 1200 presos?	<ul style="list-style-type: none"> - É preciso criar espaço nas cadeias para prevenir e travar o avanço da Covid-19? - Ou considera que a pandemia não é razão para perdoar penas e soltar delinquentes como argumenta o PSD? 	Política

9 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Devemos apostar numa reabertura faseada e gradual das escolas?	<ul style="list-style-type: none"> - A telescola é uma boa solução para os alunos do básico? - Que desafios é que o ensino à distância coloca às 	Sociedade

	<p>escolas e às famílias?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os exames devem ser realizados nas datas previstas, adiados ou anulados? 	
--	--	--

13 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Com que expectativa encara o 3º período com ensino à distância?	<ul style="list-style-type: none"> - Professores e alunos estão preparados para um ensino à distância eficaz? - Que dificuldades é que esta mudança coloca às famílias? - Faz sentido admitir o regresso à escola apenas para os alunos do 11º e 12º ano? 	Sociedade

14 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Chegou a hora de preparar o relançamento da economia?	<ul style="list-style-type: none"> - Os resultados positivos que conseguimos na saúde abrem caminho a um regresso gradual ao trabalho e a uma retoma da economia? - Que impacto é que a crise já está a ter na vida das empresas e dos trabalhadores? 	Economia

15 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Criticar o Governo, nesta altura, não é uma posição patriótica?	<ul style="list-style-type: none"> - Rui Rio tem razão quando pede união? - Os partidos têm seguido uma estratégia acertada ou está a falhar o escrutínio democrático às decisões do Governo? - As comemorações do 25 de Abril na Assembleia da República devem manter-se? 	Política

16 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
A Covid-19, o rastreio por telemóvel e as liberdades individuais	<ul style="list-style-type: none">- O rastreio das pessoas infetadas devia ser obrigatório?- Devemos seguir o exemplo de países como a China, Singapura ou Coreia do Sul?- Devemos ceder o direito à privacidade em nome da segurança coletiva?	Sociedade

17 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
O Estado de Emergência, o 1º de Maio e a reabertura gradual do comércio	<ul style="list-style-type: none">- Concorda com a renovação do Estado de Emergência?- Concorda com a autorização de comemorações públicas no 1º de maio?- Como avalia o plano do Governo para a reabertura gradual do comércio e serviços públicos?	Sociedade

20 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
A polémica das comemorações do 25 de Abril no Parlamento	<ul style="list-style-type: none">- A sessão solene na Assembleia da República deve manter-se ou deve ser cancelada?- É aceitável que a AR contrarie as indicações da DGS, que desaconselha reuniões com mais de 100 pessoas?	Política

21 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
As duas polémicas sobre os aumentos na Função Pública	<ul style="list-style-type: none"> - A crise provocada pela Covid-19 devia ter travado os aumentos, como diz Rui Rio? - É aceitável que o Ministério da Saúde se tenha atrasado, e que os médicos e enfermeiros não recebam já o aumento da Função Pública? 	Economia

22 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Seria absurdo não comemorar o 25 de Abril no Parlamento?	<ul style="list-style-type: none"> - A redução do número de participantes e o apoio da DGS colocam um ponto final na polémica? - Andou muita gente “mascarada de abrilista” e agora “deitou as garras de fora” como diz Ferro Rodrigues? 	Política

23 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Os despedimentos, o lay-off e as empresas com a corda na garganta	<ul style="list-style-type: none"> - Os apoios às empresas estão a funcionar ou ficam presos na burocracia? - Que impacto é que a crise está a ter na vida dos trabalhadores? - Há empresas que se aproveitam da crise para violar os direitos laborais 	Economia

24 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Luta contra Covid-19 deixa para trás cirurgias, consultas	<ul style="list-style-type: none"> - Os adiamentos tiveram consequências graves? - É urgente que o Governo apresente um plano de 	Sociedade

e tratamentos	recuperação? - Chegou a altura de recuperar o tempo perdido ou ainda temos medo de ir ao hospital por causa da Covid-19?	
---------------	---	--

27 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Chegou a hora de aliviar o confinamento e relançar a economia?	- Concorda com a intenção de reabrir o pequeno comércio a 4 de maio, e de retomar as aulas presenciais no 11º e 12º ano? - A necessidade de relançar a economia poderá provocar um recuo na luta contra a Covid-19?	Economia

28 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Faz sentido recomeçar o futebol sem espetadores nas bancadas?	- Como avalia o plano da Liga de Clubes para se realizarem dois jogos por semana até ao fim do campeonato? - Concorda com a possibilidade de concentrar todos os jogos em meia dúzia de estádios?	Desporto

29 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
O fim do Estado de Emergência e a reabertura da economia por regiões	- A reabertura da economia deve ser feita por regiões, como defendem vários especialistas de saúde? - Concorda com o fim do estado de emergência, ou receia que isso abra a porta a comportamentos menos responsáveis?	Economia

30 de abril

Tema	Perguntas	Editoria
Atraso do Governo no pagamento do lay-off ameaça pagamento de salários	<ul style="list-style-type: none">- Compreende a incapacidade da Segurança Social em cumprir os prazos de pagamento que anunciou?- O Governo está a ser eficaz na ajuda à economia?- É aceitável que o Estado continue a dever 433 milhões às empresas?	Economia

4 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
Resposta do Governo à pandemia favorece o PS e prejudica o PSD	<ul style="list-style-type: none">- Como avalia o trabalho do Governo nestes tempos de pandemia?- Como avalia o trabalho dos partidos da oposição?- Seguiram uma estratégia adequada ou têm falhado no escrutínio às decisões do governo?	Política

5 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
A burocracia está a travar os apoios anunciados pelo Governo?	<ul style="list-style-type: none">- É aceitável que ainda só 3% das empresas tenham recebido o dinheiro das linhas de crédito garantidos pelo Estado?- O que está a falhar?- Os apoios anunciados pelo Governo estão a chegar a quem precisa?	Economia

6 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
É necessário reforçar os apoios às empresas e aos trabalhadores?	<ul style="list-style-type: none"> - As medidas do Governo para apoiar a economia são suficientes ou estão abaixo das necessidades? - Estão a chegar de forma eficaz às empresas e aos trabalhadores? - Em que áreas é que o apoio à economia está a falhar? 	Economia

7 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
André Ventura propõe plano de confinamento para a comunidade cigana	<ul style="list-style-type: none"> - Apoia a proposta do Chega, ou considera que ela é racista e inconstitucional? - Compreende o silêncio de PSD, CDS e Iniciativa Liberal, que foram publicamente desafiados a juntar-se ao debate sobre esta proposta? 	Política

8 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
As famílias em dificuldades e o aumento de pedidos de ajuda alimentar	<ul style="list-style-type: none"> - É necessário um plano social de emergência para ajudar as famílias mais atingidas pela crise? - As medidas anunciadas pelo Governo são suficientes? - Como é que o Estado pode reforçar o apoio a quem mais precisa? 	Sociedade

11 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
A primeira semana de	<ul style="list-style-type: none"> - Que avaliação faz do cumprimento das normas 	Sociedade

desconfinamento	<p>de segurança adotadas no início do desconfinamento?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como vê o equilíbrio entre a defesa da saúde e a reabertura da economia? - Estão criadas as condições para as próximas fases da chamada “nova normalidade”? 	
-----------------	---	--

12 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
Análise à entrevista de Mário Centeno	<ul style="list-style-type: none"> - Que avaliação faz da estratégia do Governo durante a pandemia? - Que perspetivas tem quanto à retoma económica? - Como interpreta a recente polémica com o Novo Banco? - Como vê o papel de Mário Centeno como presidente do Eurogrupo durante esta crise? 	Economia

13 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
As regras para a reabertura das creches	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com as regras definidas pela DGS para o funcionamento das creches? - Que orientações poderiam manter-se ou ser alteradas? - Como vê as críticas dos profissionais de educação? 	Sociedade

14 de maio

Tema	Perguntas	Editoria

A polémica Costa, Centeno e o Novo Banco	<ul style="list-style-type: none"> - Como interpreta a decisão de António Costa em reiterar a confiança a Mário Centeno no Governo? - Como vê o apoio de Marcelo ao primeiro-ministro neste caso? - De que forma esta situação pode afetar o funcionamento do Governo? 	Política
--	---	----------

15 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
Desconfinamento parte II, das escolas aos restaurantes	<ul style="list-style-type: none"> - Considera adequadas as medidas de segurança adotadas para a segunda fase? - Quais os riscos que pode trazer esta reabertura em várias frentes? - É um momento “significativo” como refere o Presidente da República? 	Sociedade

18 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
A entrevista de António Costa à TSF	<ul style="list-style-type: none"> - A polémica do Novo Banco está encerrada ou fragilizou o Governo? - Como avalia as declarações de António Costa sobre a recandidatura de Marcelo? - Está confiante na atuação do Governo para ultrapassar a crise? 	Política

19 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
A polémica das	<ul style="list-style-type: none"> - Ana Gomes tem razão quando critica António 	Política

presidenciais	<p>Costa e diz que Marcelo é o candidato do regime?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como avalia as movimentações à esquerda e à direita para encontrar candidatos que possam dar luta a Marcelo? 	
---------------	--	--

20 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
É importante manter a TAP como companhia aérea nacional?	<ul style="list-style-type: none"> - O Governo faz bem em não excluir a insolvência da TAP? - O Estado só deve apoiar a empresa se puder participar diretamente na gestão? - O país deve nacionalizar a TAP como propõem o PCP e BE? 	Economia

21 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
O Governo deve prolongar o lay-off para lá de 30 de junho?	<ul style="list-style-type: none"> - As empresas precisam desta medida para evitar despedimentos? - A extensão do lay-off deve abranger todos os setores da economia? - É preciso aumentar a fiscalização para evitar abusos, como pedem os sindicatos? 	Economia

22 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
As polémica do futebol e a contestação ao presidente da Liga	<ul style="list-style-type: none"> - O presidente da Liga fez bem em propor a transmissão de jogos em canal aberto? - É aceitável que os árbitros viajam para a 	Desporto

	<p>Madeira no avião das equipas?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Faz sentido realizar jogos a meio da tarde em junho e julho? 	
--	---	--

25 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
Governo prepara programas de apoio económico e social	<ul style="list-style-type: none"> - O que é urgente fazer para ajudar as empresas a salvaguardar o rendimento das famílias? - O que está a correr mal e deve ser corrigido? - Os apoios estão a chegar a quem precisa ou ficam presos na burocracia? 	Economia

26 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
A crise que atravessamos exige um reforço do apoio aos jovens?	<ul style="list-style-type: none"> - O Governo deve reforçar as bolsas de estudo no ensino superior, para compensar a perda de rendimento das famílias? - Precisações de um plano especial de emprego para os jovens que estão a concluir a licenciatura? 	Sociedade

27 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
A TAP está a virar costas ao Norte?	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com as críticas ao plano de retoma de voos da TAP, ou compreende a estratégia de recomeçar apenas com quatro rotas a partir do Porto? - O Governo deve intervir? - O Estado deve repensar o apoio financeiro à 	Economia

	TAP?	
--	------	--

28 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
É preciso ajustar as regras do teletrabalho para evitar abusos?	<ul style="list-style-type: none"> - Que desafios é que o teletrabalho coloca às empresas e aos trabalhadores? - Como é que esta aposta influencia a organização do trabalho e as relações laborais? - O que é que ganhamos e perdemos com o teletrabalho? 	Sociedade

29 de maio

Tema	Perguntas	Editoria
A estratégia de desconfinamento está a ser cautelosa ou apressada?	<ul style="list-style-type: none"> - A situação na região de Lisboa e Vale do Tejo deve levar o Governo a repensar a estratégia? - Deve adiar a abertura dos centros comerciais? - Um adiamento em toda a região ou apenas nos concelhos mais afetados? 	Sociedade

1 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
A situação política do país e a sondagem TSF/JN	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia o desempenho do Governo e dos partidos da oposição? - O que espera dos políticos nesta altura de crise económica social? - Que avaliação faz da atuação do Presidente Marcelo? 	Política

2 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
Governo escolhe independente para planear o relançamento da economia	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende a polémica em torno desta decisão? - O papel do Estado na economia devia ser reforçado como defendeu António Costa e Silva? - A economia precisa de uma mudança estrutural que potencie o crescimento do país? 	Política

3 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
O regresso do futebol sem espetadores nas bancadas	<ul style="list-style-type: none"> - Com que expectativa encara a retoma da 1ª Liga? - Partilha a preocupação com as claques e adeptos que se juntam para ver jogos na TV? - Deve ser avaliada a possibilidade de termos espetadores nos estádios esta época? 	Desporto

4 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
O Governo deve prolongar o lay-off simplificado?	<ul style="list-style-type: none"> - O lay-off continua a ser essencial para evitar despedimentos? - As regras devem mudar, para que os trabalhadores não sejam tão penalizados nos cortes salariais? - É preciso impor regras mais apertadas às empresas? 	Economia

5 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
-------------	------------------	-----------------

A entrevista de Rui Rio à TSF	<ul style="list-style-type: none"> - O PSD está a seguir a estratégia acertada para se afirmar como alternativa do Governo? - O PSD devia ser mais claro no apoio à recandidatura de Marcelo? - O Estado deve salvar a TAP, para depois privatizar a empresa? 	Política
-------------------------------	--	----------

8 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
As manifestações e a luta contra o racismo em Portugal	<ul style="list-style-type: none"> - O racismo em Portugal continua a ser um problema? - Precisamos de uma estratégia global para combater a discriminação racial? - Que importância atribui às manifestações que juntaram milhares de pessoas nas ruas? 	Sociedade

9 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
Deputados podem travar ida de Centeno para o Banco de Portugal	<ul style="list-style-type: none"> - É aceitável que Centeno passe diretamente do Governo para a liderança do BP? - É preciso mudar as regras de nomeação? - Devemos reforçar o papel da AR e do Presidente da República na escolha das entidades reguladoras? 	Economia

15 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
O novo Ministro das Finanças	<ul style="list-style-type: none"> - Que pode mudar nas contas públicas com a entrada de João Leão? 	Economia

	<ul style="list-style-type: none"> - Como interpreta a saída de Mário Centeno? - Que desafios se colocam ao novo ministro? 	
--	--	--

16 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
A injeção de capital no Novo Banco devido à Covid-19	<ul style="list-style-type: none"> - Faz sentido um reforço de capital nestas condições como pede António Ramalho? - Como interpreta a estupefação do Presidente da República? - E as críticas dos partidos da oposição? - Que pensa das novas revelações sobre o contrato com o Novo Banco? 	Economia

17 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
O combate aos incêndios três anos depois de Pedrogão	<ul style="list-style-type: none"> - Que lições podemos retirar da tragédia três anos depois? - O país está hoje mais bem preparado? - Os meios e o investimento anunciados pelo Governo são a resposta adequada? 	Sociedade

18 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
Liga dos Campeões em Lisboa	<ul style="list-style-type: none"> - A escolha da UEFA ajuda à retoma económica? - Pode ser uma afirmação da “Marca Portugal”, como refere Marcelo? - Concorda com a possibilidade de haver público nos estádios? 	Desporto

19 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
O veto à entrada de portugueses em países europeus	<ul style="list-style-type: none">- Compreende as limitações impostas por vários países da UE à entrada de portugueses?- O desconfinamento em Portugal está a ir no bom sentido?- O aumento de testes é a principal explicação para o atual número de infetados?	Sociedade

22 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
Os ajuntamentos de jovens e os contágios na região de Lisboa	<ul style="list-style-type: none">- É preciso começar a punir quem participa em ajuntamentos e festas ilegais?- O Governo deve aumentar as restrições nas zonas com mais casos de Covid-19?- Corremos o risco de desperdiçar o esforço dos últimos meses?	Sociedade

23 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
Governo castiga ajuntamentos ilegais e consumo de álcool na via pública	<ul style="list-style-type: none">- Concorda com as multas que podem ir dos 120 aos 350 euros?- Faz sentido obrigar as lojas e cafés da Área Metropolitana de Lisboa fechar às 8 da noite?- O discurso do Governo e da DGS tem sido coerente?	Sociedade

24 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
-------------	------------------	-----------------

O Governo deve unir-se para salvar a TAP, como pede o CEO da empresa?	<ul style="list-style-type: none"> - O Estado deve manter ou repensar o apoio financeiro? - A TAP tem uma visão paroquial e regional, como acusa Rui Rio? - A sobrevivência da TAP pode ser ameaçada por jogos de caráter regional, como alerta o PS? 	Economia
---	--	----------

25 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
O aumento dos casos de Covid-19 na Área Metropolitana de Lisboa	<ul style="list-style-type: none"> - Está preocupado com a falta de explicações concretas sobre o aumento dos contágios? - O que espera do Governo, que hoje aprova novas medidas? - Em que áreas é urgente atuar para travar o avanço da pandemia? 	Sociedade

26 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
A ida de Mário Centeno para Governador do Banco de Portugal	<ul style="list-style-type: none"> - É aceitável que Centeno passe diretamente do Governo para este cargo? - Compreende a escolha ou concorda com as críticas da oposição? - O trabalho de Centeno nas Finanças é garantia de competência no Banco de Portugal? 	Economia

29 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
Os alertas sobre a falta de meios e o aumento dos casos	<ul style="list-style-type: none"> - São preocupantes as denúncias sobre a descoordenação e a falta de meios para travar 	Sociedade

de Covid-19	<p>novos focos de contágios?</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Governo e as autoridades de saúde estão a fazer o suficiente ou estão a falhar no combate à pandemia? 	
-------------	--	--

30 de junho

Tema	Perguntas	Editoria
A saída de Bruno Lage e a responsabilidade de Luís Filipe Vieira	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia a saída de Bruno Lage, a cinco jornadas do fim do campeonato? - Luís Filipe Vieira sai fragilizado deste processo? - Como avalia a possibilidade de Luís Filipe Vieira deixar a presidência do Benfica? 	Desporto

1 de julho

Tema	Perguntas	Editoria
É importante manter a TAP como companhia aérea nacional?	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com a estratégia do Governo, que passa por comprar a participação do acionista estrangeiro? - É preferível nacionalizar a TAP, como defendem PCP e BE? - Fica preocupado com os encargos que o país vai assumir? 	Economia

2 de julho

Tema	Perguntas	Editoria
As críticas dos políticos às autoridades de saúde	<ul style="list-style-type: none"> - Rui Rio tem razão quando diz que a DGS não tem estado à altura do problema? - Faz sentido falar em demissões, como fez Fernando Medina? 	Política

	- As críticas do autarca lisboeta à qualidade das chefias fragilizam Marta Temido?	
--	--	--

3 de julho

Tema	Perguntas	Editoria
Concorda com o esforço do Estado para salvar a TAP?	<ul style="list-style-type: none"> - A importância da TAP justifica o esforço financeiro que o país assumiu? - O Estado deve manter o controlo da TAP, ou deve vender a participação na empresa assim que for possível? - O Governo conduziu bem este processo? 	Economia

6 de julho

Tema	Perguntas	Editoria
O SNS está a dar uma resposta adequada aos doentes não Covid-19?	<ul style="list-style-type: none"> - A prioridade dada à Covid-19 continua a deixar para trás os outros doentes? - O plano para recuperar os atrasos está a funcionar? - Continuam os adiamentos de cirurgias, consultas, tratamentos e exames de diagnóstico? 	Sociedade

7 de julho

Tema	Perguntas	Editoria
Parlamento debate proibição do apoio público às touradas	<ul style="list-style-type: none"> - O financiamento público às touradas deve ser proibido, como propõe o BE, o PAN e o PEV? - Ou, tal como defendem os adeptos da tauromaquia, estamos perante uma forma de cultura que deve ser preservada e apoiada? 	Política

8 de julho

Tema	Perguntas	Editoria
O PSD e o fim dos debates quinzenais com o primeiro-ministro	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia esta iniciativa do PSD? - O primeiro-ministro não pode passar a vida em debates e precisa de tempo para trabalhar, como argumenta Rui Rio? - O fim dos debates quinzenais desvaloriza a AR e reduz o escrutínio do Governo? 	Política

9 de julho

Tema	Perguntas	Editoria
O fim das reuniões no Infarmed e a polémica dos transportes públicos	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com o fim das reuniões regulares no Infarmed? - Compreende o argumento de que a situação no país está estabilizada e não há dados relevantes para partilhar? - Os transportes públicos são ou não um fator de risco? 	Política

10 de julho

Tema	Perguntas	Editoria
Como é que vamos dar a volta à crise e relançar a economia?	<ul style="list-style-type: none"> - O Estado deve reduzir a carga fiscal e ajudar a recapitalizar as empresas rentáveis, como defende o plano entregue ao Governo? - A reindustrialização do país deve ser uma prioridade? - Devemos reforçar a aposta na ferrovia? 	Economia

14 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
A polémica do apoio de	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende os argumentos do Primeiro-Ministro 	Desporto

António Costa à candidatura de Luís Filipe Vieira	<p>ao dizer que isto não é uma questão política?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Esta polémica faz parte de uma campanha caluniosa como afirma o presidente do Benfica? - Temos ou não um problema com as ligações entre a política e o futebol? 	
---	---	--

15 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
Marcelo pede reforço do Serviço Nacional de Saúde	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com o apelo do Presidente para o reforço dos meios do SNS? - Como avalia o trabalho do SNS? - A prioridade que é dada à Covid-19 está a deixar para trás outros problemas graves? 	Sociedade

16 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
Portugal deve dar prioridade ao transporte ferroviário?	<ul style="list-style-type: none"> - Devemos avançar com uma linha de alta velocidade entre Lisboa e Porto? - É importante fazer ligação de comboio entre todas as capitais de distrito? - É importante apostar na melhoria das ligações ferroviárias nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto? 	Economia

17 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
A luta contra a Covid-19 pode desregular o mercado de trabalho?	<ul style="list-style-type: none"> - Concorda com o projeto do Governo para impôr o trabalho desfasado? - O Governo está a dar demasiado poder aos patrões, como acusam UGT e CGTP? 	Economia

	- É aceitável que uma empresa possa impor medidas como o trabalho noturno?	
--	--	--

18 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
O aumento dos casos de infecção com Covid-19	<ul style="list-style-type: none"> - Com que expectativas aguarda a reunião do gabinete de crise do Governo? - Será necessário novas medidas de contingência ou a solução está nas nossas mãos? - O problema está no comportamento das pessoas que foram reduzindo os cuidados de prevenção? 	Sociedade

21 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
O que é que correu melhor e pior no regresso às aulas?	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia a abertura do ano escolar? - Foram tomadas as medidas necessárias para proteger alunos, professores e funcionários da Covid-19? - Há aspetos a corrigir? - Encara este ano letivo com confiança ou preocupação? 	Sociedade

22 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
O aumento do desemprego e a crise nas empresas	<ul style="list-style-type: none"> - O Estado deve ou não reforçar os apoios às empresas como é pedido por diversos partidos? - Esse apoio deverá exigir uma proteção dos postos de trabalho? - Encara os próximos tempos com confiança ou receia que o pior, a nível de economia e 	Economia

	desemprego, ainda esteja para vir?	
--	------------------------------------	--

23 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
Acordo à esquerda para o Orçamento e à direita para as autárquicas?	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia o apelo do PS aos outros partidos de esquerda, para um entendimento que viabilize o próximo orçamento? - O PSD deve formar uma coligação de direita para as autárquicas com CDS e IL, como pede o líder da JSD? 	Política

24 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
Governo não cede às pressões e mantém jogos de futebol sem adeptos	<ul style="list-style-type: none"> - Faz sentido manter os estádios fechados ao público? - O Governo tem razão quando diz que não podemos dar sinais contrários na luta contra a pandemia? - O futebol está a ser discriminado, como acusa a Liga de Clubes? 	Desporto

25 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
O Parlamento deve avançar com uma comissão de inquérito ao Novo Banco?	<ul style="list-style-type: none"> - É necessário investigar as vendas com prejuízo compensadas pelo Fundo de Resolução? - O Novo Banco está a ser usado como arma de arremesso político, como diz a administração? - A lista de grandes devedores devia ser revelada? 	Política

28 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
Os alertas de Marcelo e a possibilidade de uma crise política	<ul style="list-style-type: none"> - Gostaria de ter o próximo Orçamento do Estado negociado e aprovado à esquerda? - Se esta solução falhar, o PSD deve viabilizar o OR, como sugere o PR? - O que espera dos partidos neste momento difícil da vida do país? 	Política

29 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
As prioridades do Plano de Recuperação e Resiliência	<ul style="list-style-type: none"> - Com que expectativa encara o plano para aplicar quase 13 mil milhões de euros? - Concorda com a necessidade de reforçar o Estado, ou considera que o Governo devia dar prioridade ao apoio às empresas para relançar a economia? 	Economia

30 de setembro

Tema	Perguntas	Editoria
Como avalia a qualidade dos serviços públicos?	<ul style="list-style-type: none"> - O Governo devia aproveitar a chegada de fundos europeus para fazer uma renovação profunda e apostar no rejuvenescimento da Administração Pública? - Em que áreas é urgente investir para servir melhor os cidadãos e as empresas? 	Economia

1 de outubro

Tema	Perguntas	Editoria
Estamos a falhar no apoio	<ul style="list-style-type: none"> - A pandemia veio agravar a situação? 	Sociedade

aos mais velhos?	<ul style="list-style-type: none"> - O Estado está a dar o apoio necessário às famílias que querem cuidar dos pais e dos avós? - É preciso dar mais atenção ao problema da violência contra as pessoas idosas? 	
------------------	--	--

2 de outubro

Tema	Perguntas	Editoria
A crise está a empurrar cada vez mais famílias para a pobreza	<ul style="list-style-type: none"> - Como é que o Estado deve responder ao agravamento da crise social? - É importante aumentar o subsídio de desemprego? - O aumento do salário mínimo pode ter um papel importante na luta contra a pobreza? 	Sociedade

6 de outubro

Tema	Perguntas	Editoria
O Tribunal de Contas, os fundos europeus e o alerta do PR contra a corrupção	<ul style="list-style-type: none"> - Como avalia o aviso do Presidente da República contra os compadrios e a corrupção? - A chegada de fundos europeus exige mais transparência e fiscalização? - Compreende as críticas ao Governo, por não reconduzir o presidente do Tribunal de Contas? 	Economia

7 de outubro

Tema	Perguntas	Editoria
Os problemas nos centros de saúde	<ul style="list-style-type: none"> - O atendimento aos doentes melhorou ou continua a ser muito complicado conseguir uma consulta? - O sistema de marcações por telefone e email está a funcionar? - O Governo tem dado atenção às dificuldades dos 	Sociedade

	doentes?	
--	----------	--

8 de outubro

Tema	Perguntas	Editoria
A pandemia e os desafios da mobilidade sustentável	<ul style="list-style-type: none"> - A pandemia e as questões ambientais devem-nos fazer repensar o sistema de transportes e o planeamento urbano? - Os transportes públicos estão a dar uma boa resposta ou voltámos a usar o carro? - As bicicletas e trotinetas já são parte da solução? 	Sociedade

9 de outubro

Tema	Perguntas	Editoria
É necessário agravar as medidas para travar a Covid-19?	<ul style="list-style-type: none"> - O uso de máscara ao ar livre devia ser obrigatório? - É preciso aumentar a capacidade de testagem e rastreio? - É preciso agravar as medidas de contingência, ou o problema está no comportamento de quem não cumpre as regras básicas? 	Sociedade

Anexo 4 - Entrevista a Manuel Acácio (23 de setembro de 2020)

P: Há quanto tempo está no Fórum TSF?

R: Desde 1999. Fixei esta data porque foi a seguir ao referendo a Timor... já tinha feito uns fóruns antes mas só a substituir a pessoa, pois não havia mais ninguém para fazer. Fiz uma ou duas semanas e depois fui para Timor fazer reportagem. Depois o Carlos Andrade disse que tinha gostado e desafiou-me a fazer o Fórum e faço desde essa altura, com ali dois anos de intervalo, que foi quando fui chefe de redação.

P: Quando chega à redação qual é a primeira coisa que faz para decidir o tema do fórum?

R: Eu começo a decidir ou a pensar no tema do Fórum quando acabo de fazer o do dia anterior. A minha rotina começa antes. Nós jornalistas estamos sempre ligados, nunca estamos desligados e eu vou vendo os *sites* de informação, os noticiários de informação, das televisões e rádios para ver o que é que ali pode dar um tema do Fórum. Mal acordo, espreito logo no telemóvel as manchetes dos jornais para ver se me dão ali alguma ideia e no caminho de Setúbal para aqui venho a pensar qual o tema, o que faço, o que não faço e se eu vejo que há ali um tema muito forte, ou se eu vejo que há possibilidades que aquilo que eu vi de manhã ou no dia anterior ser o tema do fórum, começo logo a pensar em quem é que vale a pena convidar e quem é que não vale a pena, Chego à rádio e começo logo a ler os jornais, até porque tenho que fazer a revista de imprensa. Portanto, ler os jornais, ler com atenção o recado da equipa da noite, reler o recado da tarde, ver o que a manhã 1 está a fazer, que temas estão a desenvolver...E são tudo ingredientes que me ajudam a decidir.

P: Quais são os critérios para a escolha do tema?

R: Como tu tiveste oportunidade de ver quando estiveste connosco, já houve vários estagiários a acompanhar de fora que estavam a fazer teses de mestrado sobre o Fórum, mas nenhum acompanhou tão de perto como tu. Como percebeste não há um critério único para tomar a decisão do Fórum. Sou uma pessoa muito indecisa. Em antena não pareço, mas

quando o tema está decidido, está decidido. É aquele que eu tenho de defender porque fui eu que escolhi. Mas não há uma lógica, não há um conjunto de algoritmos muito bem definidos sobre como escolher o tema do fórum. São muitos fatores. Qual o tema mais importante do dia? É um fator essencial. Mas a este fator essencial juntam-se uma série de sub-alíneas que me condicionam. Às vezes há dois ou três temas mais importantes do dia. Às vezes não há nenhum... Se há ali dois ou três mais importantes, qual é que foi escolhido? Um dos meus objetivos é criar notícias, alimentar a antena da TSF. É criar notícia nova, pura e dura e tenho a sorte disso acontecer frequentemente. Às vezes os partidos escolhem o Fórum para anunciar algumas decisões políticas ou como foi o caso de hoje, para uma primeira reação a uma sugestão para uma coligação autárquica nacional à direita. O objetivo principal é escolher o tema do dia. Outros fatores: o que a manhã 1 está a fazer, onde consigo fazer notícia. Se eu tenho dois temas importantes, qual deste tema eu consigo sacar notícia? O que é que eu consigo acrescentar? Com qual é que consigo produzir mais alguma coisa para a antena da TSF? Destes temas, o que é que a manhã 1 está a tratar? Se a manhã 1 está a desenvolver muito um tema, ou eu não tenho outra alternativa e passo as gravações das entrevistas que eles fizeram, ou sendo o mesmo tema, eu tenho alternativa de convidados e aí pode ser bom porque vou dar outra dimensão da análise, abrir outra janela. Penso sempre na importância do tema, onde é que eu crio notícia, o que está a fazer a manhã 1 e há quanto tempo eu já debati aquilo. Por vezes acontece... a saúde por exemplo agora, estamos numa altura da pandemia da Covid-19 onde a saúde ganhou uma importância enorme no debate público. Eu às vezes já debati aquilo umas cinco vezes. Um exemplo concreto... esta semana a DGS divulgou o Plano de Contingência para outono/ inverno. Em teoria era um bom tema porque mexe com a vida das pessoas. Na semana passada, quando foi o dia do Serviço Nacional de Saúde eu já falei disso e os convidados que tivemos - médicos, antigos diretores geral de saúde, especialistas em algumas áreas - eu já lhes perguntava o que seria preciso fazer na opinião deles, para encarmos outono e inverno de uma forma mais tranquila, com mais armas para esta guerra. Portanto, ia convidar as mesmas pessoas, que iriam dizer basicamente aquilo que já tinham dito. E, portanto, isto às vezes também é um critério e depois é juntar estes ingredientes todos e decidir o que podemos fazer. Às vezes chegamos a estes critérios todos e eu decido que é o tema A. Na preparação do Fórum temos de olhar a agenda, olhar o planeamento, a agenda oficial e a nossa agenda do Pedro Pinheiro, que às vezes me dá dicas de coisas que não me lembro e vão acontecer. Às vezes acontece... há uma coisa que não está na agenda. Imagina que eu decido que é o tema A e que importante para o tema A é ouvir os parceiros sociais... Isto já aconteceu e não estava na agenda mas de repente percebemos que havia uma reunião

do conselho económico e social no período do Fórum. Já aconteceu também uma vez escolher um tema - imaginemos um tema de violência doméstica ou corrupção na justiça - e de repente percebo que há uma reunião ou conferência num sítio qualquer, onde as pessoas que eu ia convidar estão. E aí se ainda houver tempo, tento inventar outro tema. Como tu percebeste, raramente o tema não é decidido no próprio dia. Eu sei que se hoje há autárquicas, já sei que amanhã vou fazer fórum sobre isso. Se o governo sexta-feira anuncia o plano de contingência face ao Covid-19, já sei que previsivelmente o tema do Fórum será esse. Caso concreto... tivemos aqui o Ministro da Educação na segunda-feira. O Fórum esteve para ser feito na segunda-feira anterior e a assessoria do Ministro disse: “Mas pouquíssimas escolas vão abrir. Não querem fazer isso na quinta-feira que é o dia em que mais escolas vão abrir?” Quarta-feira falei e disse que não dava porque temos reunião de conselhos. Passou então para segunda-feira, mas mesmo assim eu acertei que o Fórum era a abertura do ano letivo, mas sempre com a ressalva sim, mas...se acontecer alguma coisa muito importante, mudamos de tema. Muito raramente está decidido que amanhã o tema é aquele, se não houver mais nada temos aquele. Há dias em que o tema é o possível. Não há um tema forte, não há um tema que esteja a dominar. Porque depois também há bons temas de notícia, há assuntos que são notícias importantes, mas não são propriamente um tema de debate. Nós temos muitas notícias que são notícias importantes, mas aquilo não tem margem para fazer um debate e o Fórum é muito bipolarizado. Concorde com isto, não concorde com isto, o que é necessário corrigir, o que é necessário incentivar? Tendo o Fórum esta característica, às vezes é complicado. Há temas que são boas notícias, que são notícias importantes, mas não são propriamente um objeto de destaque. O último critério é: será que isto interessa às pessoas? É um assunto que suscita o interesse das pessoas, para se darem ao trabalho de ligar e se inscreverem no programa? Esse é o critério que está no fim da linha. Como faço isto há muitos anos, vamos aprendendo truques, se não tens ouvintes, vais metendo mais convidados, vais fazendo os convites antes. Há dias em que nenhuma destas grelhas funciona, porque não há um tema que seja muito importante, que esteja a dominar. E é um tema da atualidade, faz sentido na lógica que o Fórum tem que é o tema do dia e nas marcas pessoais que vais imprimir porque o editor do Fórum tem um papel muito importante e tem um papel decisivo. Não é ser bom jornalista ou mau, mas um editor tem uma importância decisiva no Fórum e às vezes nenhum destes critérios funciona. Às vezes é por intuição e outras vezes o tema é o tema possível. Isto é um tema muito importante? É o tema que consigo levar a debate hoje. Felizmente isso acontece poucas vezes e às vezes joga-se ali a tua intuição. Às vezes tem esses critérios todos e às vezes não. Se temos de decidir entre A ou B, temos de pesar as

coisas todas: o que tem mais interesse, onde sacamos notícia, com qual é que podemos ter melhores convidados, o que pode suscitar maior interesse das pessoas. E a resposta não é científica e aí vale o “feeling” de editor do Fórum. Já me aconteceu estar todo orientado com um determinado tema e de repente alguém na redação diz “olha lá e então nunca pensaste fazer o tema C?” E eu pergunto, “mas onde é que isso pode dar”. E então eles explicam. E já fiz várias vezes isso. Nestes 20 anos de Fórum - aconteceu raramente - mas já fiz um ou dois os que fiz contrariado, no sentido em que tenho dúvidas de que isto traga ouvintes, mas não tenho nenhuma ideia melhor e este tema que me sugeriram é melhor do que eu tinha. Tenho dúvidas mas vou arriscar. A partir do momento em que eu tomo uma decisão, mesmo naqueles dias em que eu não tinha pensado naquele tema porque me tinha passado ao lado, mesmo tendo eu dúvidas que aquilo funcione, mas não tendo eu em consciência outra alternativa melhor e quando toda a gente à minha volta (como a Manhã 1, a Fernanda e quem está na redação) está virada para o tema C em que eu não tinha pensado...Nestes anos todos contam-se pelos dedos da minha mão os Fóruns que eu fiz contrariado, mas já aconteceu.

P: Já aconteceu alguma vez não estar convencido com o tema?

R: Vou sempre convencido com o tema porque fui eu que escolhi e acho que é o melhor tema que eu tenho para debater naquele dia. Agora vou muitas vezes com receio. O objetivo é ter notícia, apesar de haver dias que sei que não vou sacar notícia mas acho que é um debate importante para se fazer mas vou sempre com muitas dúvidas se “será que isto funciona? Será que consigo ter notícia? Será que consigo ter um debate interessante para os ouvintes? Será que vou ter ouvintes a participar?” Porque os ouvintes são um fator essencial do Fórum. Este último fator, “será que este tema interessa aos ouvintes?” é um fator que a tua experiência te vai dizendo, que a tua intuição vai dizendo mas que muitas vezes falha completamente. Às vezes felizmente corre bem, mas umas vezes corre mal. Já tive fóruns que foi complicado conseguir fazer o Fórum e levar o tempo todo destinado ao Fórum sem ter que dizer que termina ali porque não temos ouvintes.

P: Se tiver um tema importante, mas que acha que não vai ter tantos ouvintes, vai na mesma escolher esse caminho?

R: Vou. Muitas vezes vou, se achar que aquele é o tema do dia. E às vezes percebemos que não temos ouvintes. O tema do Fórum é lido às 9h e o Fórum começa às 10h. Se nós percebemos que logo às 9h começam a inscrever-se ouvintes, percebemos que, nesse fator, vai correr bem. Às vezes não se inscrevem ouvintes nenhuns. Já tivemos alguns fóruns onde às 10h - lembro-me do Fórum sobre a visita do Papa a uma mesquita, uma questão importante de culturas e religiões - acho que tínhamos dois ouvintes inscritos.

P: Depois às vezes os ouvintes são aqueles que se inscrevem todos os dias...

R: Também há esse fator. Temos 5, 6, 7, 8 ou 9 mas são os ouvintes que se inscreveram ontem ou anteontem e que nós já conhecemos o nome. O Fórum não é o clube de amigas do Fórum e o clube de amigas do Manel e Fernanda, que entram todos os dias ou todas as semanas. Tentamos evitar isso. Se eu acho que o tema vale a pena, arrisco, mesmo achando que pode não ter ouvintes. Hoje tive belíssimas surpresas, acho que não tenho ouvintes e tenho muitos e bons. A maior parte deles são ouvintes interessantes, mas aí jogamos à defesa e tomamos cautela porque se há um tema que eu acho que não suscita o interesse dos ouvintes, que não é assim tão importante como tudo isso e não existe uma grande panóplia de convidados para eu ter, aí é suicídio. Ter três fatores maus...Os fatores essenciais: tema ser importante, o tema trazer alguma coisa à antena (pode ser um bom debate sem notícia, mas um bom debate esclarecedor pode trazer notícia). Às vezes percebo que o mais importante é ter um debate esclarecedor do que estar ali a sacar notícias porque não há grande coisa para sacar. Mas se eu acho que não é importante nem me vai trazer nada para a antena da TSF, se eu acho que não vou ter ouvintes, se nem tenho uma panóplia de convidados para ter no Fórum...três fatores negativos não. Aí tenho que encontrar outra alternativa.

P: Houve dias em que o tema era o mesmo mas os ângulos eram diferentes, como foi o caso da eutanásia. Acha que faz sentido debater o mesmo tema dias seguidos?

R: Há temas que são importantes, os chamados temas fracturantes da sociedade, como é o caso da eutanásia. Exemplos onde eu tenha feito vários fóruns sobre o mesmo tema: Guerra do Golfo, operação especial em que os fóruns foram feitos em direto em universidades, todos os dias. Foi uma coisa de doidos, começaram em Bragança e acabaram em Faro. Mais recentemente a história dos incêndios, certamente fizemos 15 fóruns seguidos ou mais sobre a

situação dos incêndios e depois aí a questão está em delimitar bem o tema e o ângulo. A eutanásia cheguei a fazer dois temas seguidos, Covid-19 mais de uma semana em que o chapéu era o mesmo. O segredo, a estratégia é definir bem os temas, vamos pensar em Covid, pensamento abstrato: o que é importante? É a questão da saúde. Mas dentro da saúde se calhar há várias questões para subdividir. Questões de saúde, economia, questões da reação política e a forma como os políticos reagiram a isto. Já temos aqui três ângulos, que é a forma como a sociedade está a reagir a isto. A alternativa aí é ter ângulo bem definidos, sabendo eu que às vezes o ouvinte vem falar do ângulo que falámos ontem, mas quando é o mesmo tema dois dias seguidos é porque é uma questão importante e se é uma questão importante tenho de ter algum jogo de cintura para permitir que, se hoje estamos a falar do plano outono/inverno e ontem falamos das consequências da Covid na economia, se o ouvinte me vier falar de economia, eu digo que isso foi ontem e pergunto em relação à questão da saúde. É tentar definir e tentar separar. Nunca fiz, ou não me lembro, o mesmo tema dois dias seguidos, exatamente o mesmo tema. O primeiro Fórum quando voltamos foi sobre o apoio de António Costa a Luís Filipe Vieira. Não me passa pela cabeça fazer o mesmo tema no dia seguinte. Uma coisa diferente é: não há acordo no orçamento e o Governo demite-se. amanhã o ângulo é diferente ou tentar pelo menos o mesmo ângulo mas com algum acrescento.

P: Até mesmo no que diz respeito aos convidados, tenta que não sejam repetidos?

R: Sim, não ter hoje os convidados que tive ontem. O exemplo que dei à bocado do Fórum sobre o plano outono/inverno, eu ia convidar as mesmas pessoas que tinha convidado há uma semana. Tentamos sempre variar, mesmo na sequência de fóruns sobre os incêndios, nunca tive, ou pelo menos tentei não ter, os mesmos convidados, porque vão dizer a mesma coisa. Não é bom para mim, não é bom para eles, nem é bom para os ouvintes, não faz sentido. É tentando ir alternando os convidados e isso aí é decisivo no ângulo do tema chapéu. O tema até pode ser a mesma temática mas as perguntas do Fórum são outras e aí os convidados devem ser outros. E aí às vezes fazemos esse equilíbrio, mesmo que a temática seja a mesma. Um dos critérios de ir afinando os temas passa também por isso.

P: Em relação à questão da pandemia, o novo coronavírus apareceu na China no final de dezembro mas só quando chegou a Portugal é que se fez um Fórum sobre isso. Foi nessa altura que sentiu que fazia sentido falar da Covid-19?

R: Os temas internacionais têm muito pouca adesão do público, apesar de existirem exceções.

P: Lembro-me também que fizeram sobre as eleições dos EUA...

R: Sim, mas pouco e é um tema muito polarizado, ou és Trump ou és anti Trump. As eleições nos EUA tem uma importância e interesse mundial e temos um protagonista que gera ódios e amores e mesmo assim não tivemos muitos ouvintes. lembro-me do Fórum sobre a crise na Venezuela e o primeiro Fórum, ao contrário das expectativas, tivemos muitos ouvintes, nomeadamente alguns luso-venezuelanos. Depois lembro-me que fizemos um segundo Fórum e aí já tivemos muito menos ouvintes. É daquelas regras básicas do jornalismo. A regra da proximidade funciona muito no Fórum TSF, funciona no sentido de que se nota que ela existe e que as pessoas lidam com as coisas quando estão próximas delas.

P: Essa regra também resulta dentro do país? Coisas que acontecem em Lisboa ou no Porto têm mais impacto do que nas ilhas, por exemplo.

R: Sim, mas aí tem outra dimensão que é: onde é que a TSF é ouvida? Essa dimensão também é importante. Nós somos muito ouvidos em Lisboa e no Porto e depois, por definição, aí não é só a questão da proximidade... A TSF tem estúdios em Lisboa e no Porto, Aí a questão está também onde é o auditório, onde tens mais gente a ouvir e onde há mais gente que é afetada por essa questão...

P: Em relação à Covid-19, antes de ter chegado a Portugal, alguma vez pensou se devia fazer um fórum sobre isso, ou achou que ainda era muito cedo?

R: Pensar, pensei. Mas é a questão... há coisas que no Fórum suscitam o interesse nas pessoas, quando as coisas estão próximas de nós. Quando não estão próximas é mais complicado. Não é ignorar, é a questão de: o que é que eu vou debater? Eu tento fazer um

debate sério e construtivo e que tenha valor acrescentado e às vezes penso muito...vamos falar da Covid na china e vou perguntar o quê? Tem medo que chegue cá? O que vou perguntar, o que vou debater, que conhecimentos temos para ter um debate não sensacionalista sobre isto? É aqui que entra o editor que faz o Fórum. Tem um papel determinante naquilo que é o programa, para o bom ou para o mau. As características jornalísticas do editor condicionam a análise que faz dos temas e da sua importância. Eu penso muito nisso. Mas o que nós vamos debater aqui? Está com medo? Isto não faz sentido, é um pouco sensacionalista, ainda não sabemos como se propaga, não sabemos como vai ser. Mas pensei. Mas entra na tal relação com os critérios e subcritérios e o que pode ou não acontecer.

P: Em relação a temas, há algum que acha que não deva ser discutido?

R: Não. Não há temas tabus. Todos os temas podem ser debatidos, o que quer que seja. Têm é que ser tratados à maneira da TSF e o tema tem que ser tratado com a marca de água da TSF. Não é sensacionalismo, é fazer um debate sério, um debate profundo, onde o objetivo é, de facto, dar aos nossos ouvintes dados para eles terem opinião. Qual o objetivo do Fórum? O objetivo não é abrir a janela para mostrar a paisagem que eu gosto, é abrir uma série de janelas. Não é dizer aos ouvintes ou tentar influenciá-los a irem por aquele caminho, só porque esse é o caminho que eu sigo. O meu objetivo enquanto editor do Fórum é mostrar aos ouvintes que há vários caminhos e é esse o meu papel como jornalista. Eu não faço o Fórum para que os ouvintes votem no mesmo partido ou sejam do mesmo clube de futebol que eu. O papel do jornalismo é dar instrumentos e conhecimentos às pessoas para terem opinião informada. Acho que é essa a única função que eu tenho e essa é a função primordial do jornalismo. Também fui aprendendo com a experiência. Quando eu estou mais envolvido num tema - porque nós também cometemos erros e às vezes também sem perceber estamos ali a tentar puxar para um lado - as coisas correm mal, porque tu erras, não és bom jornalista e isso não é bom. A única coisa que nós temos é a nossa honra profissional e a nossa imagem, o prestígio, o nome profissional. “A única coisa que tu tens é o teu nome” e eu levo isso muito a sério. Ponho o meu nome em tudo o que faço e tento fazer bem.

P: Imaginemos, um assunto que se calhar não lhe desperta muito a atenção, o interesse do público é sempre superior ao interesse pessoal?

R: Sim, aqui a minha análise não é o interesse pessoal, é o interesse jornalístico. Quando eu exponho o tema do fórum, não é: O que me apetece falar? O que é que eu gosto? Qual a minha opinião sobre o tema? Esse é um dos erros que às vezes nós jornalistas cometemos. Por exemplo, o aumento de combustíveis... eu quero lá saber. Até acho que devíamos andar de transportes públicos. Para mim não devemos usar o carro, por isso não vou debater o tema. Isso não faz sentido. Eu analiso a importância do tema, claro que há sempre uma dimensão subjetiva. Nós somos pessoas, não somos computadores e mesmo os computadores são programados por pessoas. Agora a imparcialidade total, pura, é impossível? É, mas podemos ser justos e podemos fazer uma análise jornalística e podemos fazer uma análise não tentando condicionar a nossa análise do tema pelas minhas opiniões. Dou-te um exemplo: tenho uma opinião muito firme sobre a eutanásia, é das coisas que tenho uma opinião mais definitiva sobre o que eu acho. Eu fiz um fórum quando houve um abaixo-assinado a defender a despenalização da eutanásia, fiz um Fórum quando assinaram um documento contra a despenalização da eutanásia. E eu tenho uma opinião definida. Neste caso concreto tens três caminhos (o terceiro é: não sei, ainda é cedo para decidir). Para mim é das áreas que tenho o caminho mais decidido e eu fiz o Fórum com todos os caminhos. Quando nós queremos ser mais do que jornalistas, não somos nada. É que eu acho que nem sequer influenciemos, mesmo que tu queiras influenciar porque as pessoas percebem que estás a tentar apontar o caminho para aquela porta e elas percebem que há pelo menos mais uma. Mesmo em temas que envolvem direitos humanos onde a tua escolha, à partida, é óbvia... mesmo nesses temas onde aparentemente a escolha é mais clara, o objetivo de quando faço o Fórum não é dizer que este é que é o caminho certo. A minha função como jornalista é questionar quem defende o outro caminho e perguntar: mas isso viola a carta universal dos direitos humanos? Portanto é exercendo a nossa função de jornalistas que somos úteis à sociedade. Sim, o jornalista deve contribuir para uma sociedade melhor, mas na leitura que eu faço, não contribuis para uma sociedade melhor indicando qual o caminho, mas dar informações para as pessoas escolherem o seu próprio caminho. As pessoas escolhem o caminho que não gostas? Eu fico deprimido pelo cidadão, fico muito triste pelo meu país, mas eu quero que aquelas pessoas tenham a mesma liberdade que eu tenho de escolher o meu caminho.

P: Quais são os temas que costumam ter mais ouvintes? Política, desporto, economia?

R: Não consigo fazer essa categorização muito bem delineada. As pessoas têm ideia que o futebol tem sempre muitos ouvintes, mas é mentira, não tem. Depende do que estamos a falar. Fóruns sobre a seleção nacional (tirando quando estamos no europeu ou mundial) têm sempre muito poucos ouvintes. Eu não gosto de futebol, não vejo, não ouço relatos. Olho o futebol como outro tema qualquer da sociedade que eu, como editor do fórum, tenho que estar atento para poder debater o tema. E faço muitos fóruns de futebol e apercebeste que não é sobre o Benfica contra o Porto, porque há coisas que não gosto e não fazem sentido no Fórum. Não faz sentido perguntar: quem achas que vai ganhar? Acho isso estúpido, não faço essas perguntas. Não faz sentido fazer fóruns sobre justiça também. Perguntas como: acha que ele é culpado ou inocente? Acho que não faz sentido e é irresponsável. Não debatemos nada, não acrescentamos nada. Teria muitas audiências, mas a minha função não é essa, não está aí, mas sim na importância dos temas.

P: Mesmo dentro do futebol, há problemas que envolvem a sociedade, como foi o caso do racismo ao Marega...

R: Isso é futebol por acaso. Aconteceu no futebol mas é mais do que isso. Gosto muito de fazer fóruns sobre as mudanças de regras no futebol. Há fóruns que tem muitos ouvintes de futebol e há fóruns que tem pouquíssimos. Na política, depende do momento da vida nacional que estás. Há alturas em que a política tem 600 ouvintes inscritos e há outros em que, como hoje, temos poucos ouvintes inscritos. Tu viste que, às vezes, há 40 ouvintes inscritos e fechamos inscrições. Mas varia muito. Não há um tema que pensemos “isto rende sempre, vamos fazer isto”. Há aquela ideia de que o futebol rende sempre, mas não é bem assim...a não ser que eu fizesse programas para perguntar se era pênalti ou não era pênalti e coisas desse género. Se fôssemos por aí tínhamos sempre muitos ouvintes, agora isso não é a TSF.

P: A cultura é dos temas menos debatidos no Fórum. Porque é que isso acontece?

R: Aí é mesmo a questão dos ouvintes. É o outro lado da moeda quando estavas a perguntar quais os temas que têm muito sucesso a nível dos ouvintes. A cultura é uma desgraça. Nunca temos ouvintes, não sei explicar. Os fóruns sobre cultura raramente tem ouvintes. Um dos

fóruns mais difíceis que fiz nos últimos tempos foi sobre os apoios ao teatro e à cultura ter causado uma grande polémica porque uma série de grupos de teatro não tiveram apoio e houve movimentação nacional a nível dos grupos de teatro. Era um tema que até tinhas no setor muita gente descontente, podias pensar que tinhas ouvintes, dos grupos que vão ao teatro e estavam irritados e que fazem parte...outros que são os críticos... Tinhas aqui, em teoria, muitos pontos de conflito que podem popularizar as opiniões e as participações. Mas foram pouquíssimos ouvintes. Foi uma desgraça, acho que tivemos 4 ou 5 ouvintes. No caso da cultura, aí é mesmo por falta de participação, mesmo quando há temas polémicos que suscitam a atenção. Por exemplo, educação também varia muito. Há temas onde temos muitos ouvintes inscritos e há dias que temos pouquíssimos. Saúde é outra coisa. Sim saúde é um tema que mexe com aquilo que nós temos de essencial, portanto, teoricamente, suscita muitas opiniões, mas às vezes as pessoas não têm uma opinião formada e não querem falar daquilo. Mas o sucesso do Fórum não se pode medir só pelos ouvintes que entram. No caso da cultura... tive 5 ouvintes a participar, mas quantos estavam a ouvir e a acompanhar o debate? Se calhar havia muitos. Agora o Fórum tem esta característica que é que tem de ter ouvintes, são uma parte essencial e mesmo que consiga ter muitos comentadores, os ouvintes são essenciais e se há um tema que não vou ter ouvintes sou eu próprio que começo a jogar à defesa e cultura é o caso mais exemplar onde é difícil ter um Fórum que corra bem em todas as alíneas.

P: Geralmente o Fórum começa sempre com um convidado e não com um ouvinte. Porque é que isso acontece?

R: O objetivo é dar aos ouvintes instrumentos e opiniões e dar dados para formarem a sua própria opinião e eu acho que faz sentido começar por um comentador ou alguém que faça uma imagem mais global do tema ou alguém que está diretamente envolvido. Ou uma proposta do partido ou, no caso concreto de hoje, um apelo do PS aos parceiros de esquerda e a proposta da JSD para uma coligação à direita. Aqui os critérios editoriais, por onde começam os debates, foram condicionados pela disponibilidade dos convidados. É melhor ter um líder parlamentar do que ter um deputado. Mas temos de saber gerir isso. Tendo nós às vezes ouvintes muito bons e especialistas na matéria, eu acho que o debate ganha se tivermos alguém a explicar o que está em causa ou explicar a posição e proposta que têm e às vezes é só a análise do comentador político. Muitas vezes acontece que, depois dessa primeira

intervenção, inscrevam-se mais ouvintes. Também já aconteceu um convidado não atender o telefone porque se atrasou ou qualquer outra coisa e não podemos ter outro convidado a seguir porque temos ouvintes, que às vezes não atendem porque estão à espera de ouvir o primeiro convidado.

P: Se tivesse que mudar alguma coisa no fórum, mudaria alguma coisa?

R: Mudaria na comunicação com os ouvintes, faria sentido ter uma nova vertente. O Fórum vai evoluindo. Houve uma altura em que não líamos emails... passamos a abrir esses emails. primeiro era por email e fomos adequando à medida que as tecnologias foram evoluindo. Durante muitos anos tivemos um inquérito na Internet e este ano decidimos acabar com o inquérito porque achámos que não acrescentava nada ao debate. Porque é a nossa lógica fazer as coisas com a marca da TSF, uma marca de responsabilidade. À medida que isto foi evoluindo e com a polarização das opiniões da sociedade, o inquérito não acrescentava nada, tinha um carácter redutor. Mesmo quando lançamos o tema do fórum há sempre duas ou três perguntas. E chegámos à conclusão que aquilo reduzia o carácter que nós queremos imprimir ao Fórum. Faria sentido que as pessoas pudessem gravar pelo Whatsapp a sua opinião, sabem que têm ali 2 minutos e tu que entras no teu emprego às 10h e tens uma vida que não te permite ligar e inscrever-te e às vezes estou com um convidado e ficas à espera, era mais fácil. Estás no caminho, ligas e mandas opinião sobre o tema de hoje. Mas isso exige haver uma pessoa que tem de ouvir essas opiniões e escolher entre elas.

Anexo 5 - Entrevista a Mário Fernando (16 de setembro de 2020)

P: Quando chegava à redação, qual era a primeira coisa que fazia e como é que escolhia o tema?

R: Vamos por partes. Eu fiz o Fórum num momento muito específico, num momento anormal. Aliás, é a terceira experiência no fórum neste registo, é a terceira vez que vou fazer o Fórum em situações de exceção. Aconteceu primeiro com Timor, depois com o 11 de setembro e agora com a pandemia em que por razões excepcionais que tinham a ver com o próprio funcionamento da estação e das circunstâncias e do facto de haver desdobramentos

do próprio Fórum fizeram com que eu fosse para lá. A pandemia não foi um caso diferente do 11 de setembro ou de Timor. Ou seja, eu fui fazer fóruns monotemáticos, durante aquele período estávamos a falar da covid e portanto não se colocava a questão como normalmente se coloca de dia para dia mudar o tema e saltar de área para a área conforme a atualidade assim o determina. Portanto, no meu caso era diferente porque só temos um tema, assim sendo o que nós íamos fazer? Em função do dia a dia escolher o tema que se enquadra naquele que era o assunto prioritário ou primordial em função do que estava a acontecer. O princípio genérico de gestão do fórum é igual em qualquer circunstância porque o Manuel, o raciocínio que ele utiliza no dia a dia, também não anda muito longe deste. A diferença é que o Fórum em tempos normais, o leque de escolhas é total, ali não. A partir da Covid, o que temos hoje? A minha gestão foi feita estritamente nessa perspetiva. Há aqui outro dado também importante. Como nós estamos a lidar com uma coisa completamente nova, era impossível adivinhar ou perspetivar ou planear alguma coisa a prazo, com dois ou três dias, porque como lembramos naquela altura e no período do estado de emergência tudo mudava de dia para a dia. Todos os dias havia não sei o quê, com os lares de idosos, ou os números ou por coisas ditas pelos médicos, havia sempre alguma coisa inesperada que não é projetável. Aconteceu-me duas ou três vezes eu conseguir com a Fernanda planear previamente o que íamos fazer amanhã. Acontece quando há entrevistas que sabemos que vão ser importantes e aí pegamos nelas. Aconteceu isso quando estive cá o Mário Centeno, o Ministro das Finanças, que deu uma entrevista de manhã e a seguir entrámos logo no Fórum. Aconteceu duas ou três situações em que a escolha foi feita antecipadamente. Quanto ao resto era uma coisa muito difícil mesmo naquele período, eu falava com o Manuel que estava em casa e estávamos os dois ao telefone às 7h ali a tentar partir pedra em relação a algumas coisas porque é literalmente viver o inesperado. Eu já tinha tido este tipo de experiência em relação às duas situações anteriores porque também aí aconteceu a mesma coisa, de um dia para o outro aquilo era muito imprevisível, não sabíamos que desenvolvimento é que aquilo ia ter, já estava um bocado rotinado em jogar com o inesperado, de maneira que desse ponto de vista não foi muito complicado. agora complicado sim foi executar. Definir a estratégia foi fácil, executar é que foi mais complicado..

P: Mesmo estando o Manuel Acácio em casa estavam sempre em contato a trocar ideias?

R: Quando foi aplicado aquele plano de contingência de 15 dias ele estava em casa em teletrabalho e eu estava aqui mas nos falamos todos os dias, às 7h estávamos nós ao telefone. Ele também sentiu o problema de fora, mas também sentiu as dificuldades que se estavam a colocar naquela altura. Até para ele aquilo também era útil porque nos 15 dias seguintes era eu que ia para casa e ele voltava.

P: Reparei que já se sabia da Covid-19 desde janeiro mas a primeira vez que se falou do coronavírus no Fórum foi a 3 de março, quando aconteceu o primeiro caso em Portugal. Porque é que só nessa altura se decidiu fazer um Fórum sobre o assunto?

R: Faz sentido. Claro que já se falava desde janeiro, nós aqui na antena tínhamos falado milhares de vezes na Covid e sobretudo à medida que se foi aproximando foi ganhando outra dimensão, quando aquilo estava na China . Se isto é de facto o que eles dizem , ou seja, o novo coronavírus sobre o qual eles sabem muito pouco ou nada, isto ainda vai dar barraca, porque há maneiras de lidar com vírus. A questão é que há maneiras e maneiras de lidar com os coronavírus que tem diversas características, de repente aparece um que não se sabia nada. Portanto nós falamos disso e foi abundantemente isso, a partir do momento que chega à europa e acontece o que acontece em Itália em Espanha particularmente, quando os telejornais começam a invadir com aquelas imagens todas, nós não podíamos dizer isso as pessoas para não sermos irresponsáveis mas nós percebemos, olhamos para aquilo, se isto chega a Portugal...a dada altura quase se brincava, uma suspeita... ah não era...Nós tínhamos consciência que os próximos éramos nós, claro que tínhamos consciência disto. É evidente que enquanto não houvesse um caso em Portugal era prematuro e até precipitado estar a pegar naquele assunto e colocá-lo no Fórum. imagina o que é agora ires discutir um assunto que já tinha lançado o pânico em Itália e Espanha, mas que em Portugal não existe. Vais debater num fórum, concretamente, o quê? se, talvez...As pessoas iam pronunciar-se objetivamente sobre o quê? Uma coisa que elas não sabiam o que era sequer. Agora a partir do momento em que há o primeiro caso, aí já faz sentido, agora já não há fuga possível. A partir de hoje vamos ter de lidar com isso, nós todos, o país inteiro, portanto basicamente foi por isso.

P: Os temas internacionais não são muitas vezes debatidos no Fórum. Porque é que isso acontece?

R: Transferindo para os meus fóruns Covid, aconteceu exatamente a mesma coisa. Fiz um sobre a proposta que o Mário Centeno, que ainda era Presidente do Eurogrupo na altura, que ia fazer aos vários países no sentido do tal reforço de verbas, o tal investimento astronómico que era preciso na Europa para reconstruir no pós pandemia. E uma carta que ele escreveu ao Ministro das Finanças e dos Negócios Estrangeiros do Eurogrupo em que o texto era duro, quase a puxar as orelhas. Era Ministro das Finanças português, presidente do Eurogrupo, tomarem uma posição forte daquelas, eu pensei “vamos fazer um fórum sobre isto”. O que os portugueses pensam? Portanto foi fora da caixa, mas também havia uma ligação direta a Portugal. A proximidade é um dos princípios do jornalismo. Toda a gente faz o mesmo. Quando se está a escolher o tema do fórum, o que se pensa primeiro? Isto vai dar público ou isto é importante mesmo que não venha muito público?

P: Se tiver um tema importante, mas que acha que não vai ter tantos ouvintes, vai na mesma escolher esse caminho?

R: Eu gosto de correr riscos, portanto não me importo de fazer um fórum mesmo tendo a consciência que pode não arrastar muitos ouvintes. E durante esse período também o fiz, como já tinha feito no 11 de Setembro e Timor, porque achei que aquele tema em concreto era muito importante e que o Fórum não podia passar à frente daquilo, mesmo correndo o risco. e tinha essa consciência, de ter muito menos participantes do que era habitual. Mas por outro lado também com a convicção de que podia ter mais gente a ouvir do que se calhar noutros temas. Pode-se perder de um lado mas ganhar do outro ao mesmo tempo, acabamos por conseguir aqui um equilíbrio. Do ponto de vista de gestão de antena é que é mais complicado porque tens menos gente. Se tens menos gente também há soluções e várias vezes o fizemos. Se nesta perspetiva podemos ter menos ouvintes, vamos ter mais convidados, em vez de teres 4 ou 5 convidados tens 6 ou 7. Têm mais tempo para falar, tens mais gente mais habilitada para se pronunciar sobre determinadas matérias e resolve-se o problema. Também já tive surpresas, de alguns que pensava que não íamos ter muita gente e depois, vá se lá saber porquê, chovem ouvintes. Aconteceu uma vez com a Fernanda que até lhe disse que não estava nada à espera disso. Eu fazia aquilo que, olhando para o que está na mesa, me parecesse mais relevante para a sociedade, mesmo que fosse um tema não tão mainstream.

Mas sim, faria na mesma. Há riscos que acho que vale a pena correr, há outros que não e acho que esse é um deles. O Fórum hoje é uma instituição e as pessoas já perceberam há muito tempo que o Fórum não se rege por aquele critério um bocadinho básico de termos que ter não sei quantos ouvintes, porque se fosse por aí era muito fácil. Porque todos os dias arranjávamos temas que arrastavam multidões, mas grande parte deles podiam ser também completamente inúteis. A linha editorial da TSF não se rege por isso. É evidente que pagas uma fatura por isso, mas é a tua responsabilidade enquanto jornalista.

P: Alguma vez fez algum Fórum em que achou que o tema não era pertinente?

R: Não tive necessidade disso, felizmente porque havia sempre alguma coisa de estimulante, mas se tivesse que ser, era. Há temas que me entusiasma mais e outros menos, mas o Fórum é para tudo, portanto quem está ali sabe que vai ter de lidar com coisas que em alguns casos, do ponto de vista pessoal, não tem grande relevância mas lá fora tem.

P: O fórum é muito à base de notícias de desporto, sociedade e política. Mas não se costuma falar muito de cultura...Porque é que isso acontece?

R: A cultura tem sido tema quando há grandes assuntos. Agora mais recentemente, o caso dos apoios à cultura, nos profissionais e todo o staff que de repente ficaram sem nada. Um músico está em cima do palco, mais quatro ou cinco músicos, e a ideia que as pessoas têm é que o concerto é só aquelas pessoas, mas se calhar o concerto são para aí 40 ou 50 pessoas. Quando há grandes temas de cultura falamos sobre isso, mas agora tem sido menos, comparativamente menos. A política, a economia, a sociedade...desporto também mas nesta escala menos, mas mais que a cultura. Esta tem sido a linha orientadora do fórum desde o primeiro dia, não é de agora.

P: Há algum tema que acha que não deve ser discutido no fórum?

R: Se há temas que não devem ser discutidos no fórum...depende da maneira como olhamos para a questão em si. Em tese, todos os assuntos são discutíveis, agora eu acrescento a isso é uma outra coisa, outra vertente que é, em tese tudo é discutível, a questão que se coloca é se

faz sentido discutir. É essa a minha condicionante em relação a determinadas coisas, é uma questão que coloco sempre a mim próprio. "Ok, está aqui isto, posso discutir? Sim, mas faz sentido discutir isto?". O meu limite é puramente pessoal, é se faz ou não sentido escolher isto ou aquilo.

R: E quando é que acha que faz sentido discutir alguma coisa?

R: Quando nós estamos perante algo que é determinante para a sociedade e para nós todos. Portanto, por muito chato, desagradável que um assunto possa ser, se tem implicações diretas na vida das pessoas, acho que sim. Aliás, já discuti coisas que não gosto, mas se tiver de ser tem de ser.

P: Se tivesse de escolher, proximidade, importância, atualidade, interesse humano, novidade e relevância, quais é que são os critérios mais importantes para a escolha do tema do Fórum?

R: Colocas aí uma série de itens, todos eles têm peso de forma diferente em circunstâncias diferentes. Mas acima de tudo a atualidade, que acaba por prevalecer em relação aos outros. Mas a partir daí tudo o resto vai depender da perspetiva e depende do enquadramento e tudo isso é que vai definir o que é que é prioritário em relação ao resto. Há quem hierarquize as coisas com alguma facilidade, também já vi e vi que não são todos coincidentes. Depois também tem muito a ver com a linha editorial. A linha editorial da TSF é muito clara, como o Correio da Manhã, por exemplo, também é muito clara, são é completamente diferentes, mas ambas são muito claras e não critico as opções. Todas são legítimas, pessoalmente posso achar que para mim faz sentido uma coisa e não outra. A linha editorial da TSF é clara e definida desde sempre, não gera o menor equívoco, quem ouve a TSF percebe a linha editorial orientadora que a TSF tem.

P: Em relação ao critério da proximidade, até mesmo dentro do país isso acontece. Um tema sobre Lisboa ou Porto costuma ter mais impacto do que se for sobre outras cidades do país?

R: Depende, mas sim. As áreas metropolitanas de Lisboa e Porto são as que têm maior concentração, portanto, necessariamente, estamos a pegar em assuntos que interessam à maioria das pessoas. Agora, nós também podemos pegar em assuntos que interessam às minorias? Claro. Daí que por vezes acontece ir fazer um fórum e achar que de ouvintes não vai render muito porque temos consciência que aquele tema é para uma faixa específica de pessoas. Agora se o tema é importante e se é relevante para a sociedade, nós vamos falar disso, mesmo sabendo que aquilo diretamente diz respeito a uma faixa muito concreta da população. Agora os outros podem não perceber logo à primeira a relevância que aquilo tem para a sociedade toda, mas nós é que não podemos ignorar isso. Nós temos de tentar perceber que de facto aquilo é importante, não apenas para aquelas pessoas em concreto, mas que tem repercussão na sociedade toda e portanto vai ao fórum..

P: Há alturas em que se faz o mesmo tema dois ou três dias seguidos, como foi o caso da eutanásia. Acha que faz sentido abordar o mesmo assunto vários dias seguidos?

R: Faz, pode parecer estranho mas faz. Se aparece um facto novo no meio da discussão. A eutanasia por exemplo é um assunto que está muito longe de estar encerrado. Houve ali um pico de discussão, numa altura em que os projetos foram apresentados, mas é um assunto que vai muito longe de estar terminado e durante o período agudo de discussão como aconteceu naquela altura, de um dia para o outro podem surgir factos novos. Não vejo problema nenhum que no dia a seguir ou até mesmo três dias seguidos se discuta a mesma coisa, porque aparecendo dados novos, alteram a discussão. Dados novos que são dados relevantes que inclusivamente podem fazer uma pessoa que ontem tinha uma opinião agora perante estes novos factos possa mudar a opinião dela, por isso não vejo problema nenhum. Isso é engraçado porque isso encaixa na história do monotemático que falei há pouco. em que durante semanas a fio só tens um tema e tens de pegar por 500 ângulos diferentes, que foi como aconteceu agora com a Covid-19.

Anexo 6 - Entrevista a Fernanda Oliveira (8 de outubro de 2020)

P: Há quanto tempo está no Fórum TSF?

R: Já estou no Fórum TSF há 18 anos, mas nem sempre trabalhei com o Manuel Acácio. Trabalhei três anos com a Margarida Serra quando o Acácio foi chefe de redação.

P: Normalmente quando chega à redação, o Manuel Acácio já tem o tema escolhido?

R: Ainda não, demora sempre algum tempo, a não ser que seja programado, o que é raro. Acontece também ter dois ou três temas. Mas há coisas que são muito evidentes, como a atualidade. Quando ele tem dois, três ou quatro temas em mente, discutimos e falamos sobre isso para percebermos qual é o melhor para se levar ao debate nesse dia.

P: Quais são os critérios para a escolha do tema?

R: É sempre a atualidade, aquilo que interessa aos ouvintes, o que pode dar mais discussão, dar mais informação, até mesmo a nível de convidados.

P: Assim que o tema é escolhido, qual é o próximo passo?

R: O tema é escolhido, há um texto com as perguntas que são feitas e depois é pensar nos convidados. Já se tem uma ideia antes, quando o tema já está escolhido também por isso mesmo. Se escolhermos um tema com um leque pequeno de convidados e se tivermos poucos ouvintes isso acaba por condicionar o Fórum. Por isso, já temos a ideia, quando o tema é escolhido, de quem é que se pode convidar.

P: Acontece escolherem um tema, mas sabem que, possivelmente, não vão ter muitos ouvintes?

R: Às vezes há temas , como o de hoje, que pensamos que não ia haver muitos ouvintes porque era uma coisa muito específica, mas foi uma surpresa. Quando um tema é muito específico, temos muitos ouvintes novos, ou seja, ouvintes que habitualmente ouvem o fórum mas são daquela área específica e inscrevem-se para participar.

P: Normalmente, que temas chamam mais ouvintes?

R: Política, desporto...Agora a Covid. É muito o tema da saúde. A educação menos, tudo o que tem a ver com o sistema educativo.

P: E temas relacionados com a cultura?

R: Também. Só quando há uma coisa muito polémica e aí vêm ouvintes daquela área, isso sim. Mas cultura não costuma chamar muitos ouvintes.

P: Quando os temas se repetem, tentam variar nos convidados ou costumam ser os mesmos?

R: Tentamos sempre variar. Há a exceção de comentadores que são os nossos. Temos comentadores de política, comentadores de economia... Há vários comentadores de desporto e isso vai sempre variando. Mas são comentadores da TSF.

P: O Manuel Acácio costuma ter ajuda na escolha do tema?

R: A redação tenta muitas vezes ajudar, como se fosse um inquérito, perceber entre dois temas: o que as pessoas escolhiam? O que interessa mais? Ele ouve a redação e a sensibilidade das pessoas.

P: Como é que comunica com o Manuel Acácio quando ele está no estúdio?

R: Através do chat e às vezes por gestos. Às vezes as coisas estão a correr mal ou porque não estão a atender telefonemas ou porque o convidado não está a atender .

P: Como é feito o alinhamento dos convidados?

R: Normalmente fazemos o alinhamento e depois ajustamos conforme a disponibilidade dos convidados. Tentamos sempre enquadrar um comentador a abrir, para dar o panorama e abrir a discussão e depois vamos aos convidados mais dentro da área.

P: Por norma, quantos convidados participam no Fórum?

R: Há temas que temos tantos ouvintes inscritos logo no início que pensamos em ter 4 ou 5. Quando percebemos que não se estão a inscrever muitos ouvintes, temos 7 ou 8. Os partidos são 6. O mínimo serão 4 convidados, mas é raro acontecer, são sempre muitos mais.

P: Em relação aos ouvintes, há algum critério para escolher quais entram em direto?

R: Os ouvintes inscrevem-se, normalmente entram por ordem de inscrição. Agora claro que há ouvintes que se inscrevem todos os dias, nesse caso já sabemos quem são e só os colocamos se não houver mais ninguém.

Anexo 7 - Apresentação do tema do dia do Fórum TSF no site online

Fórum TSF: A despenalização da eutanásia e do suicídio assistido

[TSF Rádio Notícias](#) > [programa](#) > [forum-tsf](#) > [emissao](#) > [forum-tsf-a-despenalizacao...](#)



20 Feb 2020 ... Fórum TSF. Sem temas tabu nem verdades feitas, a TSF desafia os ouvintes a dizerem o que pensam. De segunda a sexta, entre as 09h00 e ...

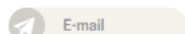
Anexo 8 - Exemplo das perguntas específicas do Fórum TSF

Os opositores da despenalização devem manter a luta pelo referendo? Com que expectativa aguarda a intervenção do Presidente? A larga maioria com que a eutanásia foi aprovada retira margem a um veto político?

Por TSF

21 Fevereiro, 2020 • 09:17

PARTILHAR



Anexo 9 - Diário de Bordo: Jornal de Desporto

20 de janeiro	<ul style="list-style-type: none">- Apresentação da redação da TSF;- Ida à conferência de imprensa do Sporting, onde o António Botelho me mostrou como se faz diretos e peças para o jornal de desporto;- Peça de rádio sobre a contratação do jogador Sporar
21 de janeiro	<ul style="list-style-type: none">- Entrevista telefónica a Pedro Couto, comentador de ténis;- Notícia sobre a entrevista a Jefferson.
22 de janeiro	<ul style="list-style-type: none">- Entrevista telefónica a Rui Guimarães sobre o jogo de futsal;

	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre as declarações de Manuel Reis em relação ao estado do Sporting; - Aprendi a fazer cortes de áudio na Team News
23 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Assisti ao Jornal de Desporto na antena; - Formação de <i>backoffice</i>; - Notícia sobre as declarações de Pedro Madeira Rodrigues
24 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre a opinião de Ricardo Chéu em relação a Sporar; - Notícia sobre a antevisão de José Peseiro para a final da Taça da Liga; - Pesquisa de conferências de imprensa do treinador do Manchester United à procura de declarações sobre o Bruno Fernandes; - Peça de rádio sobre a morte de um piloto no Rali Dakar;
27 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre as declarações de Guilherme Aguiar em relação ao desgaste emocional de Sérgio Conceição
28 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre os eventos desportivos que foram suspensos e/ou cancelados devido ao coronavírus; - Entrevista telefónica a Pedro Couto sobre o Open de Austrália; - Notícia sobre Abílio Fernandes e Assembleia-geral

	do Sporting;
29 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre António Pacheco e a resposta da Mesa da Assembleia-geral do Sporting
30 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Ida à conferência de imprensa de Bruno Lage no Seixal; - Notícia sobre o adiamento dos Mundiais de pista coberta na China; - Notícia sobre as declarações de Sousa Cintra em relação a Frederico Varandas
31 de janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre a entrevista que Bruno Fernandes fez no Manchester United; - Notícia sobre Dyego Sousa, o novo reforço do Benfica; - Atualização do <i>liveblog</i> do último dia do mercado de transferências
4 de fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre o protesto do Paços de Ferreira ao Santa Clara;
5 de fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre o impacto do coronavírus no Tóquio 2020 em conjunto com a entrevista feita ao Presidente do Comité Olímpico de Portugal; - Notícia sobre a parceria do Benfica com San Francisco Giants

6 de fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre Pedrinho e o que pode acrescentar ao Benfica; - Notícia sobre Tóquio de 2020 (Lusa); - Notícia sobre o término de carreira de Hugo Almeida (Lusa); - Notícia sobre Mathieu poder ser opção para o jogo com o Portimonense (Lusa);
7 de fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre a entrevista que Frederico Varandas deu ao Record;

Anexo 10 - Alguns trabalhos realizados na secção do desporto

A. Que “vença o melhor”. Jefferson de coração dividido na meia-final da Taça da Liga

Antigo defesa esquerdo dos leões e guerreiros do Minho acredita num jogo equilibrado entre as duas equipas.

O lateral brasileiro Jefferson, antigo jogador de Sporting e Sporting de Braga, torce por "um bom futebol e um bom espetáculo para os adeptos" no jogo da meia-final da Taça da Liga que, esta terça-feira, opõe os dois clubes.

Em entrevista à TSF, o jogador recorda o confronto da época passada, que levou o Sporting à final desta competição depois de vencer o Braga nas grandes penalidades. "O Sporting é um grande clube como o Braga mas vai ser um jogo diferente ao da época passada", acredita.

"O Braga está num momento crescente, com um novo treinador, e está a jogar bom futebol", ao contrário do clube de Alvalade que "está a passar por uma fase turbulenta", defende o ex-jogador de leões e bracarenses.

Jefferson espera que a derrota com o Benfica, na última sexta-feira, não desmotive os jogadores e torce para que a equipa consiga ultrapassar os maus resultados. "Não é normal, mas espero que passe o mais rápido possível porque o clube não merece passar por isso."

O defesa acredita que o Sporting pode vencer a competição pela terceira vez consecutiva, mas lança o aviso: jogar na pedreira nunca é tarefa fácil.

"Os clubes que passam por lá têm sempre dificuldade em ganhar e em fazer um bom jogo." Ainda assim, prevê um duelo muito equilibrado entre as duas equipas.

De coração dividido e depois de ter defendido ambos os emblemas, Jefferson deseja que "vença o melhor". Sporting e Sporting de Braga entram em campo às 19h45 desta terça-feira, numa partida que pode acompanhar em direto na antena da TSF e em tsf.pt.

Disponível em:
<https://www.tsf.pt/desporto/que-venca-o-melhor-jefferson-de-coracao-dividido-na-meia-final-da-taca-da-liga-11732292.html>

B. Liderança de Varandas e “decadência prolongada” preocupam ex-dirigente da SAD leonina

Manuel Reis teme que o clube não consiga terminar a época nem no terceiro lugar.

O universo leonino começa a ficar inquieto com os últimos resultados do clube. Manuel Reis, o antigo dirigente da SAD do Sporting, não ficou indiferente à derrota dos leões frente ao Sporting de Braga, esta terça-feira. "Vamos conseguir lugar para as competições europeias, mas não muito mais do que isso", acredita.

Em entrevista à TSF, Manuel Reis admite que "o que se passou no final do jogo com Sporting de Braga revela um desequilíbrio, uma instabilidade muito grande que tem por base a falta de experiência".

O sócio leonino admite estar preocupado com o cenário negativo do clube de Alvalade que já dura há algum tempo. "A liderança que temos hoje em dia não está a acrescentar nem a alterar princípios necessários para reverter esta decadência prolongada", acrescenta.

O antigo dirigente da SAD não esconde a falta de confiança nesta direção e no atual presidente do Sporting, Frederico Varandas, e acredita que é necessário "repensar o modelo" para voltarem a entrar no caminho certo.

Manuel Reis, sócio do Sporting há 45 anos, é ainda da opinião de que Silas é o menos culpado deste cenário desfavorável do Sporting.

Disponível em:

<https://www.tsf.pt/desporto/lideranca-de-varandas-e-decadencia-prolongada-preocupam-ex-dirigente-da-sad-leonina-11736330.html>

C. Frederico Varandas diz que “havia risco de falência” quando chegou ao Sporting

O dirigente leonino assume alguns erros na preparação da presente temporada, sobretudo no que diz respeito à transferência de Bruno Fernandes.

O presidente do Sporting falou sobre vários temas da atualidade do universo leonino, desde o rendimento da equipa de futebol ao mercado de transferências, sem esquecer também as finanças do clube e as remodelações da Academia de Alcochete, numa entrevista ao jornal Record.

O dirigente leonino assume alguns erros na preparação da presente temporada, sobretudo no que diz respeito à transferência de Bruno Fernandes, que já era suposto ter saído no verão.

Saída de Bruno Fernandes

"A venda de Bruno Fernandes era no verão. Preparámos assim a época. É um erro que assumo. Olhando para trás, hipotecou e condicionou muito a época de futebol deste ano", admite o dirigente.

Frederico Varandas tinha já a época planeada sem o capitão leonino e assume que "os últimos quatro dias desse mercado foram os piores da presidência", quando percebeu que não ia conseguir vender o jogador.

Bruno Fernandes deixou o Sporting apenas em janeiro, rumo ao Manchester United, por 55 milhões de euros, mais 25 milhões em objetivos.

Sobre os vários jogadores que foram abandonando o "barco", o presidente leonino admite que sempre "custou ver a relação difícil com os jogadores que saíam do Sporting". Com a saída de Bruno Fernandes, acredita que pode ser uma "mudança desse paradigma".

"Sai como deveriam ter saído todos os jogadores do Sporting. Com títulos, deixando dinheiro e gratidão pelo clube", acrescenta.

A venda de Bruno Fernandes foi a "peça chave" para reduzir e normalizar a dívida do clube, uma vez que "havia necessidades de tesouraria de 215 milhões de euros". Para combatê-la, era obrigatório "fazer 115 milhões líquidos em vendas nestes dois anos".

"Havia risco de falência"

Frederico Varandas revela que quando chegou ao Sporting "havia risco de falência". O clube acumulou milhões e, portanto, só existiam duas hipóteses: "Ou empurrava o problema com a barriga ou começava a pagar". A direção optou pela segunda escolha, que "demora tempo, trabalho e competência".

"O que eu quero é que nunca mais um presidente passe por aquilo que tivemos de passar", acrescenta.

Com uma dívida de 215 milhões de euros, o presidente leonino admite que muitos dos problemas e erros cometidos foram condicionados pela situação financeira.

"Os sportinguistas que entendam isto: eu precisei de fazer 115 milhões em vendas só para sobreviver!", revela o dirigente.

Com a venda de Bruno Fernandes, agora há a "possibilidade de crescer de uma forma sustentada, séria e preparados para o futuro".

Preparação para a próxima época

Conicionados pela situação financeira, Frederico Varandas deixa claro que o mercado de verão não vai ser de muitas movimentações. "Gastámos 12 milhões no inverno e 13 no verão. Tivemos de preencher várias lacunas", revelou o presidente do Sporting. Ainda assim, uma das opções é apostar na formação e no regresso de alguns dos jogadores emprestados.

Em relação à renovação de Acunã, é uma questão que está a ser analisada, até porque é um jogador que "tem valor no mercado" e pode existir boas propostas. Já quanto ao regresso de Adrien ao plantel leonino, Varandas não descarta a hipótese.

"O Sporting está sempre aberto às boas oportunidades, mas não posso estar aqui a comprometer-me. Vai depender muito do que for o mercado", afirma.

Palhinha, o médio que foi emprestado ao Sporting de Braga, também vai regressar ao Sporting já na próxima época.

O guarda-redes Robin Olsen, emprestado pela Roma ao Clagari, tem sido observado pelo Sporting e Varandas não descarta a hipótese de o guardião vir reforçar a equipa na próxima temporada: "É um jogador que conhecemos, um bom jogador. É o que posso dizer".

O presidente leonino garante que vai apostar nos jogadores da formação que são "o futuro do Sporting".

"Hoje temos um Tiago Tomás, Joelson, Bruno Tavares, Eduardo Quaresma, Nuno Mendes, Matheus Nunes...", remata Varandas.

O futuro de Silas é também um ponto de interrogação, mas o presidente não dá como certa a saída do treinador em junho. "Está a dar como adquirido que Silas não ficará. A época de futebol falhou, mas há coisas a ganhar".

O futuro do Sporting

O plano estratégico do mandato de Frederico Varandas era o "Sporting voltar a ser um candidato crónico à Champions League e estar nos primeiros lugares da Liga".

No entanto, depois de "uma primeira volta má" e com 15 jornadas - 45 pontos - pela frente, o objetivo para esta segunda metade da temporada é "fazer uma boa digressão na Liga Europa e andar com os olhos no segundo lugar da I Liga".

Os investimentos na Academia são também um dos objetivos a longo prazo, até porque "o Sporting não pode perder mais miúdos".

Dos 12 milhões de euros destinados às mudanças na Academia até 2022, vão ser gastos "cerca de 4 milhões" até ao fim do ano.

"Investimos muito na Academia, nos recursos humanos. Em recrutamento, rede de transportes, polo universitário...Já mudámos dois campos relvados e um sintético", revela Frederico Varandas.

O presidente dos leões admite que, em 16 meses, as mudanças foram muitas, mas ainda "não dá para as pessoas gritarem golo. Não dá três pontos. Mas dá o futuro do Sporting".

Sobre uma eventual recandidatura à presidência do clube, Frederico Varandas garante que não está preocupado. "Se estivesse preocupado com isso, não faria o que estou a fazer. Ou então sou louco", remata o dirigente.

Disponível em:

<https://www.tsf.pt/desporto/frederico-varandas-diz-que-havia-risco-de-falencia-quando-chegu-u-ao-sporting-11796114.html>

Anexo 11 - Reportagem sobre a Fotografia Triunfo

É no meio da correria e do som do elétrico a passar que Adriano Filipe conta a história que está por trás do número 69 da Rua do Poço dos Negros. O atual proprietário da Fotografia Triunfo começou a trabalhar com apenas 12 anos e ainda hoje mantém vivo o estúdio que viu crescer várias famílias. De miúdos a graúdos e de clientes a amigos, são poucos os que por lá passaram e não se deixaram encantar pela simpatia de Adriano Filipe.

Tudo começou em 1952, quando Américo Tomás da Silva decidiu abrir um pequeno estúdio de fotografia em Lisboa. No início, a mãe de Adriano Filipe estava encarregue das limpezas e foi assim, neste espaço, que o caminho entre os dois se cruzou.

Dez anos depois da abertura da loja, Américo Tomás da Silva andava à procura de um ajudante. Na altura, o "pequenito" Adriano, com 12 anos, ainda não chegava ao balcão, mas isso não o impediu de se chegar à frente e dizer: "se quiser eu posso vir para cá e fazer o que for preciso". E assim foi, até aos dias de hoje.

Não era um negócio de família, mas não estava muito longe disso. O atual proprietário admite que "devido à ligação que havia, muita gente confundiu o patrão com o pai". Foi ele que o incentivou a estudar à noite e seguir o curso de Química que, mais tarde, o ajudou a tornar-se no fotógrafo que é hoje.

"O meu patrão não sabia nada de química...Quando começámos a trabalhar a cores, para ele isto era uma loucura. Embora fosse um bom artista, não tinha conhecimentos de certos pormenores que a fotografia exigia", acrescenta.

Da censura à liberdade

Nem tudo foi um mar de rosas e Adriano Filipe não se esquece dos tempos difíceis do Estado Novo. Alguns dos clientes e vizinhos pertenciam à PIDE e todos os dias havia "o medo de as paredes ouvirem".

"O meu patrão trazia livros de casa como a 'Relíquia' ou 'O crime do Padre Amaro' mas dizia-me para eu os esconder se aparecesse alguém porque eram proibidos", recorda.

A censura da época também se fez sentir no mundo da fotografia, que foi ficando cada vez mais sem cor. Os fotógrafos em Portugal viviam "entre a espada e a parede" porque "não podiam dizer que não eram do regime". Não existiam fotografias contestatárias e a divulgação era escassa.

Foi em 1974 que tudo mudou e as ruas voltaram a ganhar vida. "Depois do 25 de abril houve esperança, liberdade, houve mais união entre as pessoas", relembra Adriano Filipe que, agora, já "não tem medo" de dizer o que pensa.

Os tempos foram mudando e as pessoas também. A quietude deu lugar à azáfama. Já nada é como era antigamente, quando os clientes tinham "mais tempo, iam ao fotógrafo e até se arranjavam e maquilhavam".

O proprietário admite que gostava que lhe "dessem oportunidade de fazer algo mais trabalhado", mas agora as pessoas "vêm sempre a correr".

Por lá, já passaram várias caras conhecidas. Entre as quais, a poetisa Natália Correia, o ator Henrique Viana, o cantor Artur Garcia, o professor Freitas do Amaral e até mesmo o atual primeiro-ministro António Costa.

O "livro dos elogios"

São muitos os que atravessam fronteiras e vão ao encontro deste pequeno espaço. Aqui, não há barreiras linguísticas. Prova disso é a quantidade de estrangeiros que por lá passaram e não foram embora sem antes escreverem no "livro de elogios" do fotógrafo.

O caderno só existe desde o início de 2020, mas já lá estão mais de 90 testemunhos. Quem o estreou foi um cliente da Coreia do Sul, mas há mensagens de todos os cantos do mundo.

"É um paraíso para os fotógrafos" e "este lugar está reservado aos poucos que ainda conservam o espírito" são algumas das frases que preenchem as páginas deste livro.

Memórias que permanecem

O estabelecimento, creditado pelo projeto "Lojas com História", está aberto há mais de 60 anos e muitas são as fotografias que enfeitam este espaço. Algumas mais antigas, outras mais recentes. No entanto, há uma que deixa o proprietário cheio de orgulho. Trata-se de um menino, deitado e com cara séria, que começa a urinar no momento da fotografia. Adriano Filipe lembra-se bem do dia em que o patrão lhe disse: "fizeste uma coisa que eu nunca consegui fazer em tantos anos de fotógrafo".

Nascido e criado na Bica, o proprietário admite que uma das grandes paixões era fotografar as marchas populares de Lisboa. Era nestas alturas que saía do estúdio e, ainda no tempo do preto e branco, acompanhava os desfiles que davam cor à Avenida da Liberdade.

"A marcha na Avenida é uma loucura, toda aquela movimentação entra nas pessoas e quem gosta, gosta", sublinha. Adriano Filipe gostou tanto que, passado todo este tempo, continua a "triumfar" nesta loja que viu a cidade de Lisboa crescer.

Anexo 12 - Diário de Bordo: Online

24 de fevereiro	<ul style="list-style-type: none">- Notícia sobre a segunda fase da TDT (Lusa);- Notícia sobre o novo presidente do Togo (Lusa);- Notícia sobre o prazo para validar faturas;- Notícia sobre a liderança de Filipe Albuquerque;- Notícia sobre o novo sistema da Câmara de Lisboa
------------------------	---

<p>25 de fevereiro</p>	<p>Feriado de Carnaval</p>
<p>26 de fevereiro</p>	<p>Atualização do <i>liveblog</i> do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Número de mortes por coronavírus no Irão; - O vírus está a afetar a economia europeia; - Há mais novos casos fora da China do que dentro do país; - Liga de Clubes reúne-se com DGS na quinta-feira; - Ministra da Saúde assegura que há planos de contingência; - Segundo caso confirmado no Líbano; - Reino Unido confirmou 13 casos em 7132 pessoas testadas; - Governo brasileiro vai estudar comportamento do vírus num clima tropical; - Primeiros casos de coronavírus confirmados no Paquistão.
<p>27 de fevereiro</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre o lançamento do livro sobre doenças raras; - Notícia sobre o Governo catalão (Lusa); - Notícia sobre opinião de Jerónimo de Sousa sobre o aeroporto no Montijo (Lusa)
<p>28 de fevereiro</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre isolamento do jogador Son (Lusa); - Notícia sobre as declarações de um dos arguidos do ataque a Alcochete (Lusa); - Notícia sobre o reforço de patrulhas na Grécia <p>Atualização do <i>liveblog</i> do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Son isolado do plantel do Tottenham quando chegar de Seul; - Morre passageiro britânico no Diamond Princess;

	<ul style="list-style-type: none"> - Madeira aumenta chamadas para o número de urgência.
2 de março	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre o encontro entre o Presidente da Turquia e da Rússia (Lusa); - Notícia sobre o <i>ranking</i> de Dominic Thiem (Lusa); - Notícia sobre os ativistas pelos direitos dos animais no Parlamento (Lusa); - Notícia sobre o pedido de desculpas de seita cristã pelo número de casos de coronavírus (Lusa); - Notícia sobre a prova automóvel que regressa a Batalha; - Notícia sobre a lesão do Sefevoric; - Notícia sobre os jogos à porta fechada (Lusa); - Transcrição da entrevista a Khoeler; <p style="text-align: center;">Atualização do <i>liveblog</i> do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ONU fecha em Genebra e Conselho dos Direitos Humanos cancela eventos; - OMS envia assistência médica para o Irão; - Portos e aeroportos dos Açores com planos de contingência; - Líder da seita cristã pede desculpa; - Clubes lusos com jogos à porta fechada;
3 de março	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre os custos dos diabetes (Lusa); - Notícia sobre a morte de James Lipton; - Notícia sobre a entrevista a Sousa Cintra; - Transcrição do áudio de Rui Gomes da Silva;

<p>4 de março</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre bombardeio no Afeganistão (Lusa); - Notícia sobre a proibição da exportação de máscaras na Alemanha (Lusa); - Notícia sobre a Hungria querer os refugiados detidos na Macedónia e Sérvia (Lusa); - Notícia sobre o acesso gratuito à cultura a jovens com 18 anos (Lusa); - Notícia sobre a ajuda humanitária da UE à Síria (Lusa); - Notícia sobre as florestas que estão a perder capacidade de absorver dióxido de carbono (Lusa);
<p>5 de março</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre Moda Lisboa (Lusa); - Notícia sobre a investigação dos crimes de guerra no Afeganistão (Lusa); - Notícia sobre o recorde de Luka Donic no NBA (Lusa); - Notícia sobre a Depressão Norberto (Lusa); - Notícia sobre o jogo político da Turquia (Lusa); <p style="text-align: center;">Atualização do <i>liveblog</i> do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ordem dos Enfermeiros disponível para reforçar linhas de apoio; - Ordem dos Médicos pede a abolição do registo por impressão digital; - Brasil confirma quatro casos de coronavírus; - Os equipamentos para lutar contra a Covid-19; - Jogos de qualificação para o Mundial 2020 adiados na Ásia;
	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre os conflitos na fronteira turco-grega (Lusa); - Notícia sobre a quinta vítima mortal em Espanha (Lusa);

<p>6 de março</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre declarações de Erdogan sobre as fronteiras abertas (Lusa); - Notícia sobre os combates na Síria (Lusa); - Notícia sobre o plano de 8 mil milhões de Donald Trump (Lusa); - Notícia sobre o castigo a Gelson Martins; <p style="text-align: center;">Atualização do <i>liveblog</i> do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nono caso de coronavírus no Brasil; - Donald Trump assina plano de emergência;
<p>9 de março</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre atentado no Sudão (Lusa); - Notícia sobre Portugal aceitar receber crianças migrantes (Lusa); - Notícia sobre o filme de Salgueiro Maia; - Notícia sobre a crise política no Afeganistão (Lusa); - Notícia sobre o pagamento da baixa de assistência à família (Lusa); - Notícia sobre os turistas portugueses no Egipto (Lusa); <p style="text-align: center;">Atualização do <i>liveblog</i> do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Turistas portugueses retidos no Egipto sem casos detetados; - Escolas do secundário ponderam cancelamento de viagens de Erasmus; - Baixa por assistência à família paga a 100%
<p>10 de março</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre todas as instituições de Ensino Superior com aulas e atividades suspensas

<p style="text-align: center;">11 de março</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre DJ infetado no Porto - Notícia sobre a contratação do Pedrinho para o Benfica (Lusa); - Notícia sobre a viagem de finalistas a Espanha (Lusa); <p style="text-align: center;">Atualização do liveblog do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Centro de formação de Faro encerrado após detecção de caso suspeito; - Mais de 10 contentores instalados no Hospital de São João; - Vice-Presidente e dois ministros do Irão infetados; - Banco de Sangue do Hospital de São João corre risco de rutura; - CCB cancela espetáculos e Galeria Zé dos Bois encerra; - Áustria e Suíça condicionam passagem na fronteira com a Itália; - Deco pede intervenção do Governo para travar viagem de finalistas; - Lufhtansa suspende voos; - Honduras confirma dois primeiros casos; - Politécnico de Viseu suspende aulas; - DJ infetado. Linhas de apoio não funcionam.
	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre a suspensão de consultas externas no Hospital de São João (Lusa); - Notícia sobre Jair Bolsonaro em vigilância depois do secretário testar positivo para a Covid-19 (Lusa); - Notícia sobre as praias de Cascais que ativam nadadores-salvadores (Lusa); - Notícia sobre a regularização da Linha de Saúde 24 (Lusa);

<p>12 de março</p>	<p style="text-align: center;">Atualização do <i>liveblog</i> do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hospital de São João no Porto suspende consultas externas; - Jair Bolsonaro em vigilância médica após secretário testar positivo para Covid-19; - Com cinco casos confirmados, Portimão lança campanha de sensibilização; - CP reforça higiene e facilita reembolsos; - Cascais admite interditar praias; - Santo Tirso fecha espaços desportivos e culturais por tempo indeterminado; - Assembleia da República suspende visitas e adia todos os eventos; - Torres Vedras encerra equipamentos e cancela atividades até 14 de abril; - Visita de Marcelo à Madeira a 27 de março deve ser adiada; - Madeira suspende atracagem de navios de cruzeiro.
<p>13 de março</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Notícia sobre as mensagens da proteção civil sobre o novo coronavírus (Lusa); - Notícia sobre as escolas passarem a ter apenas uma equipa para assegurar serviços (Lusa); - Notícia sobre o apelo de Cristiano Ronaldo; - Notícia sobre o Hospital Santa Maria, que abre a primeira enfermaria do país exclusiva para doentes da pandemia; - Notícia sobre o Idai passado um ano; - Notícia sobre a segunda pessoa com alta hospitalar em Portugal (Lusa);

	<p style="text-align: center;">Atualização do <i>liveblog</i> do coronavírus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Segunda pessoa com alta hospitalar; - O apelo de Ronaldo enquanto pai; - Santa Maria abre a primeira enfermagem do país exclusiva para doentes da pandemia; - Estado norte-americano de Ohio estima ter mais de 100 mil infectados; - Alemanha também adia jogos de futebol; - Plataforma de apoio aos refugiados pede ao governo que colabore na evacuação dos campos; - Proteção civil pode enviar SMS à população; - Irão condena Forças Armadas a esvaziar ruas e lojas; - Mosteiro dos Jerónimos, Museu da Arqueologia e Torre de Belém encerrados; - Bulgária declara estado de emergência durante um mês; - Escolas passam a ter apenas uma equipa para assegurar serviços; - França passa a proibir eventos com mais de 100 pessoas; - República da China encerra fronteiras a partir de segunda-feira.
--	--

Anexo 13 - Alguns trabalhos realizados na TSE Online

A. Estudos que valem milhares de milhões. Livro lança reflexão sobre doenças raras

O desconhecimento sobre as doenças raras motivou a P-BIO a desenvolver um livro único e com "utilidade para todos".

A Associação Portuguesa de Empresas de Bioindústria (P-BIO) apresenta, esta quinta-feira, no auditório Infarmed, o "Livro Branco das Doenças Raras e dos Medicamentos Órfãos em Portugal". Joaquim Marques, coordenador do grupo de trabalho que desenvolveu a obra, explica que o livro permite a reflexão sobre os novos caminhos, desafios e oportunidades para o futuro no que diz respeito a estas matérias.

O desconhecimento sobre as doenças raras e os medicamentos destinados ao tratamento das mesmas em Portugal levou à criação deste documento. Em entrevista à TSF, o farmacêutico diz que este é um livro que "tem utilidade para todos".

Joaquim Marques admite que há muito trabalho pela frente e ainda há muito por descobrir sobre as doenças raras. No entanto, o elevado custo das investigações dificulta todo o processo. "Quando se começa a investigar uma molécula nova ou um processo novo, tem-se, à partida, um custo expectável de dois ou três mil milhões de euros" e nunca há a garantia de se obter resultados positivos.

A obra conta com a participação de quinze especialistas e tem sete capítulos, um deles dedicado aos medicamentos dirigidos para o tratamento de doenças raras. A epidemiologia das doenças raras, os testes genéticos na prática clínica, a investigação e os centros de referência são temas que também vão ser abordados ao longo do livro.

A P-BIO é uma associação que reúne várias empresas ligadas ao setor da Biotecnologia e Lifescience (ciências da vida) e tem vários grupos de trabalho dedicados a diversas áreas.

A apresentação do livro acontece esta quinta-feira, às 15h00, no auditório do Infarmed, em Lisboa, mas também pode ser descarregado gratuitamente através do *site* da [P-BIO](#).

Disponível em:

<https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/estudos-que-valem-milhares-de-milhoes-livro-lanca-reflexao-sobre-doencas-raras-11863792.html>

B. "Varandas tem de saber o que fazer." Sousa Cintra e a troca de treinador em Alvalade

O antigo presidente do Sporting lamenta a instabilidade no clube e espera que os leões encontrem "o caminho das vitórias e do sucesso".

Rúben Amorim, atual treinador do Braga, deve assinar nos próximos dias pelo Sporting, logo que seja oficializada a saída de Jorge Silas. Na TSF, Sousa Cintra comentou a mudança no comando técnico dos leões.

O antigo presidente lamenta o período instável dos leões e pede a Frederico Varandas, atual líder leonino, para "preparar o futuro". "Frederico Varandas é o presidente do clube, portanto tem de saber o que fazer", considera Cintra, em declarações à TSF.

O mais importante na escolha de um treinador é, segundo o antigo presidente, a experiência e a maturidade, alguém "com grande conhecimento do futebol a nível nacional e internacional" e com espírito vencedor. Ainda assim, admite que cada caso é um caso e podem sempre existir exceções, como aconteceu com o percurso de José Mourinho, que, "quando começou, não tinha provas dadas e teve sucesso". "É tudo uma questão de competência e de sorte", acrescenta.

Com o clube a viver tempos difíceis, o único pedido de Sousa Cintra é que se encontre "um caminho de vitórias e de sucesso" e que se deixem as "intrigas" que não beneficiam ninguém. "Quero desejar o maior sucesso a Silas e ao presidente e que as coisas corram o melhor possível, porque é isso que interessa."

O antigo presidente do Sporting lamenta ainda o facto de o clube estar sempre a ser notícia por "razões que não interessam".

Em relação ao encontro em Famalicão já esta terça-feira (20h00), o ex-dirigente reforça que é um jogo importante e uma vitória pode "dar alguma esperança" aos sportinguistas.

A partida que encerra a 23.^a jornada da I Liga pode ser acompanhada em direto na TSF e em tsf.pt.

Disponível em:

<https://www.tsf.pt/desporto/varandas-tem-de-saber-o-que-fazer-sousa-cintra-e-a-troca-de-treidor-em-alvalade-11881786.html>

C. "É importante que todos sigam as recomendações da OMS." O apelo de Ronaldo como "pai"

O jogador português apelou a todos para seguirem os conselhos da Organização Mundial da Saúde.

Cristiano Ronaldo deixou uma mensagem nas redes sociais, esta sexta-feira, sobre o surto do novo coronavírus e pediu a todos para seguirem os conselhos da Organização Mundial da Saúde (OMS).

"O mundo está a passar por um momento difícil que merece atenção e cuidado de todos nós", começou por dizer o jogador português. "Falo-vos hoje não como jogador de futebol, mas como filho, pai, um ser humano preocupado com os últimos desenvolvimentos que estão a afetar todo o mundo", pode ler-se na mensagem de Cristiano Ronaldo, no Instagram.

O jogador, que defende as cores da Juventus, em Itália, mostrou-se preocupado e reforçou a importância de todos seguirem "os conselhos da Organização Mundial da Saúde e dos governos sobre como agir nesta situação."

"Proteger a vida humana deve estar acima de quaisquer outros interesses", acrescentou o avançado.

A Juventus anunciou na quarta-feira que Cristiano Ronaldo, que viajou para a Madeira para visitar a mãe no hospital, ia permanecer na região à espera de novidades sobre a situação em torno da Covid-19. Horas mais tarde, o clube de Turim revelou que o italiano Daniele Rugani estava infetado com o novo coronavírus.

A Liga italiana está suspensa desde segunda-feira, uma medida que se juntou ao leque de restrições aos movimentos em Itália, que é o segundo país mais afetado pelo Covid-19, com um registo de 1.266 mortes e 17.660 infetados.

Disponível em:

<https://www.tsf.pt/desporto/e-importante-que-todos-sigam-as-recomendacoes-da-oms-o-apelo-de-ronaldo-como-pai-11927304.html>

Anexo 14 - Diário de Bordo: Antena

Turno da Manhã 1

28 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre a nova estratégia para a prevenção de incêndios; - Gravação da peça;
29 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre os testes rápidos à Covid-19; - Peça de rádio sobre o Dia Mundial da Consciencialização sobre o desperdício alimentar; - Gravação das peças;
30 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Noticiário com peças sobre: Desabamento do teto no metro; Jogos da seleção com presença do público; Debate entre Joe Biden e Donald Trump; - Gravação do noticiário;
1 de outubro	<ul style="list-style-type: none"> - Noticiário com peças sobre: Depressão Alex; Referendo da Eutanásia; Sorteio Liga dos Campeões; Ranking de competitividade digital; Envenenamento do líder da oposição russa; Filme do “Ano da Morte de Ricardo Reis”;
2 de outubro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre o festival Santa Casa Alfama; - Gravação da peça; - Gravação do noticiário do dia anterior;

Turno da Manhã 2

14 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa sobre as novas matrículas dos carros e as multas; - Peça de rádio sobre as novas matrículas
15 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Contacto com o IMT e PSP para pedir informações relativamente às novas matrículas; - Gravação da peça de rádio sobre as novas matrículas; - Peça de rádio sobre a Fotografia Triunfo;
16 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Revista de imprensa; - Gravação da revista de imprensa;

17 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre a Ordem dos Médicos; - Gravação da peça sobre a Fotografia Triunfo; - Gravação da peça sobre a Ordem dos Médicos;
18 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre a segunda vaga da Covid-19; - Contacto telefónico a José Coutinho, diretor técnico da FPG sobre a suspensão do Open de Portugal; - Três peças de rádio sobre a suspensão do Open de Portugal: uma quando foi suspenso, outra antes de recomeçar e outra quando recomeçou.
21 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça sobre o IPO; - Gravação da peça sobre o IPO; - Peça sobre o regresso dos adeptos ao estádio;
22 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Noticiário com três peças: Plano de outono/inverno da DGS; Caçadores com multa de 700 euros; Reitor de Lisboa proíbe praxe;
23 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Continuação do noticiário do dia anterior com duas novas peças: A carta aberta de Alexandre Poço; O abate dos animais nos canis;
24 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre a decisão judicial de Breonna Taylor; - Gravação e edição do noticiário;
25 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre a mobilização climática global; - Peça de rádio sobre a falta de transporte escolar;

Turno da Tarde

	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre o Prémio Nobel da Física;
--	---

6 de outubro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre José Fonte ter testado positivo para a Covid-19; - Gravação das peças;
7 de outubro	<ul style="list-style-type: none"> - Peça de rádio sobre o jogo entre Portugal e Espanha; - Síntese de notícias;
8 de outubro	<ul style="list-style-type: none"> - Gravação da síntese; - Peça de rádio sobre o programa América 2000; - Gravação da peça;
9 de outubro	<ul style="list-style-type: none"> - Noticiário com peças sobre: Número de casos diário em Portugal; O alerta de Marcelo Rebelo de Sousa sobre o momento atual que estamos a viver; Prémio Nobel da Paz; Declarado estado de emergência em Madrid;

Anexo 15 - Alguns trabalhos realizados na Antena

A. Peça sobre as novas matrículas

Lisboa, Porto e Setúbal são os distritos
que registaram um maior número de multas
nos últimos meses

As novas chapas só são obrigatórias
Para as matrículas atribuídas a partir de 2 de março
Mas a aquisição das placas mais recentes
Pode ser feita por quem quiser

Foram atribuídas matrículas
A mais de 105 mil automóveis
Mas nem todas cumprem os requisitos legais

No novo modelo,
A disposição dos números e letras deve ser centrada vertical e horizontalmente
O espaçamento deve ser de 2 centímetros entre grupos
e de 1 entre os caracteres

Quem apresenta uma matrícula fora da norma
Está sujeito a uma contraordenação punível
Com coima entre os 120 e os 600 euros
E chumba na inspeção periódica da viatura

O incumprimento do tamanho dos números e letras
E o espaço entre eles
É a contraordenação mais comum.

A PSP já multou mais de 2000 condutores
E Lisboa, Porto e Setúbal são os distritos
que registaram um maior número de multas
nos últimos meses

B. Revista de Imprensa

A mudança de horários em Lisboa e no Porto
É destaque na manchete do Jornal de Lisboa.

As novas regras vão atingir mais de 600 mil trabalhadores
E surgem como medida para
limitar a concentração de pessoas em transportes públicos.

O Governo quer também turnos desfasados
Nos locais com mais de 50 trabalhadores.

Na manchete principal, o Público
escreve que só dois mil 445 alunos
alteraram a candidatura ao ensino superior.
O aumento de vagas, decidido pelo governo,
mexeu nas regras de acesso
E permitiu a 120 alunos,
Que não se apresentaram na primeira fase,
A entrarem no concurso.
As colocações são conhecidas já no final da próxima semana.

O Público acrescenta ainda
que António Ramalho defendeu ontem no Parlamento
A gestão do Novo Banco
em nome da ética e da consciência.

O Jornal de Negócios conta que os
Bancos estão sob pressão para socorrerem Fundo de Resolução
E que está a ser trabalhada uma solução de financiamento
perante a recusa da esquerda em aprovar o Orçamento do Estado
Com mais dinheiro para o Novo Banco.

A edição digital do Diário de Notícias
anuncia que Portugal liberta nove dos migrantes marroquinos

detidos em Junho

e que tinham ordem de expulsão.

Os jovens migrantes

estiveram 93 dias retidos

no Centro de Instalação Temporária de Faro

Mas acabaram por ser libertados no domingo

por se ter esgotado o prazo para a execução da ordem judicial.

Um dos temas fortes do jornal I

é o fogo de Proença-A-Nova,

que consumiu cerca de 16 mil hectares em dois dias

e é um dos maiores do ano da Europa.

Em destaque no Jornal I

está também o plano de Costa Silva

sobre como será o Portugal de 2030.

O Jornal de Negócios

revela que o Governo já tem a teoria para mudar o país,

agora só falta é pô-la em prática.

O Correio da Manhã

chama a atenção da Operação Lex.

A procuradora Maria José Morgado arresta bens de

Rui Rangel e Fátima Galante

Imóveis, carros e saldo de contas bancárias

tituladas pelos magistrados e outros arguidos foram apreendidos.

Para garantir indemnização de um milhão de euros

A derrota do Benfica por 2-1 frente ao PAOK

é também assunto principal nos jornais desportivos.

Tragédia a triplicar,

escreve o jornal o Jogo.

Águia sem desculpa, escreve A Bola

Enquanto que o Record lembra em manchete

Que o Benfica cai na Champions

Com golo de Zivkovic,

Jogador que tinha sido dispensado

E que agora custa às águias 40 milhões de euros.

Milhões a voar em tragédia grega,

acrescenta ainda o Correio da Manhã.

O treinador dos encarnados

falha exame europeu em duelo com Abel Ferreira,

é caso para dizer “Ai Jesus”,

como exclama o Jornal de Notícias.

Águia sem fôlego para entrar na roda dos milhões
depois de Zivkovic fazer história com a lei do ex.

Varandas promete renovação a Palhinha, conta ainda o Record.

A partir de agora, o jogador tem aumento garantido

E só deixará Alvala caso surja uma oferta irrecusável.

C. Noticiário

Um desabamento na linha azul do metro de Lisboa
causou pânico ontem ao início da tarde.

O teto caiu em cima das carruagens que estavam a circular
no túnel da Praça de Espanha.

Estavam cerca de trezentas pessoas dentro do metro e quatro delas ficaram feridas.

Já foi aberto um inquérito para apurar as causas do acidente.

A Câmara de Lisboa assumiu,

no Twitter,

que o desabamento se deveu a um erro técnico

nas obras de requalificação na Praça de Espanha.

Os trabalhadores estavam a demolir

parte de uma estrutura de betão armado

e acabaram por furar a galeria.

A circulação vai estar interrompida

nos próximos dias

na paragem da Praça de Espanha e São Sebastião.

Os jogos da seleção nacional

voltam a ter público nas bancadas,

anunciou ontem a Federação Portuguesa de Futebol.

No encontro particular entre Portugal e Espanha,

a 7 de outubro,

está autorizada a presença de até 5 por cento da lotação,

o que equivale a 2500 espetadores.

Já no jogo a contar para a Liga das Nações

no dia 14 de outubro

entre Portugal e Suécia,

podem estar no máximo 5000 adeptos nas bancadas.

Ambas as partidas vão ser realizadas no estádio de Alvalade.

A Direção geral da Saúde

vai analisar os dois jogos

com vista a uma eventual autorização da presença de público

nos jogos de futebol em Portugal continental.

O primeiro teste com público em Portugal

acontece já no próximo sábado nos Açores,

no encontro entre o Santa Clara e o Gil vicente.

Donald Trump e Joe Biden frente a frente naquele que pode ter sido

o pior debate presidencial da história dos Estados Unidos da América.

Caótico e pouco esclarecedor. O primeiro debate entre os candidatos à presidência, Cristina Lai Men, foi marcado por insultos e acusações.

Um debate quente que marcou o primeiro encontro entre os candidatos à presidência dos Estados Unidos mas que deixou os cidadão norte-americanos confusos, devido às constantes interrupções.

O segundo debate entre Donald Trump e Joe Biden está marcado para dia 15 de outubro.

O Sindicato dos oficiais de justiça

inicia hoje uma greve

que se prolonga até sexta feira.

O motivo...

é o não cumprimento da lei

que previa um novo estatuto profissional até fim de julho.

O sindicato ...

acusa o governo de não cumprir com as obrigações legais.

A greve é a resposta dos oficiais de justiça

que dizem sentir-se indignados com a atitude do ministério da justiça.

D. Peça sobre debate entre Joe Biden e Donald Trump

Donald Trump diz que não vai marcar presença

no segundo debate com Joe Biden,

depois da comissão presidencial

ter decidido que ia ser em formato virtual.

O presidente norte americano

diz que não está para perder tempo

e acusa a comissão de estar a proteger Biden.

Em declarações à TSF, Tiago Moreira de Sá,

investigador do instituto português de relações internacionais,

considera que a recusa em participar no debate vai prejudicar o presidente norte americano.

Áudio de Tiago Moreira de Sá

Tiago Moreira de Sá

diz ainda que, desde agosto,

a fase eleitoral já passou por três momentos diferentes.

Áudio de Tiago Moreira de Sá

A sondagem mais recente da CNN

dá 16 pontos de vantagem a Joe Biden,

mas o investigador diz que ainda nada está decidido.

Áudio de Tiago Moreira de Sá

A menos de um mês dos debates presidenciais,

ainda falta realizar dois debates entre Donald Trump e Joe Biden,
agendados para dia 15 e 22 de outubro.